

torna menos solúvel n'este menstuo. Não se pode attribuir a turvação que tem logar, quando se tractam a frio estes extractos pela agua, nem á albumina, nem ás resinas.

A frio a agua não pode dissolver a resina, como o ether nos tem indicado; a albumina não poderia existir com estas propriedades physicas nas substancias contendo muito tannino; o amydo igualmente, porque a frio a agua não o dissolve; não é tambem a mucilagem ou a gomma, porque o alcohol lançado em todas as proporções nos solutos aquosos feitos a frio nada precipita; é pois á sua pouca affinidade pela agua que é preciso attribuil-a.

Se a agua fria não pode, na totalidade, redissolver o extracto que com ella foi preparado, o xarope d'assucar, sem outro intermedio, dissolve completamente todos estes extractos; ou que elles sejam obtidos pelo alcohol de 21°, pela agua fria ou fervendo, a dissolução fica transparente. Esta propriedade do xarope d'assucar conheci-a em 1836. Tenho-a muitas vezes indicado a muitos dos meus Collegas, ou a seus Aspirantes, quando se queixam da pouca solubilidade do extracto de ratanhia na agua e nas bebidas.

Devo esta descoberta ao acaso: precisava do xarope de ratanhia para entregar de repente a um freguez, n'esse dia tinha terminado uma grande quantidade d'extracto que entra n'este xarope; misturei o extracto fluido ao xarope simples, e fui surprehendido agradavelmente pela sua limpidez.

Depois d'isto tenho preparado sempre este xarope, e por analogia, todos os outros que se fazem com os extractos, não dissolvendo estes um peso igual d'agua; isto não se faz preciso, mas sim no mesmo xarope.

Eis-aqui como opero: peso a quantidade do xarope simples de que tenho precisão. Exemplo: para o de ratanhia, tomo uma kilogram. (32 onças) de xarope simples, extracto secco de ratanhia 32 gram. Pulveriso o extracto em um almofariz de pedra, colloco-o no fundo d'uma cap-

sula de louça, e lanço n'ella pouco mais ou menos 250 gram. (oito-onças) de xarope d'assucar; diluo o po no xarope por meio d'uma espatula de pau, depois colloco a capsula sobre a chamma d'uma alampada de espirito de vinho, e mexo continuadamente, chegando e afastando successivamente a capsula do fogo para se não queimar, e até que o xarope entre em ebullição; logo que tem formado uma pouca d'espuma na superficie lanço tudo n'um pequeno filtro de lã que colloco sobre a capsula que tem o resto do xarope; agito-o com uma colher de prata para o misturar bem. Tudo isto se faz em alguns instantes, e com pouca despesa.

Por que tem o assucar no estado de xarope a propriedade de dissolver tambem os extractos adstringentes? Creio attribuil-o á propriedade desoxydante que elle possui. Ninguem duvida que durante a evaporação dos extractos de ratanhia e outros, não absorvem o oxygenio que pode ser causa da sua menor solubilidade. O assucar combinando-se com a agua para formar um saccharolado os desoxyda e os torna mais solveis.

Como quer que seja, é um facto bem palpavel que o xarope d'assucar dissolve muito bem estes extractos; a mesma quantidade que precisa dissolver sem crystallisar e sem perder a sua transparencia é consideravel.

Fiz dissolver 10 gram. d'extracto de tormentilla ou de ratanhia em 50 ditas de xarope simples sem o intermedio d'agua, e como o indiquei mais a cima; mas é preferivel, para dissolver esta quantidade d'extracto, empregar 90 gram. de xarope; prepara-se assim um xarope dosado que contém 1 gram. d'extracto por 10 ditas de xarope, e que é muito util para preparar as misturas ou bebidas.

Todas as vezes que os Medicos formulam uma mistura ou bebida adstringente com um d'estes extractos, deverão fazer entrar muito xarope e pouca agua distillada, por que a agua em muita quantidade turva a mistura precipitando uma parte do extracto: um pouco d'alcohol accrescentado (quando não for contraindicado) aclarece a mistura.

Se não há xarope de ratanhia concentrado, como o indicado mais acima, o melhor meio a empregar para preparar uma bebida, na qual entre o extracto de ratanhia ou de tormentilla, consiste em pulverisar o extracto, e triturar a frio com o xarope, ajunctar se for preciso algumas gottas d'alcohol, e lançar esta mistura em uma garrafa e accrescentar depois as aguas distilladas misturando bem.

*Resumo.*

1.º O ether demonstrá na ratanhia e na tormentilla uma substancia resinoidé insolúvel n'agua, mas solúvel no alcohol de 36°. E' a esta substancia mais ou menos introduzida nos extractos que é preciso attribuir a turvação das dissoluções feitas pela agua.

2.º A ratanhia escolhida, e a raiz de tormentilla, fornecem mais extracto, quando são tractadas pelo alcohol de 21º ou pela agua fervendo.

3.º Estas substancias fornecem extractos inteiramente solúveis, sendo tractados pela agua fria, mas por este meio estamos longe de lhes extrahir todo o seu principio adstringente.

4.º O extracto de tormentilla hydralcoholico, ou pela agua fervendo, contém um quinto ou menos de tannino que os mesmos dous extractos de ratanhia escolhida: assim, para substituir inteiramente a ratanhia, é preciso empregar 5 gram. d'extracto de tormentilla para 4 ditas d'aquella.

5.º O xarope d'assucar e o alcohol, são os melhores dissolventes d'estes dous extractos.

6.º Todas as vezes que se quizer dissolver um d'estes extractos no xarope, é inútil servir-se d'agua, o soluto faz-se melhor com o auxilio do calor e so no xarope.

7.º Todas as vezes que um soluto em agua fica turvo, pode tornar-se transparente ajunctando-lhe uma certa quantidade d'alcohol.

8.º Por ser ja rara a ratanhia, apparece o extracto muito falsificado. Duas porções vi eu preparadas com sub-

stancias diversãs e em que não entrava ratanhia. Um seguro meio de cortar todas estas falsificações é prescrever em lugar do extracto de ratanhia o de tormentilla que, pelo seu preço, dous terços ou menos que o de ratanhia, não offerece vantagem alguma aos falsificadores, e permite aos Pharmaceuticos fornecerem aos doentes, pouco abastados, um medicamento menos custoso, e egualmente activo como o feito com a ratanhia.

9.º Os preparados de tormentilla, distinguem-se por um ligeiro cheiro de rosas.

(*Journ. de Pharm. et de Chimie.*)

F. B. dos Santos.

NOTA DO TRADUCTOR.

Com o fim de fazer conhecer os processos pelos quaes se podem conhecer as falsificações do extracto de ratanhia do commercio, transcrevo aqui o seguinte mappa dos reactivos para isso empregados, extrahido da *Historia abbreviada das drogas simples do Sr. Guibourt*, edição de 1839.

Extracto de ratanhia 1 parte, agua fervendo 24 ditas; este soluto, que depois de filtrado, é de côr rubra carregada, ensaia-se com os reactivos seguintes:

- |                     |                                     |
|---------------------|-------------------------------------|
| Com tornasol.....   | côr rubra.                          |
| — alcohol.....      | nada.                               |
| — agua de cal....   | precipitado rubro muito abundante.  |
| — acido nitrico.... | precipitado abundante.              |
| — gelatina.....     | precipitado côr de carne.           |
| — sulphato de ferro | precipitado escuro quasi negro.     |
| — emetico.....      | precipitado encarnado.              |
| — acetato de chumbo | precipitado encarnado côr de carne. |
| — oxalato d'ammonia | precipitado.                        |
| — nitrato de baryta | precipitado corado abundante.       |

Pastilhas balsâmicas alcalinas empregadas pelo Sr. Dr. Dé-  
loux, Medico em Chefe da Marinha.

*Pastilhas balsâmicas sodicas.*

Balsamo de Tolú.....	150	gram.
Bicarbonato de soda.....	75	„
Assucar branco.....	2000	„
Gomma alcatira.....	20	„
Alcohol de 86°.....	150	„
Agua distillada.....	300	„

*Pastilhas balsâmicas ammoniacas.*

A mesma formula, substituindo unicamente o bicarbo-  
nato de soda pelo bicarbonato d'ammonia.

Solve-se a quente o balsamo de Tolú no alcohol, pas-  
sa-se por um panno, põe-se o soluto sobre o fogo, ajun-  
ctam-se 300 gram. d'agua distillada, e se aquece a ba-  
nho d'agua para volatilisar o alcohol; addiciona-se depois,  
e agitando, a gomma alcatira subtilmente pulverisada,  
de maneira que faça uma mucilagem espessa: pulverisa-se  
em separado e se passa pelo tamis fino o assucar e o bi-  
carbonato de soda ou o d'ammonia, forma-se a pasta em  
um almofariz; e, ajunctando-lhe a mistura, divide-se en-  
tão em pastilhas de 1 gram. Estas pastilhas devem ser  
enxutas a uma temperatura pouco elevada, para não de-  
compôr o bicarbonato alcalino se não pela reacção dos prin-  
cipios do balsamo de Tolú sobre este sal; do que resulta-  
ria um sabor desagradavel.

O Auctor prefere o sesquicarbonato d'ammonia ordina-  
rio, preparado ha muito tempo e exposto ao ar, trans-  
formando-o assim em bicarbonato: seria porém mais pro-  
veitoso preparar especialmente este ultimo sal, e verificar  
a sua pureza chymica.

Depois d'uma longa observação clinica, concluiu o mes-  
mo Auctor que as substancias balsâmicas são, de todos  
os medicamentos, os que produzem maior proveito nas di-  
versas doenças respiratorias, e que satisfazem ás indica-  
ções mais geraes; accrescentando haver reconhecido que

os alcalinos muito conveem em algumas d'estas molestias, e que em nenhuma prejudicam.

Os resultados therapeuticos, obtidos por meio d'estas pastilhas, teem sido tão satisfactorios, que o Sr. Délioux está convencido de que se reproduzirão nas mãos dos Practicos que se resolverem a ensaiar este remedio, no tractamento especialmente das doencas dos canaes respiratorios, e no d'algumas das vias digestivas e urinarias.

(*L'Abeille Médicale.*)

J. D. Corrêa.



CHYMICA.

**Parecer da Commissão de Chymica acerca d'uma porção d'agua-ardente remettida de Faro.**

SENHORES! — A Commissão de Chymica foi remettido pelo Sr. 1.º Secretario um Officio do nosso Consocio de Faro, o Sr. João Agostinho Ferreira Chaves, que acompanhava uma garrafa lacrada e com um rotulo no qual se lia — *Para a Sociedade Pharmaceutica analysar.* — No referido Officio se acham as seguintes passagens: « Querem  
« do preparar uma porção de liquor de rosas corado com  
« a cochonilha, qual foi a minha admiração quando a agua-  
« ardente em lugar de se fazer vermelha se tornou roxa  
« escura, logo que lhe addicionei a cochonilha! Em vista  
« do que resolvi fazer uma analyse á dita agua-ardente.  
« e as minhas experiencias foram feitas da maneira se-  
« guinte:

« Distribui em cinco copos a dita agua-ardente e ao  
« 1.º ajunctei acido sulphurico pingo a pingo: precipit.º branco.  
« 2.º „ ammoniaco liquido idem idem.  
« 3.º „ acido hydrosulphurico idem negro.  
« 4.º „ iodureto de potassio idem amarello.  
« 5.º „ acido oxalico idem branco.

« Parece-me não deixar duvida alguma que é uma pre-  
« paração de chumbo no estado de acetato que a dita agua-

«ardente contém. Ensaiei tambem com alguns reactivos  
«para conhecer se existia sulphato de cal, e nada resul-  
«tou. . . . remetto essa garrafa de agua-ardente da mes-  
«ma qualidade, a fim de a apresentar á Sociedade para  
«que haja de analysal-a e dar o seu parecer a tal res-  
«peito.»

Em consequencia do que a Commissão de Chymica pas-  
sou a examinar a dita agua-ardente, e vem apresentar-  
vos o seguinte resultado :

A agua-ardente era em quantidade de pouco mais de  
meio litro.

Sabor e cheiro empyreumaticos.

Ligeiramente opalina.

Marcando 43° no alcoolometro centesimal, e na tem-  
peratura de 18°,75C; e 17,25 Cartier.

Avermelhava o papel de tornasol.

Dava todas as reacções dos saes de chumbo em disso-  
lução.

Separou-se exactamente meio litro, e o pouco liquido  
restante, evaporado com todo o cuidado até á seccura,  
deixou na capsula um residuo branco-sujo, que tractado  
pelo acido sulphurico manifestou claramente o cheiro do  
acido acetico.

Dividiu-se o meio litro de liquido em duas partes exa-  
ctamente eguaes; e precipitou-se o oxydo de chumbo, em  
cada metade separadamente, por meio do acido sulphuri-  
co diluido e puro, e cada precipitado foi lavado com alco-  
hol e calcinado e pesado, obteve-se o seguinte resultado  
medio das duas experiencias :

Sulphato de chumbo 0<sup>gr</sup>,130, o que representa 0,096  
de oxydo de chumbo por  $\frac{1}{4}$  de litro, ou 0<sup>gr</sup>,384 por litro,  
ou proxivamente 10 grãos e  $\frac{1}{4}$  por canada (medida de Lis-  
boa).

Os 0<sup>gr</sup>,384 correspondem tambem a 0<sup>gr</sup>,656 de aceta-  
to de chumbo crystallizado por litro, ou proxivamente 17 $\frac{1}{2}$   
grãos por canada.

O nosso Consocio suppõe que o oxydo de chumbo pro-  
vém dos vinhos d'onde extrahem a agua-ardente, o qual

se lhes haja addicionado para neutralisar o acido acetico que por ventura se tenha formado, e que no estado de acetato de chumbo passasse na distillação; mas é certo que com mais probabilidade se pode attribuir a outras causas: como a dissolução immediata na agua-ardente, para neutralisar a acidez que aliás ainda se manifesta pelo papel de tornasol; ou a distillação da agua-ardente contendo algum acido acetico do vinho, feita com refrigerante de chumbo; e sobre as quaes a Commissão nada pode asseverar sem mais cabal informação, fundada em observações feitas no proprio estabelecimento onde se prepara aquella liquido.

Laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 12 de Maio de 1852. — *José Alexandre Rodrigues*, Director. — *Izidoro da Costa Azevedo*. — *Vicente Tedeschi*. — *José Tedeschi*, Vogal Adjuncto.

Parecer da Commissão de Chymica acerca d'uma porção de mineral encontrado no limite da Freguezia de S. Miguel d'Acha, na estrada de Castello-Branco.

SENHORES! — Por deliberação tomada na Sessão proxima passada, foi a Commissão de Chymica encarregada de examinar um mineral remettido pelo nosso Consocio e Delegado na Idanha a Nova; o qual se encontra em um terreno collocado no limite da Freguezia de S. Miguel d'Acha, na estrada que vae para Castello-Branco.

O mineral vinha pulverisado, contendo alguns bocca-dos inteiros, nos quaes se descobria facilmente a crystallisação cubica; tinha côr cinzenta azulada e brilhante; os quaes caracteres fizeram logo reconhecer o chumbo sulphurado ou galena dos mineralogistas.

Com effeito atacado pelo acido azotico, deu sulphato de chumbo.

Dissolvido no acido chlorhydrico concentrado, produziu chlorureto de chumbo e sulphydrico.

O chlorureto de chumbo, depois de dissolvido em sufficiente quantidade d'agua, deixou uma pequena quantidade de substancia insolavel, que pelos meios ordinarios



reconhecemos ser sulphato de baryta, sem chlorureto de prata.

Fundido com carbonato de soda e nitro, deu um botão metallico, solúvel no acido azotico e que não precipitou pelo acido chlorhydrico — ausencia de prata.

Em conclusão, o referido mineral é o sulphureto de chumbo ou galena, mineral que serve principalmente para a extracção do chumbo metallico e para o verniz das louças ordinarias.

Laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 12 de Maio de 1852. — José Alexandre Rodrigues, Director. — Izidoro da Costa Azevedo. — Vicente Tedeschi. — José Tedeschi, Vogal Adjuncto.

**Relatorio e analyse chymica das Aguas, do Poço e das Aguas-Livres, existentes na Quinta do Hospital d'Alienados em Rilhafolles.**

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Enfermeiro-Mor. — Tendo sido por V. Ex.<sup>a</sup> incumbido de analysar chymicamente a Agua do Poço da Quinta do Hospital d'Alienados em Rilhafolles, por effeito de representação endereçada a V. Ex.<sup>a</sup> pelo digno Director do dito Hospital; cumpre-me apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> o relatorio circumstanciado dos meus trabalhos, bem como o resultado analytico da sobredita agua: pedindo outro sim a V. Ex.<sup>a</sup> desculpa da demora, devida não só á natureza de semelhantes trabalhos, mas tambem á impossibilidade de leval-os seguidos, em consequencia das attribuições inherentes ao meu lugar.

Observando os preceitos dos melhores Chymicos, e o que a experiencia me tem mostrado mais vantajoso na marcha e execução de trabalhos d'esta ordem; dividi a analyse em duas operações principaes: 1.<sup>a</sup> *Observações feitas na localidade*; 2.<sup>a</sup> *Trabalhos practicados no Laboratorio*.

No Laboratorio-Chymico limitei-me á analyse qualitativa das Aguas, do Poço e das Aguas-Livres, colhidas den-

tro da Quinta; não só porque levaria muito mais tempo a quantitativa, por causa das dosagens, mas por já existir esta analyse da agua das Aguas-Livres, a que procedera em 1833 uma Commissão, da qual fiz parte, nomeada por Sua Magestade Imperial O DUQUE DE BRAGANÇA; executando semelhantes trabalhos ao mesmo tempo, para me servirem de comparação nos seus resultados.

#### OBSERVAÇÕES FEITAS NA LOCALIDADE.

##### *Agua do Poço.*

O Poço está situado dentro da Quinta, a N. NE. do dito Hospital, e distante d'este 138 palmos. Está coberto com um telheiro; tem de bocca 53 palmos, e 204 de profundidade.

No dia 25 de Janeiro do corrente anno, ao meia dia, verifiquei conter d'agua 20 palmos d'altura; e, suppondo o fundo da mesma circumferencia da bocca, recebe uma porção d'agua egual a 113 pipas.

Pela meia hora da tarde do mesmo dia e á sombra, observei que a temperatura da agua era de  $+13^{\circ},33$ , sendo a do ar atmospherico de  $+10^{\circ}$ , e á pressão barometrica de 741<sup>m</sup>,67.

A agua era pouco limpida, inodora, e de sabor cru.

Consultei o que havia ácerca da natureza geognostica do terreno do Campo de Sant'Anna e suas visinhanças; porque atravessando a agua algumas das camadas d'este terreno, não podia deixar muito d'influir nos seus conteúdos.

O Barão d'Eschwege, no tomo XI., 1831, das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, diz: *que o terreno do Campo de Sant'Anna é formado de bancos calcareos marnosos, argillas plasticas, aréas verdes com marnes, e de calcareo grosseiro.*

Julguei conveniente proceder, na localidade, a um pequeno ensaio chymico da agua, que me serviu d'introdução aos trabalhos no Laboratorio; e observei o seguinte:

— Agitada, produziu bolhas que se destruíram com morosidade.

— O alcoholado de tornasol não avermelhou; indicando não possuir acido livre.

— O hydrolado calcico produziu precipitado branco, insolúvel no excesso da mesma agua; mostrando não ter acido carbonico livre.

— O acetato plumbico apresentou precipitado branco, que não ennegreceu; accusando a não existencia de gaz sulphydrico ou sulphuretos.

— O alcoholado de sabão deu abundante precipitado branco; indicando excessiva quantidade de saes calcicos ou magnésicos.

— O chlorureto calcico foi insensível; annunciando conter bicarbonatos alcalinos.

— O alcohol de 40° deu ligeira turvação branca; mostrando existirem sulphatos e carbonatos calcicos e magnésicos.

— O sulphyrato ammonico foi insensível; certificando a não existencia de saes metallicos.

— Findas estas observações e ensaio, enchi com agua um frasco de vidro bem lavado e esmerilhado, não lhe ficando dentro bôlha d'ar; e, depois de lacrado, foi conduzido para o Laboratorio-Chymico da Botica.

#### *Agua das Aguas-Livres.*

— Esta agua corre d'uma bica na Quinta e juncto ao Aque-ducto do Chafariz do Campo de Sant'Anna, na estrada da Carreira dos Cavallos; a qual bica está dentro d'uma casa quadrilonga, bem construída, que fica a E. do Hospital, na distancia de 330 palmos, e tem uma porta e tres janellas, com bastante claridade e ventilação.

— Da porta d'esta casa, que olha para o S., descem-se 24 degraus de pedra para chegar á dita bica d'agua, que corre dentro d'um tanque todo de cantaria, com 12½ palmos de comprimento, 7 de largo, e 4 d'alto; levando approximadamente 6 pipas d'agua, que sahe por uma torneira de bronze, collocada quasi no fundo do mesmo tanque, aonde se colhe a agua precisa para o Hospital.

N'esta agua encontrei as mesmas propriedades physicas, geralmente conhecidas pelas pessoas que d'ella fazem uso; isto é as de agua potavel de boa qualidade.

Observei a sua temperatura á sombra, pela uma e meia horas da tarde do referido dia 25 de Janeiro; e encontrei ter  $+ 12^{\circ},22$ , sendo a do ar atmosferico de  $+ 11^{\circ},67$ , e á pressão barometrica de  $716^m,27$ .

Submetti-a egualmente, na localidade, ao pequeno ensaio chymico, empregando os mesmos reagentes que para a do Poço; cujos resultados diversificaram um pouco, como se poderá vêr do Mappa que mais adiante offereço.

Tambem recolhi esta agua n'um frasco de vidro, com as mesmas cautelas empregadas na do Poço; o qual foi egualmente conduzido para o Laboratorio-Chymico.

#### TRABALHOS PRACTICADOS NO LABORATORIO.

As observações feitas na localidade das aguas, e os ensaios chymicos que acima deixo mencionados, habilitaram-me para entrar com mais segurança na marcha e execução da analyse qualitativa das duas aguas, do Poço e das Aguas-Livres, e bem assim na exposição dos seus resultados.

Pelo que vou expender, julgo haver apreciado sufficiente e comparativamente: 1.º as densidades; 2.º as substancias gazosas; e 3.º as substancias fixas. Entre estas substancias estão comprehendidos os acidos, as bases, os saes, e a materia organica.

#### Agua do Poço.

Tompei a sua densidade, e está para um equal volume d'agua distillada ::  $1,0010 : 1,0000$ ; á temperatura de  $+ 14^{\circ},44$ , e á pressão de  $779^m,77$ .

Medi um litro d'esta agua, deitei-a n'um balão de vidro d'equal capacidade; e, submettida á ebulição, recolhidos os gazes no aparelho hydro-pneumatico, produziu  $29^{\circ}$  dos ditos gazes, á temperatura de  $+ 13^{\circ},89$ , e á pressão de  $756^m,91$ .

Tractei estes gases, depois de frios, pela potassa cáustica, e deixaram 24<sup>o</sup> d'ar atmospherico.

Evaporei outro litro da mesma agua em capsula de porcellana, e sobre uma alampada á temperatura de 70<sup>o</sup>; e o residuo foi dessecado a banho d'agua de 95<sup>o</sup>. A capsula havia sido tarada; durante a evaporação esteve coberta com papel joseph, e, depois de sêcco o residuo, foi bem limpa pela parte exterior, e pesada outra vez, deduzida a tara, mostrou conter substancias fixas 1<sup>sr</sup>.53.

Tractei estas substancias com 350 grammas d'agua distillada, á temperatura de 70<sup>o</sup>; e, depois de filtrada a parte solúvel, submetti-a á acção de varios reagentes, como se segue:

Introduzida no aparelho de Marsh, convenientemente ensaiado, e cortada a chamma do hydrogenio com uma pequena capsula de porcellana, não apresentou mancha ou nodoa alguma arsenical.

Acidulada com acido azotico e tractada pelo azotato argéutico — precipitado branco abundante, solúvel na ammonia; accusando conter grande porção d'acido chlorhydrico (chloruretos).

Acidulada com acido sulphurico em excesso, e tractada com o sulphato ferroso — insensível; indicando a não existencia d'acido azotico (azotatos).

Acidulada com acido chlorhydrico, e tractada com o chlorureto barytico — precipitado branco abundante; mostrando haver grande quantidade d'acido sulphurico (sulphatos).

A gomma d'amydo e a agua recentemente oxygenada, pelo processo de Alvaro Reynoso — não offereceu coloração azul; mostrando a ausencia d'iodo.

O ether sulphurico e a agua recentemente oxygenada, pelo mesmo processo de Reynoso — não apresentou coloração avermelhada; accusando não conter bromio.

O chlorureto e oxalato ammonicos — precipitado branco muito abundante; provando a existencia de grande quantidade de saes calcicos.

Separei este precipitado pela filtração, e dividi o liquido filtrado em duas porções. Tractei uma d'ellas com o phosphato ammonico, que deu precipitado branco, indicando a existencia de saes magnésicos; e a outra foi evaporada até á seccura, e calcinada até completa decomposição dos saes ammonicos: dissolvi então o residuo da calcinação em agua distillada, e com a agua de baryta precipitei a magnesia e o acido sulphurico.

Havendo separado este precipitado pela filtração, eliminei o excesso da baryta pelo carbonato ammonico; em seguida filtrei outra vez, e o liquido foi evaporado até á seccura e calcinado. Solvi este residuo calcinado em agua distillada, e tractei-o:

Com o chlorureto platinico e alcohol de 40° — insensivel; accusando a ausencia de saes potassicos.

Com o antimoniato potassico granuloso, recentemente solvido n'agua distillada — precipitado branco crystallino; indicando a presença de saes sodicos.

Tractei a parte insolavel na agua distillada pelo acido chlorhydrico, que foi dissolvida incompletamente e com effervescencia.

Neutralisei com ammonia o excesso d'acido existente na parte solavel pelo acido chlorhydrico; tractei-o com o oxalato ammonico, que deu precipitado branco muito abundante; mostrando a presença de grande quantidade de saes calcicos.

Filtrei este precipitado, e o liquido restante tractei-o:

Com o phosphato ammonico — precipitado branco; denotando conter saes magnésicos.

Com o cyanureto ferroso-potassico — ligeira coloração azul; indicando vestigios de saes ferricos.

Tractei a quente os residuos insolaveis, na agua distillada e no acido chlorhydrico, com um soluto de carbonato potassico; filtrei este liquido, que com o chlorureto barytico produziu precipitado branco, e o residuo d'esta operação, submettido á acção do acido chlorhydrico, dissolveu-se ainda em parte com effervescencia. Neutralizado o excesso d'acido pela ammonia, tractei-o com o oxa-

lato ammonico, que produziu precipitado branco, accusando assim tudo a presença de sulphato calcico.

Finalmente, reconheci que a outra parte insolúvel, ou o residuo de toda a precedente operação, era formado de silica e materia organica.

#### *Agua das Aguas-Livres.*

Submetti esta agua, colhida na sobredita bica, ás mesmas operações chymicas, e ao mesmo tempo em que o foram as do Poço. Para não tornar prolixo este relatorio, limitar-me-hei a apresentar aqui alguns dos resultados mais essenciaes; reservando os outros para o precitado Mappa.

A sua densidade está para um egual volume d'agua distillada: : 1,0002 : 1,0000, á temperatura de + 14<sup>o</sup>,44, e á pressão de 779<sup>m</sup>,77.

Um litro d'esta agua produziu 33<sup>cc</sup> de gazes, á temperatura de + 13<sup>o</sup>,89, e á pressão de 756<sup>m</sup>,91.

Tractados estes gazes pela potassa caustica, deixaram 25<sup>cc</sup> d'ar atmospherico.

Outro litro da mesma agua, evaporada até á secura, apresentou substancias fixas 0,8<sup>g</sup>,3.

#### CONCLUSÃO.

Em presença das observações e analyses a que submetti a Agua do Poço da Quinta do Hospital d'Alienados em Rilhafolles, julgo-a não potavel, e impropria para alimentação; podendo comtudo ser empregada em quaesquer outros usos. As razões em que me fundo, são:

- 1.<sup>a</sup> Pelo sabor cru que ella tem;
- 2.<sup>a</sup> Pela maior densidade que a das Aguas-Livres;
- 3.<sup>a</sup> Pela muita quantidade de substancias fixas que apresenta;
- 4.<sup>a</sup> Pela grande porção de sulphato calcico que contém;
- 5.<sup>a</sup> Porque so podem ser consideradas potaveis, as aguas que, posto não sejam propriamente mineraes e não

tenham sabor ou cheiro repugnantes, não deixam todavia, pela evaporação d'um litro, residuo fixo que exceda a 0<sup>gr</sup>,4, e em cuja composição não entra o sulphato calcico em grande quantidade.

Eis-aqui, Ex.<sup>mo</sup> Sr., o resultado dos trabalhos de que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou encarregar-me; e muito satisfeito ficarei, se merecerem a approvação de V. Ex.<sup>a</sup>

Lisboa e Botica do Hospital de S. José, em 19 de Março de 1852. — José Dionysio Corrêa, Administrador.

Da alcalimetria, ou dos meios proprios para reconhecer o grau de riqueza em alcali puro nas potassas, sodas, lixivias, cinzas, e em geral nas substancias alcalinas.

Todas as sodas ou potassas do commercio contem, além dos alcalis e seus carbonatos, uma quantidade variavel de materias estranhas: o emprego d'estes alcalis e carbonatos, sendo de um uso quasi infinito na industria, e mesmo na economia domestica, cumpria procurar e determinar meios proprios para reconhecer de um modo preciso suas qualidades respectivas. Deve-se a M. Descroizilles um instrumento que elle denominou *alcalimetro*, que pode ainda vir a ser muito aperfeiçoado, e que entretanto, pela preciosa vantagem de dar resultados satisfactorios de uma maneira facil e prompta, tem sido preferido a outros apparatus do mesmo genero: este instrumento é baseado na quantidade de acido sulphurico, que é preciso empregar para que esses alcalis passem ao estado de sal neutro (1).

O *alcalimetro* de Descroizilles, que o auctor tambem denominou *polymetro chymico*, por causa da diversidade de operações a que se pode prestar, é formado de uma pro-

(1) Chamam-se *sales neutros* aquelles em que as propriedades, tanto acidas como alcalinas, se acham completamente neutralizadas. Reconhece-se este estado empregando o xarope de violetas, que não deve alterar-se em sua cor: se domina o acido o xarope toma uma cor avermelhada, e se é o alcali que se acha em excesso, a cor torna-se esverdeada. Deve-se antes de empregar o xarope, assegurar-se de sua boa preparação: isto se faz reagindo com um pouco de acido mui diluido, e com um alcali muito esfraquecido; se a cor do xarope não se altera, como acabamos de indicar, cumpre rejeital-o.



**MAPPA analytico e comparativo das Aguas, do Poço e das Aguas-Livres, existentes na Quinta do Hospital d'Alienados em Bilhafolles.**

	<i>Agua do Poço.</i>	<i>Agua das Aguas-Livres.</i>
ANALYSE QUALITATIVA.	Phenomenos produzidos.	
<i>Observações feitas na localidade.</i>		
Estado.....	Pouco limpida.	Limpida.
Cheiro.....	Nulló.	Nulló.
Sabor.....	Cru.	Franco e agradável.
Temperatura da agua.....	13°,33	12°,22
— do ar atmospherico.....	10°	11,67
Pressão barometrica.....	741, <sup>m</sup> 67	716 <sup>m</sup> ,27
Agitada, produziu bolhas que se destruíram com Alcoolado de tornasol.....	Morosidade. Insensível.	Muita facilidade. Avermelha mui ligeiramente.
Hydrolado calcico.....	Precipitado branco.	Precipitado branco.
Acetato plumbico.....	Idem.	Idem.
Alcoolado de sabão.....	Precipitado branco abundante.	Ligeira turvação branca.
Chlorureto calcico.....	Insensível.	Ligeiramente sensível.
Alcohol de 40°.....	Ligeira turvação branca.	Insensível.
Sulphyrato ammonico.....	Insensível.	Idem.
<i>Trabalhos practicados no Laboratorio.</i>		
Densidade { está para um equal volume d'agua distillada.....	:: 1,0010 : 1,0000	:: 1,0002 : 1,0000
{ á temperatura de.....	14°,44	14°,44
{ e á pressão de.....	779 <sup>m</sup> ,77	779 <sup>m</sup> ,77
{ gazes.....	29 <sup>cc</sup>	33 <sup>cc</sup>
Um litro { á temperatura de.....	13°,89	13°,89
d'agua { e á pressão de.....	756 <sup>m</sup> ,91	756 <sup>m</sup> ,91
produziu { ar atmospherico.....	24 <sup>cc</sup>	25 <sup>cc</sup>
{ substancias fixas.....	1 <sup>gr</sup> ,53	0, <sup>gr</sup> .3
<i>Parte soluvel na agua distillada.</i>		
Acido azotico e azotato argenticó.....	Precipitado branco abundante.	Precipitado branco.
— sulphurico em excesso e sulphato ferroso.....	Insensível.	Insensível.
— chlorhydrico e chlorureto barytico.....	Precipitado branco abundante.	Precipitado branco.
Gomma d'amydo e a agua recentemente oxygenada.....	Insensível.	Insensível.
Ether sulphurico e a agua recentemente oxygenada.....	Idem.	Idem.
Chlorureto e oxalato ammonicos.....	Precipitado br. <sup>co</sup> m. <sup>to</sup> abund. <sup>te</sup>	Precipitado branco.
Phosphato ammonico.....	Precipitado branco.	Ligeira turvação branca.
Chlorureto platinico e alcohol de 40°.....	Insensível.	Insensível.
Antimoniato potassico granuloso.....	Precipitado branco crystallino.	Precipitado branco crystallino.
<i>Parte insolúvel na agua distillada.</i>		
Acido chlorhydrico.....	Dissolução incompleta.	Dissolução incompleta.
Oxalato ammonico.....	Precipitado br. <sup>co</sup> m. <sup>to</sup> abund. <sup>te</sup>	Precipitado branco.
Phosphato ammonico.....	Precipitado branco.	Idem.
Cyanureto ferroso-potassico.....	Ligeira coloração azul.	Insensível.
<i>Parte insolúvel na agua distillada e no acido chlorhydrico.</i>		
Formada de:		
Sulphato calcico.....	Quantidade abundante.	Diminuta quantidade.
Silica.....	Vestigios.	Vestigios.
Materia organica.....	Indicios.	Indicios.



Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

veta de vidro de 8 a 9 pollegadas de altura, sobre 7 a 8 linhas de diametro. A extremidade inferior é fixada e terminada por um pé sobre que assenta, e a superior é aberta e circulada de uma orla ou rebordo saliente. O tubo deve conter de 70 a 80 grammas (2) quando muito de agua, e tem uma escala alcalimetrica dividida em 100 partes, cada uma das quaes representa meia grammata de agua. A escala, e os seus algarismos, são gravados na proveta por meio de uma ponta de diamante.

O liquor alcalimetrico ou de prova prepara-se do seguinte modo. Toma-se uma garrafa nova, que se lava bem com agua distillada, ou da chuva filtrada, e n'ella se pesam 800 grammas de agua tambem distillada: marca-se no collo da garrafa com uma ponta de diamante a altura do liquido, de que se retira metade. Toma-se tambem um frasco bem limpo e secco, e n'elle pesam-se 80 grammas, ou a decima parte do peso da agua, de acido sulphurico de 66° do areometro de Baumé. Lança-se pouco a pouco na agua da garrafa este acido, remechendo de cada vez, a fim de que o calor que se desinvolve não arrebeite o vaso: lava-se depois o frasco com a agua que se poz de parte, a qual então se reúne com a da garrafa, de modo que o liquor chegue ao traço que se deu no collo d'esta.

Para entrar nos ensaios alcalimetricos, cumpre munirse dos seguintes objectos e aparelhos: — uma porção de xarope de violetas, papel de tornasol, uma pequena balança com um peso de 10 grammas, um meio-decilímetro (3) de estanho, que pode ser substituido pelo mesmo alcalimetro, tomando na escala a divisão marcada pelo numero — 50; alguns boccaes ou vidros de experiencias, varetas e funis de vidro, e finalmente um gral tambem de vidro ou de porcellana para pulverisar as substancias que precisem d'essa operação.

(2) A grammata equivale a 19 grãos de nossos pesos. Empregamos medidas francezas por que a maior parte dos instrumentos, que se acham no commercio, são assim construidos.

(3) O litro é a unidade de capacidade para os fluidos: equivale a um cubo, cujo lado é igual á decima parte do metro ou a 3 pollegadas, 8 linhas e  $\frac{2}{15}$ . e seu peso de agua distillada é igual a 1000 grammas ou a 2 libras 5 oit. e 25 grãos.

Resta-nos indicar as operações. — E' o que passamos a fazer.

*Ensaio alcalimetricos.*

**POTASSA.** Quando se quer conhecer a força alcalina das potassas, ou antes a quantidade de alcali que ellas contem, tomam-se alguns pedaços que se misturam, e reduzem-se conjunctamente a pó: pesam-se d'elles 10 grammas (2 oit. 44 gr. e  $\frac{2}{3}$ ), que se lançam em um vidro com  $\frac{4}{5}$  de um meio-decilitro de agua, que na proveta corresponde á gradação — 40: agita-se o frasco e com uma vareta favorece a dissolução da potassa. Quando a dissolução se acha perfeitamente acabada, põe-se na pequena medida de estanho de um meio-decilitro que se acaba de encher com agua; lança-se de novo no vidro augmentando o liquor com mais um meio-decilitro de agua pura: agita-se de vez em quando, e deixa-se depois repousar. Quando o liquor se torna claro, decanta-se e enche-se a medida de estanho, que se vasa sem demora em um bocal. Feito isto, dispõe-se nas bordas de um prato muitas gottas de xarope de violetas, e enche-se o tubo do alcalimetro com o liquor de prova até ao ponto — zero: derrama-se então gotta a gotta o liquor d'este tubo no liquido alcalino que se acha no bocal, tendo o cuidado de agital-o constantemente com uma vareta, em quanto dura a effervescencia que tem logar. De vez em quando, por meio de uma lascasinha de madeira, leva-se um pouco do liquor alcalino sobre as gottas do xarope de violetas; se ellas esverdecem é signal de que ainda ha alcali em excesso, e que é preciso neutralisal-o junctando-lhe do liquor de prova. Continua-se a operação até que o liquido alcalino communique uma leve côr avermelhada ás gottas do xarope.

Suspende-se então a operação, e examina-se a que ponto da escala desceu o liquor de prova, e conta-se um grau de menos para compensar o excesso da neutralisação. O grau ordinario das potassas do commercio é de 55, isto é ellas absorvem e neutralisam 55 centesimos de seu peso

de acido sulphurico para passar ao estado de sulphato de potassa. Além d'este ponto ellas são *fortes*; e são *fracas* se o alcalimetro marca menos. E' facil por este meio conhecer o seu grau de fraqueza ou de força.

N'esta operação, tão simples como util, cada vez que se derrama do liquor de prova no liquor alcalino, desenvolve-se uma effervescencia que é devida ao desprendimento do acido carbonico do sub-carbonato de potassa, que cede este alcali ao acido sulphurico, com o qual se combina o alcali. Os que se entregam ao estudo da Chymica, sabem que os acidos avermelhecem quasi todas as côres azues vegetaes, e que os alcalis as esverdinham; ora todas as vezes que se toca o xarope de violetas (4) com o liquor alcalino, e que o xarope toma a côr verde é uma prova de que ha potassa livre no liquor, se pelo contrario elle avermelhece é signal de que todo o alcali foi saturado e que existe acido em excesso. Para que a saturação fosse exacta seria preciso que o xarope não soffresse nenhuma alteração. Na falta d'este xarope, pode-se servir do papel de *tornasol*, immergindo-o no liquor alcalino durante a experiencia: o liquor de violetas porém é preferivel. Este mesmo processo applica-se ás potassas duras, ás cinzas vegetaes, que são ricas d'este alcali, quando não são provenientes das plantas marinhas, ou das que crescem nas praias.

SODAS. As sodas experimentadas em diversas epochas, mais ou menos remotas de sua fabricação, e expostas ao ar humido, dão resultados alcalimetricos mui variaveis. E' isto devido ao sulphureto de sodio que ellas contêm, que convertendo-se em sulphato pela acção do ar, faz diminuir o grau alcalimetrico, porque o sulphato de soda não pode absorver o acido sulphurico. D'aqui é facil concluir que as sodas recentemente fabricadas devem dar maiores graus no alcalimetro. Para verificar o titulo das sodas, o melhor processo, segundo M. Descroizilles, é o que passamos a descrever. Tomam-se 10 grammas da soda tomadas do po, da

(4) Ordinariamente começam-se os ensaios depois que o nivel do liquor de prova tem descido de 40 graus.

parte exterior e da interior da massa previamente quebrada. Introduzem-se em um pequeno frasco  $\frac{2}{10}$  de um decilitro de agua, e lança-se o outro decimo em um gral com as 10 grammas de soda para as pulverisar, pisando-as por espaço de cinco minutos. Junctam-se depois mais  $\frac{2}{10}$  dos  $\frac{2}{10}$  de agua, e no fim de alguns segundos decanta-se a agua que sobrenada: torna-se a pisar o residuo, e ajunctam-se-lhe outros  $\frac{2}{10}$  de agua, que é decantada e reunida á primeira. Continua-se a operação até que se acabem os  $\frac{2}{10}$  de agua, com o resto da qual lava-se o gral e a mão. Agitam-se todos estes liquores, e filtram-se depois, e com um meio decilitro d'elle procede-se á operação de prova, comò descrevemos para a potassa. Estas operações devem ser trabalhadas com delicadeza, e deve-se dar attenção a que a soda não esteja humida, o que daria resultados muito inexactos, pois que ella absorve a humidade de 40 por cento de seu peso.

Pelo que acabamos de expôr é facil vêr de quanta importancia devem ser estes ensaios para os fabricantes de alcalis, e para aquelles que d'elles precisam. Procurámos não empregar linguagem scientifica a fim de que este artigo fosse de utilidade á maior parte, para qual essa linguagem se torna as mais das vezes de uma verdadeira confusão.

(Auxiliador do Rio de Janeiro.)

### ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA.

Centro de Documentação Farmacêutica

III.<sup>mo</sup> Sr. Grande bem faria a Humanidade o Conselho de Saúde, por via dos seus Delegados, se acabasse com a alluvião de charlatães que por toda a parte inunda este nosso territorio; pondo igualmente còbro ao grande numero de boticas illegaes que vão apparecendo. Seria demasiado extenso se pertendesse contar o que vae por esta Comarca; e por tanto terminarei dizendo que nunca se viu uma ousadia tão inaudita, . . . Oliveira de Fra-

des, em 28 de Dezembro de 1851. = *José Lino Baptista da Costa*, Membro Correspondente Nacional.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. . . . Não declaro a quem comprei a agua-ar-dente, mas torno a repetir que a Sociedade fará a sua analyse, e se achar exacto o que acabo d'expender, sc-licitará do Conselho de Saúde para que dê algumas pro-videndencias; porque estou certo que não hade encontrar so uma venda com vinhos falsificados, mas sim muitas. Estou convencido que o Conselho deve ter em muita con-sideração qualquer representação que a nossa Sociedade lhe faça em beneficio da saúde publica, que tanto carece da sua vigilancia; não so sobre bebidas e alimentos, mas sobre medicamentos, porque muitas boticas n'esta Pro-vincia estão em muito mau estado. . . . Faro, em 15 d'Abril de 1852. = *João Agostinho Ferreira Chaves*, De-legado da Sociedade.

Ill.<sup>mo</sup> Sr. . . . N'este Concelho appareceu um curandei-ro, que começou a fazer visitas a doentes, e a applicar remedios feitos em sua casa; d'este facto dei parte ao meu Administrador do Concelho, que sempre zeloso do bem de seus administrados, e puro amor da Humanidade, o mandou intimar para lhe apresentar as suas habilitações, e o resultado foi a fugida sem se saber para onde.

Na Cidade de Braga, d'onde tenho mais conhecimen-to, os tendeiros estão vendendo publicamente venenos, purgantes de todas as classes, e até mesmo a prepararem infusões de senne tartarisadas, e alguns cosimentos, como se fossem Pharmaceuticos.

Finalmente, por toda a parte se grita; e dirijo-me á nossa Sociedade para que faça o que estiver ao seu alcan-ce, para obter melhoramento a nossa Classe, e acudir-se á Humanidade. . . . S. Romão d'Ucha, em 30 d'Abril de 1852. = *Manuel Emilio Gomes da Costa*, Delegado da Sociedade.

PHYSICA.

**Synopse das observações meteorologicas do mez de Maio de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Membro Benemerito, o Sr. Dr. C. M. F. da Silva Beirão.**

Temperatura media da atmosphaera	13°,2
„ maxima „	17
„ minima „	13
Maxima variação diurna de temperatura	1
Pressão media da atmosphaera	757,78
„ maxima „	767,07
„ minima „	749,29
Ventos reinantes durante o mez	N. NE. S. SE.
Somma da altura da agua no pluviometro	1,5 <small>pol. linh.</small>
Dia mais chuvoso do mez 26	0,4
Grau medio d'humidade no hygrometro	3°,7

*Observações.*

Se compararmos este resumo das observações meteorologicas com o dos mezes correspondentes dos annos passados, notaremos apenas que o actual foi muito mais chuvoso, e ao mesmo tempo mais secco do que o costumam ser aqui em Lisboa os mezes de Maio: nota-se igualmente por via de regra que o thermometro subiu mais n'este mez do que nos annos antecedentes. Mas explicam estas variações do thermometro, do pluviometro, e do hygrometro, as grandes mudanças que as molestias apresentaram este mez, com relação á sua gravidade e lethalidade? Parece-me que não; por quanto com as condições atmosphericas, pouco mais ou menos identicas, nós vimos que



a primeira metade do mez de Maio se passou apresentando-se o estado de salubridade de Lisboa nas condições favoraveis que notámos para o mez d'Abril, e nos segundos quinze dias do mez aggravam-se todas as molestias chronicas, reapparecem as erysipelas, que ja tinham deixado d'apparecer, e a lethalidade de Lisboa augmentou muito sensivelmente! de modo que voltamos outra vez á quadra de Janeiro, e Fevereiro, e isto sem que coincidissem com esse aggravamento das enfermidades, sensiveis alterações da atmospheria. E' verdade que todos notam que a estação vae tal que não parece estarmos em Junho, que as manhãs e as noites, fora de casa, estão sensivelmente frias em relação ás horas medias do dia.

No dia 15 para 16, quando o barometro desceu rapidamente, passando de 764<sup>mil.</sup> a 754<sup>mil.</sup>, tive noticia e observei alguns casos d'apoplexia; um principalmente muito violento, e rapido. Tambem tive occasião d'observar n'este mez dous tetanos, um traumatico, ao qual a doente que o sofria ja succumbiu, e outro idiopathico, cujo paciente ainda vive.

O uso das aguas mineraes, e as sahidas para o campo vão-se retardando, em attenção ao estado pouco seguro do tempo.

N'esta lava horrorosa, que desde o meado de Maio tantas existencias tem levado consigo, tivemos o infortunio tambem de perder o nosso amigo e o nosso Consocio, o Sr. Joaquim José d'Almeida, Primeiro Secretario da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa! Uma pneumonia aguda do lado direito, a principio com uma marcha insidiosa e talvez latente, pôz termo a uma vida tão digna de muito mais dilatada duração: apenas o vi alguns momentos antes de seu passamento, ja não me reconheceu a mim, nem ao Sr. Dr. Pereira Mendes actual Presidente da referida Sociedade, que o visitava tambem pela primeira vez na sua enfermidade, que tão pouco tempo deu para os soccorros da Medicina! O Secretario infatigavel d'aquella respeitavel Sociedade não devia terminar seus dias sem que o seu Presidente, como da parte da mes-

ma, lhe dissesse o ultimo a *Deus!* assim se verificou, e é para mim summamente lisongeiro que a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa desse, na pessoa do seu digno Presidente, este publico testemunho do apreço, em que tinha a virtude, a sciencia, e sobre tudo a devoção pela mesma Sociedade do seu incomparavel Secretario. A Sociedade, esperamos nós, que hade saber honrar e apreciar a sua memoria.

Pedimos desculpa d'esta pequena digressão alheia talvez do nosso objecto, mas a que nos obrigava a amizade e a gratidão, que nos prendiam ao Sr. Joaquim José de Almeida.



PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 440, de 13 de Maio de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Foi aberta a Sessão ás 8 horas da noute, lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O nosso Consocio, o Sr. João Agostinho Ferreira Chaves, de Faro, remetteu uma garrafa com agua-ardente para ser analysada.

O Sr. 1.º Secretario deu parte á Sociedade de que a Mesa havia convidado a Commissão de Chymica para proceder á analyse, pedida pelo nosso Consocio de Faro, e apresentar hoje (se fosse possivel) o seu parecer.

O Sr. J. A. Rodrigues, como Director da Commissão de Chymica, apresentou e leu dous Pareceres. O 1.º acerca da agua-ardente vinda de Faro; e o 2.º sobre uma porção de mineral encontrado no limite da Freguezia de S. Miguel d'Acha, na estrada de Castello-Branco.

O Sr. J. D. Corrêa requereu que estes pareceres tivessem, n'esta mesma Sessão, segunda leitura e discus-

são. Deferido este requerimento, foram approvados os ditos pareceres, e bem assim que se remetterssem copias aos nossos Consocios que solicitaram as analyses, e que fossem publicados no Jornal. (Vide pag. 174 e 176.)

Tiveram segunda leitura e entraram em discussão as Reflexões sobre a Representação dos Alumnos da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, ácerca dos Exames de Pharmacia, &c., feitas pelo nosso Consocio da Covilhã; e apresentadas pela Commissão de Redacção, na precedente Sessão, para a Sociedade decidir o que julgasse mais conveniente.

O Sr. J. D. Corrêa, como Director da Commissão de Redacção, informou a Sociedade dos embaraços em que a mesma Commissão se achava para satisfazer aos desejos d'aquelle nosso Consocio, e das consequencias da publicação do referido artigo.

O Sr. M. V. Jesus disse que o artigo so poderia ser publicado no Jornal se fossem d'elle eliminadas as expressões fortes que continha.

O Sr. J. A. Rodrigues foi de parecer que o nosso Jornal, completamente scientifico, não podia admittir artigos ou reflexões que podessem dar logar a polemicas desagradaveis.

A Sociedade deliberou que não se publicasse o artigo.

Entrou em discussão a proposta do Conselho Administrativo ácerca de varios Socios incursos no disposto do §. 1.º do Art.º 23.º dos Estatutos, a fim de serem eliminados do Quadro da Sociedade.

O Sr. J. D. Corrêa pediu que (além de tantas) mais outra vez se escrevesse áquelles Consocios, para que cumprissem com os seus deveres; e se lhes fizesse outro sim constar o grande sentimento que a Sociedade tinha, sempre que se via obrigada a riscar do seu quadro qualquer Socio.

Fallaram n'esta questão os Srs., Telles Senior, Oliveira Senior, e M. V. Jesus, contra o que acabava de ser pedido pelo Sr. Corrêa, por se terem ja esgottado todos os meios compatíveis com a dignidade d'esta Associação.

A Sociedade approvou a proposta do Conselho Administrativo.

A's 9 horas e meia fechou o Sr. Presidente a Sessão.  
Vicente Tedeschi,  
2.º Secretario.

Acta n.º 441, de 27 de Maio de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 8 horas da noite abriu o Sr. Presidente a Sessão; e em seguida foi lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

Ausentando-se por algum tempo de Portugal o Sr. 2.º Secretario Vicente Tedeschi, e por impedimento do Sr. 1.º Vice-Secretario passou a substituil-o o 2.º Vice-Secretario.

O Sr. J. A. Rodrigues fez uma proposta de Candidato para Socio.

Considerada urgente esta proposta, e seguindo-se as formalidades do Regimento, foi admittido para Membro Effectivo o Sr. José Romão Corrêa Belém, Pharmaceutico em Lisboa.

O mesmo Sr. Rodrigues propoz se nomeasse uma Commissão *ad hoc*, para revêr o Programma sobre Questões Scientificas.

Approvada esta proposta, foram eleitos para esta Commissão os Srs., J. A. Rodrigues, J. D. Corrêa, e J. J. Sousa Telles.

O Sr. J. D. Corrêa apresentou varias propostas acerca da Sessão Solemne Anniversaria. — Remettidas a Commissão *ad hoc*, eleita hoje, para dar o seu parecer.

Sendo 9 horas e meia da noite levantou-se a Sessão.

Manuel Vicente de Jesus,  
2.º Vice-Secretario.

## SAÚDE PUBLICA.

### As preparações arsenicaes no tractamento da elephantiasis. (Clinica do Sr. Dr. Beirão.)

Como ha tempo a esta parte os periodicos medicos de Lisboa se tem occupado do emprego do arsenico no tractamento das febres intermitentes, e como além d'isso se tem suscitado controversia ácerca da prioridade do emprego d'este agente, n'esta, como n'outras epochas em Portugal; pareceu-me bem dizer qual o emprego, que tenho feito dos preparados arsenicaes no Hospital de S. Lazaro a meu cargo, qual o resultado que tenho obtido, e finalmente a dose e preparação, que tenho administrado; porque como todas estas cousas são essencialmente practicas, por isso as reputo altamente vantajosas.

Pelo registro da Botica do Hospital de S. José consta que a 6 de Março do corrente anno fôra pedido para o Hospital de S. Lazaro o N.º 138 do Formulario, Liqueur arsenical de Fowler, cuja formula se verá mais adiante: a 17 d'Abril do mesmo anno foram para a Clinica Medica as pilulas seguintes:

Acido arsenioso..... meio grão,

Assucar candi..... dez grãos,

triture em gral de vidro até perfeita incorporação, e depois ajunete de miolo de pão fino trinta grãos.

Triture tudo no mesmo gral S. A. até perfeita incorporação, divida em dez pilulas eguaes, e guarde o mais bem acondicionado possivel.

*Dr. Lima Leitão.*

e no dia 21 de Maio pediu-se para a Enfermaria de S. José a seguinte formula:

2.<sup>a</sup> Serie, T. III.— N.º 7.

Agua distillada..... 16 onças,  
Acido arsenioso..... 1 grão.  
dissolvido.

Pelas datas d'estas requisições se vê, que um mez antes das preparações arsenicaes serem usadas na Clinica Medica, ja eu as empregava em S. Lazaro. Quanto á Enfermaria de S. José consta-me, que antes de fazer uso da formula pedida á Botica da Casa, ja se administrava na dita Enfermaria o acido arsenioso dissolvido, mas vindo de Pharmacia alheia do Hospital.

Passando agora a expôr os casos da nossa practica, são os seguintes :

1.º *Caso.*— José Fernandes, 29 annos de idade, temperamento sanguineo, constituição robusta ; tem a elephantiasis tuberculosa ha quatro annos, soffreu em 1850 o tractamento mercurial pelo methodo endermico até á salivacão ; sob o qual tractamento fecharam ulceras, que então tinha em varias partes do corpo.

A 6 de Março do corrente anno, principiou a usar doze gottas por dia, em tres doses, do liquor arsenical de Fowler (Form. do Hospital de S. José) (\*) até ao dia 16 ; em que passou para trinta e seis gottas por dia até 11 de Abril ; de 11 d'Abril até 23 do mesmo mez tomou quarenta e oito gottas por dia, vindo assim a tomar desde 6 de Março até 23 d'Abril mil trezentas e sessenta e oito gottas do liquor arsenical, ou muito perto de quatro grãos d'acido arsenioso em mez e meio, e sem que o doente apresentasse o menor vestigio de principio d'intoxicação.

No dia 23 d'Abril fiz sangrar o doente, e o sangue submettido aos reagentes, e meios de reconhecimento das pre-

(\*)

Acido arsenioso . . . . .	} ãa 10 gr. e meio,
Carbonato de potassa . . . . .	
Agua distillada . . . . .	
ferva em um matraz para se fazer a dissolução, deixe arrefecer, e ajunte	
Alcoholato de melissa composto . . . . .	3 oitavas,
Agua distillada q.b. para que a dissolução pese . . . . .	1 libra.

parações arsenicaes, inclusivamente o aparelho de Marsh, não deu o mais leve indicio de conter um so atomo d'acido arsenioso! Egualmente as urinas do mesmo doente, obtidas a diversas horas do dia, e em diversos periodos de distancia da ingestão do liquor arsenical de Fowler não deram tambem o mais leve indicio de conter o preparado arsenical!

○ Apresento estes resultados da minha própria observação, não so porque me parece que elles podem ser muito uteis na practica, mas porque não me consta, que ninguem tenha seguido estas observações por este modo, pelo qual eu as tenho conduzido; pelo menos se alguem ja as fez, declaro com toda a franqueza, que não foi por imitação que as practiquei.

1 No dia 18 de Maio passou o mesmo doente a fazer uso de setenta e duas gottas do liquor por dia ou de 0,2 de grão d'acido arsenioso repartidos por tres doses; mas no dia 20 o doente sentiu-se incommodado com cephalalgia, oppressão epigastrica, e rubor de face; parei então com o tractamento, e apenas a suspensão do remedio foi sufficiente para que aquelles incommodos terminassem no fim de vinte e quatro a quarenta e oito horas.

— Pelo que respeita aos effeitos curativos do liquor arsenical de Fowler na elephantiasis, notei n'este infermo todos os phenomenos, que os practicos costumam apontar como effeitos das preparações arsenicaes nos casos de molestias de pelle tuberculosas, e inveteradas; a principio os tuberculos avermelham-se muito, e tornam-se lustrosos, sente-se como um prurido, ou sentimento muito particular sub-dermoideo; mas passado tempo os tuberculos murcham, atrophiam-se, mas o sentimento sub-dermoideo subsiste por tanto tempo, quanto dura o uso do medicamento, e ainda muitos dias depois de se ter suspendido o seu uso.

— N'este doente, cujas pernas estavam edemaciadas bastante; mas com aquelle edema duro, e resistente, que se assimelha á hypertrophia do tecido cellular sub-cutaneo da elephantiasis dos arabes, diminuíram muito de volume, e

os tuberculos das pernas atrophiaram-se muito mais, e mais rapidamente do que os do rosto, e tronco.

2.º *Caso*.— Manuel Russo, 31 annos d'edade, natural de Lisboa, residente em Sacavem, empregado na Fabrica de Estamparia de Chitas, onde estava mettido constantemente em agua fria até ao Joelho. Ha oito annos que percebeu os primeiros symptomas da elephantiasis, que tem augmentado successivamente, apezar do tractamento pelo mercurio, e pelo assacú, que fez em larga escala nos annos de 1849 e 1850.

No dia 11 d'Abril do corrente anno principiou a fazer uso do liquor arsenical de Fowler na dose de oito gottas, tres vezes por dia, e n'este tractamento esteve até ao dia 4 de Maio; n'este dia suspendeu-se o remedio em virtude da cephalalgia, que o doente accusou; mas no dia 11 voltou de novo a elle, tomando trinta e seis gottas por dia até ao dia 18, em que passou para quarenta e oito gottas por dia, até ao dia 27, em que parou, por causa do prurido muito incommodo, que sentia por todo o corpo; com tudo n'este os tuberculos não se tornaram mais vermelhos como no antecedente. No dia 13 do corrente Junho voltou de novo ao uso do liquor de Fowler na dose de seis gottas tres vezes por dia. Tem tomado por consequencia este doente até hoje 16 de Junho, no espaço de pouco mais de dous mezes, dezenove oitavas e dous escrupulos do liquor arsenical, ou muito proximo de quatro grãos d'acido arsenioso.

N'este enfermo, bem como no seguinte, o symptoma mais grave que se nota é a quasi insensibilidade de seus membros toracicos e pelvicos, symptoma aliás muito frequente n'estes desgraçados, e que repetidas vezes os expõem a incidentes mais ou menos graves, como as combustões, que lhes podem destruir completamente as mãos e pés, sem que estes desgraçados de tal se apercebam! Foi principalmente com as vistas de corrigir este desgraçado estado da sua sensibilidade, que eu lhe administrei o tractamento arsenical; porque as minhas idéas d'hoje acerca da causa d'esta insensibilidade são diversas d'aquel-



las, que expuz no Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa no anno passado; talvez um dia em trabalho especial diga mais amplamente como penso hoje a este respeito. Mas devo confessar ingenuamente, que as modificações que tenho podido obter com o liquor de Fowler sobre esta anomalia da sensibilidade d'estes doentes são nullas, perfeitamente nullas. Os doentes com tudo continuam ainda com este tractamento, não so porque pelo modo, porque o administro estou plenamente convencido da sua innocencia, mas porque para obter alguma melhora n'uma molestia tão rebelde, como a elephantiasis, é necessario que haja preserverança da parte do enfermo, e da parte do Medico na applicação dos meios, que se reputam efficazes. E' esta a indole da medicação alterante.

3.º Caso.— Gregorio Francisco, 23 annos d'idade, temperamento sanguineo, boa constituição, solteiro, trabalhador, e ultimamente cardador de lã, natural da Enchara. Tem gafeira ha cinco annos; insensibilidade quasi completa nos braços e pernas, dedos das mãos em semi-flexão, ulceras callosas nos pés; ainda não perdeu osso algum, a voz é natural, conserva-se inberbe.

Entrou para o Hospital de S. Lazaro em Novembro do anno passado. Em 30 d'Abril d'este anno de 1852 principiou a fazer uso do liquor arsenical de Fowler, na dose de quatro gottas tres vezes por dia; no dia 18 de Maio dobrou-se a dose, assim se conservou até 6 de Junho, em que se suspendeu o remedio em virtude de fortes dôres de cabeça, que o accometteram; sendo sangrado no dia 7 e tendo-se desvanecido a cephalalgia, no dia 18 principiou de novo a fazer uso do liquor arsenical, na dose de seis gottas tres por dia.

Tem tomado por consequinte este doente dez oitavas e um escropulo do liquor arsenical de Fowler, ou pouco mais de dous grãos d'acido arsenioso. As modificações mais importantes, que lhe tenho notado vem a ser a cephalalgia no mez de Maio, e prurido geral, e actualmente as dôres de braços e pernas; posto que ao mesmo tempo se não tenha, até hoje, desinvolvido a sensibilidade taetil

dos mesmos membros, a qual se acha, como já foi dito, quasi extincta de todo nos braços e pernas. A cephalalgia, que o doente sentiu quando se augmentou a dose do medicamento, não tenho a certeza que fosse o resultado da acção do preparado arsenical sobre o encephalo do doente, por quanto, como n'essa mesma occasião, elle esteve bastante constipado, pode muito bem ser que a cephalalgia fosse a expressão d'aquella molestia, e não effeito do medicamento; todavia suspendi-o logo, como ordenava a prudencia.

4.º Caso.— Bernardino João, 31 annos d'idade, solteiro, constituição muito deteriorada, natural de Lisboa, residente no Porto. Teve a syphilis, e sarna por diversas vezes. Ha 14 annos, que soffre de gafeira, é um dos exemplares mais característicos do mal de S. Lazaro, cheio d'ulceras, quasi aphonico, summamente deteriorado apresenta o aspecto mais repugnante, que se pode imaginar.

Este infeliz doente tem experimentado infructuosamente todos os tractamentos mais aconselhados para esta terrivel enfermidade; mas reputado incuravel, é todavia commettido de tempos a tempos de paroxismos de febres intermitentes, que o deixam n'uma prostração assustadora: e note-se que estes paroxismos não coincidem com o aggravamento de sua molestia principal, como n'outros tenho observado: parece que taes paroxismos formam nma molestia á parte independente da gafeira: estes paroxismos tem por vezes resistido por longo tempo á applicação do proprio sulphato de quinina: nos dias 25 e 26 de Maio appareceram os paroxismos, no dia 27 tomou dezoito gottas do liquor arsenical de Fowler, n'esse mesmo dia já não teve accesso, ainda tomou egual porção no dia 28, e desapareceram completamente os accessos! Suspendi o tractamento por julgar que o estado geral do infermo não podia supportar o uso dos preparados arsenicaes por longo tempo, como era mister para obter alguma modificação na sua molestia principal.

O Mappa juncto mostra synopticamente a quantidade absoluta d'acido arsenioso, que cada doente tomou, a ma-

xima quantidade em vinte e quatro horas, e os efeitos primitivos e secundarios do medicamento sobre a economia. Este Mappa, representando um mais extenso e variado quadro, pode ser d'uma vantagem practica extraordinaria, por quanto á vista d'elle se pode dirigir o practico pouco habituado ao manejo d'esta substancia, aliás muito respeitavel, a fim de proporcionar e administrar o acido arsenioso sem risco algum quando dentro dos limites alli marcados. Pode, é verdade, elevar-se a dose talvez a mais, com tudo note-se que o primeiro doente quando tomou em 24 horas 0,4 de grão d'acido arsenioso incommodou-se sensivelmente! No tractamento das febres intermitentes as doses são sempre muito menores, como se observa no 4.º Caso (Bernardino João), e o tempo pelo qual se administra tambem muito mais limitado; o risco por consequencia n'essas molestias é muito menor.

Os envenenamentos pelo acido arsenioso podem ser agudos, ou chronicos: os envenenamentos agudos com as doses medicamentosas não podem verificar-se; mas os envenenamentos chronicos são muito para receiar: as doses minimas longo tempo administradas podem dar essa forma d'envenenamento; e por isso todas as cautelas e todos os cuidados são poucos quando se administra uma substancia tão suspeita; é por esta razão que nos cumpre declarar, que julgamos temeraria e arriscada a conducta d'aquelles Medicos, que fazem por introduzir na practica popular o uso d'uma substancia, que pelo facto de ser demasiadamente barata, deve ser muito procurada e trazer consigo funestos accidentes. Que economia haverá que possa valer o risco de vida, em que se collocam immensas pessoas? Devia esta declaração á consciencia e prudencia com que a Medicina practica deve ser exercida; se lhe tirarem aquellas duas importantes qualidades, nosso nobre sacerdocio perderá toda a sua respeitabilidade e utilidade.

Casa no Largo do Caldas, em 16 de Junho de 1852.

S.<sup>a</sup> Beirão.

**MAPPA demonstrativo das quantidades do acido arsenioso tomadas, e effeitos nota- dos nos quatro doentes, que fazem objecto de nossas considerações.**

<i>Nomes dos En-fermos.</i>	<i>Quantidade absoluta.</i>	<i>Dias empregados.</i>	<i>Mazima quantidade em 24 horas</i>	<i>Effeitos primitivos.</i>	<i>Effeitos curativos.</i>
José Fernandes	4 grãos e $\frac{1}{2}$	Em 48 dias.	0,4 de grão.	Cephalalgia, prurido sub-cutaneo, rubor lustroso dos tuberculos.	Atrophia dos tuberculos e do tecido cellular das pernas.
Manuel Russo	4 grãos prox- imamente.	Em 43 dias.	0,13 de grão.	Cephalalgia, prurido geral sub-dermói- deo.	"
Gregorio Fran. <sup>co</sup>	2 grãos e uma fracção.	Em 40 dias.	0,066 de grão.	Cephalalgia, prurido, dores contusivas nos membros.	"
Bernardino João	0,1 de grão.	Em 2 dias.	0,05 de grão.	"	Desapparecimento dos paroxismos.

*S.<sup>a</sup> Beirão.*

Centro Documentação Farmacéutica da Ordem dos Farmacêuticos

## PHARMACIA.

**Formula para a cura das frictras ; pelo Sr. Margoten.**

Agua . . . . .	192 gram.
Acido sulphurico . . . . .	3 „
Tinctura d'acafrão . . . . .	15 gottas.

Humedece-se n'este liquido um chumaço em duas dobras que se applica sobre a parte doente ; operação que se renova de quatro em quatro horas , como fez observar o Dr. Gibert. Este remedio pode, como todos os outros topicos adstringentes e repercussivos, prehencher certas condições uteis no tractamento das frieiras , porém não merece o titulo pomposo de especifico poderoso , que o seu Auctor lhe dá. (*Journ. de Pharm. et de Chimie.*)

### *Emplastro d'iodureto de potassio.*

Encontra-se na Pharmacopéa de Londres a formula seguinte, que é empregada para auxiliar a resolução dos tumores indolentes :

Iodureto de potassio . . . . .	30 gram.
Insenso purificado . . . . .	180 „
Cêra . . . . .	24 „
Azeite . . . . .	8 „

Funde-se o insenso e a cêra junctamente, ajuncta-se o iodureto de potassio ja triturado com o azeite ; tira-se do fogo , agita-se continuamente até ao resfriamento , e estende-se depois no panno.

(*Journ. de Pharm. et de Chimie.*)

### *Pastilhas de sementes d'abobora , contra a tenia.*

Ha mais de trinta annos que o Dr. Mongeney chamava a attenção dos Medicos sobre as pastilhas d'abobora , como tendo-lhe constantemente conseguido bom resultado para expulsar a tenia no espaço de sete a oito horas.

tava, entre outros, casos em que todos os remedios, conhecidos até a esse tempo lhe tinham falhado, nos quaes todavia foi completo o effeito das pastilhas que indicava, e eram compostas de 90 gram. de sementes d'abobora recente, e 180 gram. de mel. Desde então muitos Medicos teem obtido felizes resultados pelo mesmo meio, e entre elles o Dr. Brunet, de Bordeaux, e o Dr. Sarramea empregando uma pastilha composta de 45 gram. de sementes tiradas de uma grande abobora (*cucurbita maxima*), juncta com 45 gram. d'assucar. Aponta-se egualmente outro caso, em que um Medico, afflicto com uma tenia que o incommodava muito, tomou á tarde 30 gram. de sementes d'abobora, trituradas com 10 gram. d'assucar, e tendo tomado doze horas depois um simples clyster, produzir 7 metros de tenia. Similhantes factos são de natureza tal que animam os practicos a prescrever em todos os casos da tenia um medicamento que, quando mesmo não fosse tão seguro na sua acção como a casca da raiz da romeira, o oleo de feto, e o kooso, deveria ser tentado sempre em primeiro logar por causa de seu diminuto preço e boa qualidade.

(*Journ. de Médecine de Bordeaux.*)

*Nova formula d'infuso de quina pulverisada.*

A Pharmacopêa Americana apresenta a formula seguinte, que considera efficaz e agradavel preparação. E' facto que no infuso ordinario a agua rouba á quina os kinos de quinino e de cinchonino, porém deixa os compostos que estes principios tomam com a cinchonina vermelha; mas pela addição do acido sulphurico aromatico quasi todos os principios activos da quina se encontram dissolvidos. Este acido sulphurico aromatico prepara-se com acido sulphurico, 60 gram.; gengibre, 30; canella, 45; alcohol, q. s. para obter 700 de liquido.

Eis a formula:

Quina vermelhada pulverisada . . . . .	30 gram.
Acido sulphurico aromatico . . . . .	4 „
Agua fervendo . . . . .	500 „

Infunde-se por espaço de doze horas, e cõa-se. Pode-se empregar em vez da quina vermelha, a amarella ou a cinzenta. (Bulletin général de Thérapeutique.)

Corréa, Junior.

**Preparação das emulsões oleosas; pelo Sr. Overbeck.**

Quando, por meio da gomma, se leva o oleo ao estado de extrema divisão na agua, obtem-se um liquido branco bem conhecido na Pharmacia sob o nome d'emulsão oleosa. A preparação d'estas emulsões não é tão simples nem tão facil como parece á primeira vista; antes exige uma manipulação que a maior parte dos practicos conhecem, é verdade porém que não tem até agora sido reduzida a regras, e que por isso mesmo se torna cada dia a causa de graves erros.

Para obter pois uma emulsão perfeita, é indispensavel observar duas condições: 1.<sup>a</sup> tomar a gomma em quantidade proporcionada ao oleo de que se pertende fazer emulsão; 2.<sup>a</sup> dar ao soluto gommoso um grau de concentração particular, que lhe permita separar o oleo convenientemente. A quantidade de gomma a empregar pode e deve variar segundo as diversas especies d'oleos; mas o grau de concentração do soluto gommoso, ou, o que vale a mesma cousa, o producto da agua de gomma, deve ser fixo e invariavel.

Isto pois, eis as regras practicas estabelecidas pelo Auctor.

Quando se quer obter uma emulsão d'oleo de ricino de um branco de leite perfeito, é preciso tomar as tres substancias nas proporções seguintes:

Gomma arabica em po. . . . .	2	oitavas,
Agua. . . . .	3	„
Oleo de ricinio. . . . .	8	„

Faz-se primeiramente a solução mucilaginosa com a gomma e agua, depois ajunta-se o oleo em forma d'um ligeiro fio, mexendo continuamente. Passado um ou dous minutos, a mistura está perfeita, e a emulsão pode en-

tão admittir, sem inconveniente, uma nova quantidade de agua.

O oleo d'amendoas doces, e a maior parte dos outros oleos, exigem a metade de seu peso de gomma, mas a agua deve augmentar na mesma relação. As novas proporções serão:

Gomma em po.....	4	oitavas,
Agua.....	6	„
Oleo d'amendoas doces....	8	„

Mistura-se primeiramente a gomma e o oleo, e deita-se em seguida a agua na proporção indicada. A experiencia tem mostrado que esta practica é preferivel.

Vê-se por tanto que o ponto importante, na preparação das emulsões oleosas, é a grande concentração do soluto gommoso, ou, em outros termos, a relação da agua com a gomma. Este producto fica constante, qualquer que seja a porção de oleo empregado; que é sempre 3 partes para 2 de gomma. Se, esquecida esta regra, se ajuncta da primeira vez uma proporção d'agua maior que a designada, obtem-se imperfeitamente a divisão do oleo; e a emulsão obtida não tem o character lactescente, sendo inutilmente que se procura restabelece-lo mexendo, ou por meio d'uma agitação prolongada.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

J. D. Corrêa.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

CHYMICA.

Observações sobre os processos empregados para reconhecer a presença da *strychnina*; pelo Sr. J. Lefort.

No numero d'Abril ultimo d'este Jornal (*de Pharm. et de Chimie*), encontra-se uma observação do Sr. Lewis Thompson, na qual declara que, misturando a *strychnina* com acido sulphurico e bichromato de potassa, obtém uma bel-



la coloração violeta, caracter que não apresentava com os outros alcaloides conhecidos.

Similhante observação acha-se inteiramente reproduzida no tomo XII., pag. 159, 1847, d'este mesmo Journal, pelo Sr. Otto, o qual certifica que ajunetando ao solum de estrychnina acido sulphurico com uma pequena porção de bichromato de potassa, se consegue uma coloração violeta muito mais brilhante do que empregando o peroxydo de chumbo, indicado pelo Sr. Marchand.

O fim d'esta observação é fazer valer os direitos de cada um n'esta pequena descoberta, e lembrar em poucas palavras alguns caracteres que podem servir para se reconhecer a presença da estrychnina.

Em um trabalho sobre as differentes colorações que os alcalis organicos são susceptiveis d'apresentar, ao contacto dos corpos oxydantes, inserto no tomo XVI., pag. 355, da *Revue scientifique et industrielle pour l'année 1844*, eis o que digo a respeito da estrychnina:

« O Sr. Marchand (de Fécamp) offereceu ultimamente um meio de reconhecer pequenas quantidades de estrychnina: fallo da coloração violeta que toma em contacto com o bioxydo de chumbo, acido sulphurico, e acido azotico. Observei porém que esta coloração, aliás muito pouco estavel, se conserva por mais tempo quando não intervem acido azotico; sendo tambem necessario empregar acido sulphurico muito concentrado, porque tanto a agua como o acido azotico, destroem esta coloração violeta, e a fazem passar em seguida ao vermelho, depois ao amarello.

« Igualmente se encontra esta coloração violeta em outros corpos oxydantes, como o bioxydo de chumbo.

« A estrychnina, perfeitamente pura e não dando nenhuma coloração pelo acido azotico, posta em contacto com o acido iodico, iodatos, e acido sulphurico, dá colorações e iodo posto a nu; e além d'isso empregando crystaes da estrychnina, apparecem colorações violetas.

« O acido chromico e os chromatos produzem com a estrychnina e o acido sulphurico colorações violetas.

« So pelo contacto da estrychnina com o sulphato vermelho de manganez, obtem-se coloração violeta.

« Os acidos chloroso, e chlorico, o chlorato de potassa, dão com a estrychnina pura e o acido sulphurico colorações vermelhas. . . »

Ainda assim, as observações dos Srs. Otto e Thompson não são menos interessantes no ponto em que veem confirmar os factos, que eu e o Sr. Marchand tinhamos ja observado.

(*Journ. de Pharm. et de Chimie.*)

Corréa, Junior.

**Memoria sobre o novo processo para preparar o ether nitroso, sobre uma substancia particular que lhe dá a côr, e sobre um novo facto chymico relativo aos nitritos; pelo Sr. R. de Grosoudry.**

O processo seguido na preparação do ether nitroso é o do Sr. Thenard; consiste, como todos sabem, em tractar directamente o alcohol pelo acido nitrico do commercio, empregando o apparelho distillatorio ordinario, e cercando o recipiente d'uma mistura frigorifica, cuja tuboladura, munida d'um tubo de segurança, communica com tres frascos de Woolf meios d'um soluto saturado de chlorureto de sodio, e cercados igualmente d'uma mistura refrigerante.

A capacidade da retorta deve ser pelo menos o quintuplo do volume da mistura do alcohol e do acido empregado, por isso que, apezar de todo o cuidado que se deve ter quando a retorta se aquece, a massa augmenta de tal forma de volume, no momento dado, que se precisa muitas vezes tiral-a do fogo promptamente e involvel-a mesmo em pannos molhados para diminuir a força da reacção, o que não deixa algumas vezes de pôr em perigo o operador, succedendo estalar a retorta.

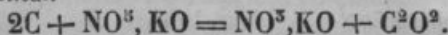
Este perigo não é o unico inconveniente; operando-se assim não se transforma em ether nitroso mais do que perto da 5.<sup>a</sup> parte do alcohol empregado, produzindo-se ao mesmo tempo agua, acidos acetico, formico, carbonico, aldehydo, desinvolvendo-se tambem bioxydo e protoxydo de nitrogenio; e este corpo por si mesmo se pode encontrar em liberda-

de quando a decomposição tem sido intima. Os diferentes corpos que acabo d'indicar procedem de ser mui viva a reacção entre o alcohol e o acido nitroso no momento dado da operação.

Mediante todo este movimento molecular, uma certa quantidade d'acido nitrico se reduz ao estado d'acido nitroso, que unindo-se, no estado nascente, ao ether hydrico, dá ether nitroso; porém em mui pequena quantidade em relação ao alcohol empregado. Julgo que se deve attribuir á electricidade o principal motivo d'esta reacção; no momento em que as diversas moléculas entram em novas combinações, neutralizam suas electricidades contrarias, partindo do desinvolvimento a enorme quantidade de calorico que occasiona o perigo d'esta experiencia. Segundo o que fica exposto julguei que devia procurar um processo, que evitando a acção mui viva do acido nitrico sobre o alcohol, não so se torna a operação sem perigo, mas transforma-se em ether nitroso, senão todo o alcohol empregado, ao menos a sua maior parte. Em consequencia fiz reagir o acido nitrico no estado nascente sobre o alcohol, ou antes sobre o ether hydrico tambem no estado nascente; mas não me dando este processo o resultado que esperava, puz o acido nitroso no estado nascente em presença do ether hydrico tambem no mesmo estado; por isso que o alcohol empregado tinha sido previamente tractado pelo acido sulphurico concentrado: por este ultimo meio obtive o fim que desejava.

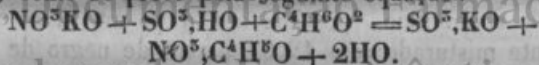
Preparei depois o nitrito de potassa, fazendo dellagnar, em um cadinho de Hesse, 100 partes de nitrito de potassa do commercio, previamente a pó mui fino e intimamente misturado com 12,07 partes de negro de fumo, que se pode olhar como carbono quasi puro; terminada a dellagração tapa-se o cadinho, tira-se do lume e deixa-se esfriar, depois do resfriamento, contém uma massa mui branca e dura, que é o nitrito de potassa com vestigios de sub-carbonato e sub-silicato da mesma base. Estes duas saes estarão em proporção tanto mais fraca, quanto a massa tiver soffrido menor calor, e que a dellagração tenha sido mais rapida.

Equação que explica a reacção; omitta-se o sub-carbonato e o sub-silicato de potassa, cuja presença é apenas accidental.



Tendo d'entrar em os detalhes d'este novo processo, julgo dever consignar aqui o novo facto chymico, que intendo ser novo: o nitrito de potassa pulverisado e mettido n'um tubo d'ensaio com sufficiente quantidade d'alcohol, a 86,06 do alcohometro, para formar acima de si uma camada d'algumas linhas d'espessura, não deixando desenvolver acido nitroso, tão facil em reconhecer-se pelo cheiro e côr, quando se tracta pelo acido sulphurico, reacção que tem sempre lugar, seja em presença da agua, ou sem ella, mas que caracteriza este genero de sal. Convém porém subtrahir o alcohol antes d'empregar o acido sulphurico. A reacção dos nitritos, tractados pelo acido sulphurico em presença do proto-sulphato de ferro, é tambem mui modificada pela presença d'uma certa quantidade de alcohol nos liquores. Com effeito, a coloração parda não apparece se não mui lentamente, e forma aureola em roda dos crystaes do sal ferroso, mas desaparece logo pela agitação do liquido.

Para preparar o ether nitroso, ponho em reacção n'uma retorta de vidro 47,50 partes d'alcohol de 85° do alcohometro, 25 partes de nitrito de potassa, e 12 de acido sulphurico de 66° do commercio; e, obrando assim, transformo em ether nitroso quasi todo o alcohol real empregado, como se prova pela seguinte equação:



*Modus faciendi*: Compõe-se o apparelho d'uma retorta, cuja tuboladura se tapa com rolha esmerilhada; a sua capacidade deve ser apenas o duplo do volume da mistura que se pde em reacção; far-se-ha communicar com o recipiente tubulado, por meio de duas alongas dispostas uma na extremidade da outra, adapta-se á tuboladura, em logar d'um tubo recto ordinario, um com duas curvaturas, cujo ramo mais comprido devendo ter ao

menos 85 centímetros de comprimento, se immerge em uma proveta cheia de mercurio. Isto não é, como se vê, senão o apparatus distillatorio ordinario um pouco modificado.

Deve-se ter todo o cuidado em que as rolhas de cortiça, que reúnem as diferentes peças d'este apparatus, não somente fechem hermeticamente, mas ainda que sejam seguras com fios e cobertas d'uma camada de luto. A retorta põe-se em um banho-maria, no qual se não deita agua senão no momento em que é necessario elevar a temperatura; o recipiente mette-se em um vaso d'agua fria, renovando-a continuamente, de sorte que esteja quasi sempre inteiramente coberto, e seria mais vantajoso se se pudesse cercar de gelo ou de uma mistura refrigerante; isto porém não é inteiramente indispensavel, por que a agua bem fria o substitue; o apparatus assim disposto, e convenientemente sustido, fixa-se por meio d'alguns apoios que sejam necessarios. O tubo, cuja extremidade se immerge no mercurio, tem por fim impedir a perda do ether, que sem esta precaução, se evolveria na atmosphaera, depois de produzir a pressão e facilitar a condensação.

Isto supposto, introduzo na retorta o nitrito de potassa em po fino, depois lanço metade do alcohol que tenho a empregar, e misturo bem tudo com uma vareta de baléa; deito por pequenas porções, a favor d'um funil, agitando muitas vezes, o acido sulphurico previamente misturado com a outra parte do alcohol, e depois do completo resfriamento da mistura.

Não se desinvolvem então mais do que algumas bolhas d'acido carbonico, e nenhum atomo d'acido nitroso, o liquido perfectamente incoloro, e não ha reacção alguma apparente, nem mesmo elevação sensivel da temperatura da mistura. Rolhada a retorta, abandona-se tudo a si mesmo, no laboratorio e á temperatura ordinaria, que não deve exceder então a  $+ 10^{\circ}$ , quando a experiencia se tem feito e muitas vezes repetido. Deve-se ter cuidado em agitar a mistura de oito em oito horas, a fim de mudar os pontos de contacto, e facilitar a reacção. No

fim d'oito horas, quando se destapa a retorta pela primeira vez, ja o cheiro particular a ether nitroso é um pouco apreciavel; mas vinte e quatro horas passadas, e no momento de a destapar de novo para agitar a mistura, espalha-se pelo laboratorio um cheiro forte de maçãs rainetas. No fim de 48 horas de contacto, deito no banho-maria agua á temperatura de  $+ 30^{\circ}$ , e a mantenho proxima a esta temperatura; então o ether nitroso não tarda a distillar e passar para o recipiente, onde ja uma pequena quantidade se tem condensado.

A operação deve-se conduzir mui lentamente, sem elevar a temperatura do banho além de  $+ 35^{\circ}$ . Logo que se esgottou o liquido da retorta, e que a massa parece meia solida, retiro, ajudado d'um siphão, todo o liquido condensado no recipiente; depois deito na retorta agua a  $+ 45^{\circ}$ , bastante para cubrir a massa salina até perto de  $\frac{1}{2}$  pollegada; misturo bem tudo com um agitador, e continuo a distillação, elevando a temperatura do banho de  $+ 45^{\circ}$  a  $50^{\circ}$ ; e, operando assim, obtenho no recipiente uma nova quantidade d'ether nitroso, um pouco menos puro do que o primeiro. O liquido que resta na retorta, e do qual, pelo resfriamento, se deposita sulphato de potassa crystallisado, é amarello e tem um cheiro nitroso mui forte, assimilhando-se um pouco ás materias gordas que principiam a rançar. A sua côr, assim como o cheiro, procedem em grande parte d'uma substancia particular, ácerca da qual ainda heide dizer algumas palavras.

Em vista do que deixo exposto, é evidente que por este processo o operador não corre perigo algum, pois que é sempre senhor da sua experiencia, que deve conduzir com lentidão se quizer obter um bom producto. Quanto ao maior rendimento em ether nitroso, assegurar-se-ha facilmente, depois de verificar, o ether obtido, e achará que pesa mais de  $\frac{2}{3}$  do peso d'alcohol empregado. O ether nitroso assim preparado avermelha apenas o papel de tornasol, e não precisa, a maior parte do tempo, que d'uma distillação á temperatura de  $+ 20$  a  $22^{\circ}$  ao mais, se a operação tem sido convenientemente conduzida para ser

puro. N'este caso não avermelha o papel de tornasol, é perfeitamente incolor, e espalha um cheiro mui suave dos pomos acima ditos.

O ether nitroso purificado não avermelha, como disse, o papel de tornasol no momento em que se põe em contacto; mas não tarda em avermelhar pela exposição ao ar, demonstrando-se pouco a pouco á maneira dos acidos fortes. Esta reacção é o resultado da decomposição do ether nitroso debaixo da influencia do oxygenio do ar, que faz, sem duvida, passar o acido nitroso ao estado d'acido nitrico, pondo em liberdade o ether hydrico.

Por este motivo deve-se este corpo conservar em frascos esmerilhados e bem tapados, a fim d'evitar todo o contacto com o ar atmospherico, e seria bom que os frascos fossem pequenos. Quanto á segunda porção d'ether obtido, é mui acida e muitas vezes corado em amarello, sobre tudo se a temperatura do banho tem sido levada um pouco mais longe. Para o purificar tracta-se em um frasco esmerilhado por um decimo do seu peso de sub-carbonato de potassa puro, e em pó mui fino, agitando muitas vezes o frasco com cuidado, para multiplicar os pontos de contacto e deixar evolver de cada vez o acido carbonico que se desinvolve pela agitação. Ao fim d'hora e meia, ou mais, se o liquido ainda se conservar acido, procede-se á distillação como fica dito, que se repetirá diferentes vezes se for necessario; obtendo assim uma nova quantidade d'ether nitroso perfeitamente puro. Dever-se-ha obrar da mesma forma com o primeiro liquido ethereo, retirado com o siphão no caso que esteja acido. Em todo o caso o frasco não deverá ser occupado mais do que até um terço da sua capacidade.

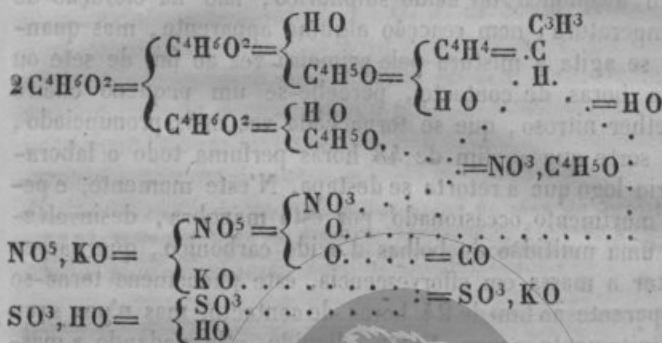
O ether, assim obtido, é perfeitamente incolor, ainda que os auctores lhe deem por caracter uma coloração amarellada; mas esta côr designa a sua impureza, por isso que tem em dissolução uma substancia particular que eu olho como um novo carbureto hydrico.

Este corpo isolado tem a forma d'uma substancia oleaginosa amarella, um pouco avermelhada, tendo cheiro

particular assimilando-se ao das materias gordas expostas por um certo tempo á acção do ar humido; é um cheiro, em fim, como o do ranço misturado com alguma cousa aromatica. Este cheiro é de tal forma persistente, que tocando-se esta materia com os dedos ficam por muito tempo impregnados d'elle; esta substancia é mui soluvel nos ethers e no alcohol. Tendo apenas á minha disposição uma pequena porção d'ella não pude fazer a seu respeito maior estudo, appliquei-me a obtel-a, tractando pelo ether hydrico o residuo resultante da evaporação expontanea ao sol, debaixo d'uma campanula guarneçada de cal viva, do liquido amarellado que sobrenada, os crystaes de sulphato de potassa, depois da preparação do ether nitroso; ou tractando da mesma maneira o residuo da purificação d'este mesmo ether, quando tendo aquecido um pouco durante a sua preparação, se torna corado; o liquido ethereo que resulta, sendo abandonado á evaporação expontanea, como acima disse, o liquido amarellado, do qual o sulphato de potassa se deposita, deixa este corpo no estado de pureza no fundo da capsula, tendo-se desinvolido inteiramente o ether. Preparei depois o ether nitroso empregando o nitrato de potassa do commercio em lugar do nitrito, obrando absolutamente como acima, e operando com o mesmo aparelho. Este processo deu um bom producto, porém em menor quantidade que o precedente, ao qual eu dou por conseguinte a preferencia. Forma-se é verdade mais quantidade de carbureto hydrico, que quasi sempre colora o ether em amarello, e o producto é tambem um pouco mais acido; mas, depois de purificado convenientemente, obtem-se um bom ether nitroso. Julgo este processo mui bom e preferivel ao do Sr. The-nard, por isso que se opera sem perigo, e que se obtém mais ether e mais puro. As preparações para preparar o ether nitroso por este processo, são as seguintes: Nitrato de potassa 57,48 partes, acido sulphurico de 66° do commercio 25,89 partes, alcohol de 86° do alcohometro 116 partes.



*Theoria da reacção.*



Equação resumindo a theoria precedente:  $2\text{C}^4\text{H}^6\text{O}^2 + \text{NO}^5, \text{KO} + \text{SO}^3, \text{HO} = \text{SO}^3, \text{KO} + \text{NO}^3, \text{C}^4\text{H}^5\text{O} + 5\text{HO} + \text{C}^3\text{H}^3 + \text{CO}$ .

Em vista d'isto é facil de ver que a reacção é muito mais complicada do que pelo primeiro processo; um equivalente d'alcohol se perde pela etherisação, pois que debaixo da influencia do acido nitrico, transformando-se em acido nitroso, reduz-se em agua, acido carbonico, e carbureto hydrico, que constitue a substancia oleaginosa de que fallei.

*Methodo d'operar por este processo.*

Tendo misturado com as devidas precauções, vista a elevação da temperatura, o alcohol e acido sulphurico, deita-se a mistura, depois do completo resfriamento, na retorta tubulada, tendo previamente disposto o apparelho como acima se disse. Introduce-se na retorta, pouco a pouco e por pequenas quantidades, o nitrato de potassa em po mui fino, mexendo a mistura com vareta de baléa, a fim de multiplicar os pontos de contacto; tapa-se a retorta e se abandona tudo a si mesmo mediante tres dias no laboratorio, cuja temperatura não excederá de  $+15^\circ$ ; ter-se-ha o cuidado d'agitar a mistura d'oito em oito horas, para facilitar a reacção mudando e multiplicando os pontos de contacto.

No momento em que se deita o nitrato potassico no soluto alcoolico do acido sulphurico, não ha elevação de temperatura, nem reacção alguma apparente, mas quando se agita a mistura pela primeira vez ao fim de sete ou oito horas de contacto, percebe-se um pequeno cheiro d'ether nitroso, que se torna cada vez mais pronunciado, de sorte que ao fim de 48 horas perfuma todo o laboratorio logo que a retorta se destapa. N'este momento, e pelo movimento occasionado por esta manobra, desinvolvese uma multidão de bolhas d'acido carbonico, que parece estar a massa em effervescencia, este phenomeno torna-se apparente ao fim de 24 horas de contacto, mas n'um grau infinitamente menor. Então o liquido, sobrenadando a massa salina, cora-se fortemente em amarello. Ao fim de 60 a 72 horas de contacto da agua á temperatura de  $+ 25$  a  $30^{\circ}$ , põe-se no banho-maria que se conserva n'esta temperatura; o ether nitroso não tarda em distillar para o recipiente sobre o que alli se havia ja condensado. A operação deve caminhar lentamente se se quizer obter um bom producto. Para o fim da experiencia, isto é quando a maior parte do liquido tiver passado para o recipiente, pode-se elevar a temperatura do banho a  $+ 50^{\circ}$ , devendo-se tirar primeiramente o liquido condensado no recipiente.

Terminada a operação, o que se conhece quando se não desinvolve mais acido nitroso, procede-se á purificação e rectificação como acima fica indicado para o ether nitroso obtido a favor do nitrato potassico.

O volume da mistura não augmenta sensivelmente, o operador não se expõe a perigo algum, tendo aliás muita facilidade em conduzir a sua experiencia, não precisando mesmo estar presente a maior parte do tempo.

Todos os nitratos poderiam servir para esta operação; dei a preferencia ao de potassa por ser o mais barato, e mais abundante no commercio. Todos os nitritos podiam substituir o de potassa; mas aquelles cujas bases teem pouca affinidade entre si, e não preencheriam bem o fim proposto. Não obstante julgo dever preferir-se o de

potassa, por isso que sendo, senão o mais estavel, ao me-  
nos um dos mais proprios para se fazer a preparação com  
facilidade e economia. (J. de Chimie Médicale.)

H. J. de Sousa Telles.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Junho de  
1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo De-  
monstrador de Medicina, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. C.  
M. F. da Silva Beirão.

Temperatura media da atmospherá		17°,7
"    maxima    "		19,5
"    minima    "		15
Maxima variação diurna de temperatura		1
Pressão media da atmospherá		758,90
"    maxima    "		769,61
"    minima    "		754,37
Ventos reinantes durante o mez	NO.	O. N.
Somma da altura da agua no pluviometro		0,3
Dias mais chuvosos do mez	10, 20, e 23	0, 1
Grau medio d'humidade no hygrometro		3°,7

*Observações.*

O facto mais attendivel, que se verificou nas observações  
meteorologicas d'este mez, foi o de soprar, desde o princi-  
pio do mez até 24, constantemente o vento do quadran-  
te NO; e cousa tambem notavel: a constituição medica  
de Lisboa tambem so tomou um aspecto mais favoravel de-  
pois que os ventos principiaram a soprar de terra, espe-

cialmente do N. E' verdade que com esta mudança do vento coincidio, passados dias, outra não menos notavel, e vem a ser a da temperatura atmospherica subir, tornar-se menos variavel, e menos nublada a atmospherica, e finalmente principiar o tempo com todas as feições proprias da estação, em que estamos, o que se não tinha verificado até aos ultimos dias do mez.

O estado de salubridade da Capital foi terrivel durante mais de metade do mez; com tudo, para o fim do mez, tem apparecido menos casos graves d'infermidades, e alguns doentes tem podido vencer molestias, que tinham adquirido terrivel aspecto durante os fins de Maio e principio de Junho.

Este anno, ou antes da primavera para cá, tem apparecido mais frequentemente alguns casos de tetano: de quatro tive eu noticia, e alguns d'elles vi e tractei, tres espontaneos e um traumatico; apenas se curou um dos espontaneos, que ha de fazer objecto d'um pequeno artigo nos Jornaes scientificos de Lisboa.

Vão apparecendo actualmente algumas das febres da quadra, que os nossos antigos denominavam biliosas: o aspecto da lingua, a natureza das dejeções, a côr dos doentes, e ás vezes a falta absoluta dos signaes e dos symptomas directos, que provam uma inflammção ou mesmo uma irritação do figado, justifica aquella denominação, mais adequada do que a de hepatite, e induz menos em erro a practica dos Medicos menos versados no tractamento d'estas infermidades, a quem o nome e o juizo que fazem d'uma hepatite, os conduzia muitas vezes a uma medicina menos proveitosa e menos racional.

A Clinica medica de Lisboa principia a tornar-se sumamente laboriosa pela assistencia que é necessario fazer a um certo numero de doentes, que passam a habitar os suburbios da Cidade. Este raio, que marca o limite da fronteira até onde os nossos doentes vão residir no verão, é bastante extenso, Cintra por um lado, Oeiras por outro, Lumiar, Paço do Lumiar, e Sacavém por outro, são os pontos até onde se estendem as nossas visitas; havendo de

fazer duas visitas por dia a dous d'estes pontos menos proximos não resta tempo, nem forças para outra cousa. E que doentes vamos nós ver actualmente a estas localidades? Phtisicos que, por variadas circumstancias, não teem podido ir para a Madeira, ou para a Italia, ou que esperam a terminação do verão para emprehenderem estas ou outras viagens. Duas palavras, por tanto, ainda sobre a phtisica, como continuação do nosso artigo do penultimo numero d'este Jornal (Maio).

Tractando ainda das causas, que mais vezes desinvolvem a tuberculisação pulmonar, como phenomeno mais constante e mais importante da phtisica, eu não posso deixar de referir as febres exanthematicas, e com muita especialidade a *escarlatina*. De todos os exanthemas a *escarlatina*, e de todas as especies d'*escarlatinas* a *anginosa*, ainda mesmo simples e benigna, é aquella que mais vezes deixa depois de si o principio do desinvolvimento da phtisica. Este facto que todos nós temos observado algumas vezes, que actualmente mesmo em Lisboa se podia exemplificar com um acontecimento muito notavel, tem sido referido e notado pelos practicos mais celebres da Europa. E' por tanto necessario aconselhar muito efficazmente os paes e chefes de familia para que, na convalescença das *escarlatinas*, que houverem nos membros de suas familias, sejam severos observadores dos conselhos e instrucções dos respectivos Facultativos, não as suppondo impertinentes exigencias d'uma sciencia demasiadamente escrupulosa; antes pelo contrario, quando os doentes apresentarem predisposições para a phtisica, todos os cuidados e disveios são poucos. Depois da *anasarca* (molestia de Bright?) consecutiva á *escarlatina*, a *laryngo-bronchiite*, e a phtisica são as molestias mais frequentes.

Se a bella-dona preservera da *escarlatina*, deve ser aconselhada na presença das epidemias *escarlatinosas*, ainda por mais esta razão, a de premunir contra uma molestia, que tantas vezes deixa apoz de si outra necessariamente fatal.

Casa no Largo do Caldas, em 4 de Julho de 1852.

## REVISTA DOS JORNAES.

**Fallecimento.** — Consta, por Officio do Governador Geral da Provincia de Moçambique de 7 de Janeiro d'este anno, ter morrido o Sr. Estanisláo José de Lemos, Pharmaceutico que teve botica em Lisboa no Largo do Rato.

**Outro fallecimento.** — No dia 12 de Junho ultimo deu a alma ao Creador o nosso amigo e Collega Joaquim José de Almeida, 1.º Secretario da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Era um Cirurgião que ás mais excellentes qualidades moraes reunia um zêlo e amor pelas cousas da sciencia e pelo bem da classe, que difficilmente se poderia exceder. Os seus amigos, que eram todos os que o conheciam, sentiram profundamente a sua morte, e a Sociedade das Sciencias Medicas lastima a perca de um dos seus mais poderosos sustentaculos.

Praza a Deus que a sua alma descance na eterna gloria.

**Operação felicissima.** — No dia 26 de Maio proximo passado fez-se a operação da talha ao Sr. Manuel José Carneiro, de idade de 72 annos, o qual havia sete annos padecia da bexiga. O operador foi o nosso especial amigo o Sr. Antonio Maria Barbosa; e ajudantes os Srs. Barral, Magalhães Coutinho, Santos, Lourenço da Costa, e Sequeira Nazareth. O Sr. Barbosa practicou a talha laterisada, seguindo o processo de Boyer, modificado, com tanta presteza e perfeição que em 3 a 4 minutos a operação estava concluida. O calculo, que se extrahi, pesava dez oitavas e nove grãos. A maior circumferencia era de 4 pollegadas e 11 linhas; a menor circumferencia 3 pollegadas e 8 linhas; o cumprimento 2 pollegadas; largura 1 pollegada e 9 linhas; espessura 1 pollegada. O doente restabeleceu-se completamente em trinta dias.

**Cadêas hydro-electricas.** — Tivemos a satisfação de ser convidados pelo nosso amigo José Pereira d'Azevedo, Director da Pharmacia Barreto, para fazermos algumas experiencias electricas com estas cadêas, a fim de verificar-

mos a energia da sua acção. Effectivamente as cadêas de Pulvemacher satisfazem ás condições d'uma pilha mais ou menos forte, segundo o numero dos seus elementos, e são de muito facil applicação. O seu inventor preconisa-as especialmente para as dôres nervosas agudas, taes como dôres de cabeça, dos dentes, dôres agudas rheumaticas, em qualquer parte do corpo; para as molestias chronicas como gôta, rheumatismo, lumbago, sciatica, nevralgia facial, palpitações do coração, &c. &c. Pela nossa parte podemos asseverar que o consumo d'estas cadêas tem sido espantoso; e não nos surprehenderá se os Medicos Portuguezes confirmarem as maravilhas que d'estas cadêas dizem os estrangeiros, por quanto é opinião nossa que a electricidade poderá, quando convenientemente applicada, ser um poderoso auxiliar da Medicina.

Na Pharmacia Barreto, rua do Loreto n.º 65, onde estas cadêas se vendem, distribuem-se gratuitamente os programmas onde mui especialmente se indicam as molestias em que aproveitam, e o modo de usar d'ellas. Esperamos que os nossos Facultativos nos digam o que pensam, ou o que tem observado na sua practica acerca da applicação d'estas cadêas.

**Ensaio das pomadas contendo combinações oxygenadas de mercurio, por Bobiere.** — Funde-se a pomada a brando calor, quando está fundida lança-se-lhe uma pequena quantidade de essencia de limão, e agita-se. Passados cinco minutos lança-se na pomada, ainda fundida, tres vezes o seu volume d'ether, mexe-se, deixa-se depositar, decanta-se, lava-se duas ou tres vezes no ether, e o mercurio, que fica no fundo da capsula, pode ser dissolvido no acido azotico e submettido á analyse. O auctor recommenda este processo especialmente para as pequenas quantidades de unguentos e para os que tem pequenissimas quantidades de saes mercuriaes.

**O koozo.** — O Boletin de Medicina Cyr. y Farm. de Madrid, depois de transcrever o artigo que acerca do koozo publicou n'este Jornal o Sr. Dr. Gomes, apresenta a seguinte nota: « Porém não se julgue que o koozo seja so

um medicamento anti-tenifugo; alguns practicos (Hannon e Schmid) dam-lhe tanta importancia que creem que administrado na dose de vinte grãos em infusão em meio quartilho d'agua, algumas horas depois d'um ligeiro purgante, como o manná, é um meio efficaz para combatter o *ascaride lumbricoide*. A mesma quantidade de kooso infundida em tres onças d'agua, e dada uma ou mais lavatinas com este infuso aos que padecem de *vermes oxiuros*, produz excellentes resultados.

Alguem julga que conviria iselar o principio activo do kooso, por quanto está demonstrado que em tendo tres annos perde as suas propriedades anthelminticas, o que deve attribuir-se o não ser sempre efficaz.

Tambem usam na Abyssinia, segundo Aubert, dous outros tenifugos, que os naturaes chamam Abbatsjogo e Bissenña; o primeiro, segundo a descripção, parece ser o bolbo d'uma alliacea; o segundo é possivel que proceda de uma arvore; nenhum d'elles é conhecido na Europa. Em quanto ao preço d'este novo anthelmintico, posto que em outro tempo fosse bastante caro, depois que se tem generalisado não deixa de estar ao alcance das fortunas mais medianas.

O Sr. Abadia, referindo-se a esta substancia em uma nota que dirigiu em 2 de Fevereiro ultimo á Academia das Sciencias de Paris, diz que o kooso é um purgante drastico, que cança o estomago, e occasiona muitas vezes nauseas tão violentas, que o doente não pode digerir-o, chegando a produzir disenterias tam rebeldes que ás vezes se tornam mortaes. O Sr. Abadia prefere a musana, que não tem estes inconvenientes; esta substancia é a casca de uma arvore que cresce juncto a Macawwa, no Mar Roxo, dá-se na dose de duas onças bem pulverisada, e n'um vehiculo semi-fluido, como o mel. Administra-se duas ou tres horas antes da comida, e sem duvida se expulsará a tenia no dia seguinte sem dôres, evacuações alvinas, nem outro incommodo. Algumas vezes a cura so tem logar ao segundo ou terceiro dia.»

\*\*\*  
**Tremores de terra.** — Em Melfi e Basilicata senti-



ram-se, desde o dia 30 de Março até 2 d'Abril, quatro tremores de terra; os tres primeiros duraram dous segundos cada um, e o quarto dez segundos, terminando por um ruido surdo e bastante prolongado. Em seguida ao tremor rebentou uma grande tempestade, acompanhada de grandissimos trovões. Os abalos tinham sido anteccedidos por fortes rugidos que se ouviram para o lado da montanha do Vulture.

Em Repella, Barete, Riouero, e Venesa sentiu-se a oscilação, mas não causou desgraças. (Lei).

**Mina de bismutho sulphurado.** — Na Argelia, na vertente do norte do Atlas, descobriu-se uma muito rica mina de sulphureto de bismutho.

**Fallecimento.** — Morreu em Alemanha, de 79 annos de idade, o Dr. Carlos Henrique Pfaff, Decano dos Professores da Universidade Real de Kiel. Deixou, além de varias memorias de archeologia grega e latina, e de muitos folhetos politicos, as seguintes obras: *Da electricidade e irritabilidade animal*, em tres volumes. *Manual de Chymica analytica*; *Tractado da theoria das côres*; *Systema de materia segundo os principios da Chymica*: sete volumes em oitavo, Leipsich, 1808 a 1824.

**Extraordinario phenomeno meteorologico.** — Escrevem de Bucharest (Valaquia) ao Diario de Constantinopla em data de 27 de Fevereiro ultimo « A nossa capital presenciou por espaço de quatro dias um phenomeno admiravel. Densas nuvens, vento impetuoso do nordeste, o ceu encoberto, o horizonte inflammado e obscurecido pelos redemoinhos de po muito basto interceptavam a luz do sol. A poeira subtilissima e denegrada tinha mostras de volcanica e um cheiro forte de enxofre; cahindo sobre a neve convertia-se n'uma como resina negra ou bitume. O aspecto que representava a atmospheria era sinistro, e inspirava terror; o vulgo julgava proximo o fim do mundo. (Revista Universal Lisbonense.)

**Mina de prata.** — Lê-se na Revista Universal Lisbonense que em Almodovar del Campo, n'uma fazenda immediata á aldêa de Navacerrada, se explora uma rica veia

de galena argentifera. A beta é da potencia de doze pollegadas, termo medio, inteiramente compacta e mineralisada, descoberta n'uma extensão de mais de cem varas castelhanas da galeria de primeiro pavimento, estabelecida a dez varas da superficie; a continuação do veio confirmou-se em trabalhos abertos á profundidade de 400 varas, e vae ainda a mais de mil em que se acham os mais recentes. O termo medio dos productos em chumbo é de 50 por cento; o mineral mais ordinario dá oito onças de prata, e o superior chega a dar vinte e duas e mais onças de prata por quintal; mais do que minas de chumbo devem chamar-se de prata, pois que nas safras ou entulhos antigos acham-se galenas de 66 onças de prata em quintal de chumbo.

**Dos melhores meios hemostaticos contra a epistaxis ou hemorrhagia nasal, pelo Dr. Reveille-Parise.** — 1.º *Mechas de fios de panno de linho muito embebidas d'alcohol.* E' um estyptico muito energico, causa, quando se applica, uma impressão dolorosa, mas passageira, e em muitos casos faz parar logo o sangue. O doente, antes de empregar este meio, deve assoar-se muito bem, limpar as narinas com fios seccos, e introduzir logo as mechas molhadas em alcohol. 2.º *Uma mistura de partes eguaes de alumen e gomma arabica em po.* Soprarse com muita força esta mistura para dentro da narina onde tem logar a hemorrhagia, e depois introduzem-se mechas de fios rolados no mesmo po. Quando se queiram tirar as mechas é necessario humedecel-as primeiro muito bem com agua tepida, e convém não as tirar senão quando haja probabilidade de se não repetir a epistaxis. 3.º *Algodão em rama ou algodão cardado.* Este meio é indicado pelo Dr. Parise como o mais simples e o melhor, tomando-se as seguintes cautelas: que as narinas estejam limpas de sangue, o que se consegue assoando-se o paciente, e seccando-as com cuidado; que o algodão seja muito puro, branco, e isempto de corpos estranhos; que as mechas sejam bastantes para encher as narinas, sem que fiquem muito apertadas nem muito frouxas, por

que, no primeiro caso, o sangue não pode penetrar pelos seus interstícios, e no segundo atravessa-os facilmente e a hemorragia continúa.

**Notavel fecundidade.** — Temos presente uma carta que o Sr. Pedro Manuel d'Araujo dirigiu ao nosso Collega o Sr. Corrêa, em que lhe dá a seguinte noticia. No dia 13 de Junho uma mulher de meia idade, e empregada em trabalhos de campo, residente na freguezia de S. Bartholomeu de Tadim, a uma legoa de Braga, deu á luz de um so parto, que não foi laborioso, quatro filhos de tamanho quasi regular, dous do sexo masculino e dous do feminino. Viveram duas horas e alguns minutos.

Sousa Telles, Junior.



PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 442, de 17 de Junho de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Foi aberta a Sessão ás 8 horas da noute, lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia, e mencionou, além d'outras communicacões, 1.º uma carta de convite do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ayres de Sa Nogueira, para a Sociedade comparecer á abertura solemne da Exposição de Gados e Aves domesticas; 2.º uma participacão do nosso Consocio Honorario, o Sr. Fradesso da Silveira, offerecendo-se para o que possa ser prestavel á Sociedade, na sua viagem pela Hespanha, França, Inglaterra, &c.

O mesmo Sr. 1.º Secretario deu parte de haver recebido um Officio do Sr. Delegado da 2.ª Vara, convidando a Sociedade a analysar uns liquidos suppostos envenenados; e que a Mesa deliberara, attenta a urgencia, fossem remetidos para a Commissão de Chymica.

O Sr. Alves Leitão, nosso Delegado na Covilhã, pede á Sociedade que reconsidere a sua decisão tomada em Sessão de 13 de Maio ultimo, ácerca da publicação das Reflexões sobre a Representação dos Alumnos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Remettida á Commissão de Redacção para dar o seu parecer.

O Sr. F. B. dos Santos, do Porto, remetteu uma substancia denominada *cal branca de mercurio*, pedindo á Sociedade a sua analyse. — Remettida á Commissão de Chymica.

O Sr. 1.º Secretario lembrou que, estando a terminar o presente anno litterario d'esta Sociedade, seria conveniente requisitarem-se dos nossos Consocios os pareceres sobre as obras scientificas e as mesmas obras que tivessem em seu poder.

O Sr. Corrêa disse que lhe parecia melhor solicitarem-se unicamente os pareceres.

O Sr. Telles Junior foi d'opinião que nem as obras, nem os pareceres, deviam ser pedidos; esperando-se dos nossos Consocios as suas remessas. — A Sociedade approvou esta opinião.

Procedeu-se á eleição da Commissão do Exame de Contas, na conformidade do disposto no §. 11.º do Art. 27.º dos Estatutos; e sahiram eleitos os Srs., Loureiro, Assumpção, e Henriques Barbosa.

O Sr. Telles Junior propoz um Candidato para Socio. Admittida a proposta, e procedendo-se á votação, foi eleito Membro Effectivo o Sr. Miguel Baptista Sobrinho, Pharmaceutico em Lisboa.

O Sr. Corrêa, como Relator da Commissão *ad hoc*, eleita na precedente Sessão, para rever o Programma sobre Questões Scientificas, e para indicar a maneira como deve ter logar a Sessão Solemne Anniversaria, apresentou os respectivos Pareceres; os quaes, depois de discutidos, foram approvados.

A's 9 horas e tres quartos fechou-se a Sessão,

Acta n.º 443, de 9 de Julho de 1852.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 8 horas da noute abriu o Sr. Presidente a Sessão. Lida a Acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados; e em seguida participou á Sociedade que a Mesa recebera da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa um conyite para assistir á Sessão Funebre pelo fallecimento do seu digno Primeiro Secretario o Sr. Joaquim José d'Almeida. Eguamente participou que a Mesa tinha cumprido com os seus deveres, visitando os nossos Consocios os Srs. Azevedos, por motivo do fallecimento de sua Esposa e Mãe.

Foram presentes duas propostas para Socios; feitas uma pelo Sr. Norberto Senior, e outra pelo Sr. A. J. Marques, do Maranhão.

Admittidas, e procedendo-se á votação por espheras, foram eleitos Membros Correspondentes Nacionaes, os Srs., João Carlos de Mattos, Pharmaceutico na Ilha da Madeira, e Claudio Falcão Dias, Pharmaceutico na Bahia.

O Sr. Assumpção, por parte da Commissão do Exame de Contas, leu o Parecer da mesma, declarando ter achado todos os livros e contas com a maior clareza e regularidade, e terminando por propor se votassem agradecimentos aos Srs. 1.º Secretario e Thesoureiro.

Posto á discussão este Parecer, foi unanimemente approvado.

O Sr. Corrêa apresentou o Parecer da Commissão de Redacção, sobre o pedido do nosso Delegado da Covilhã, o Sr. Alves Leitão.

O Sr. Telles Junior, como Vogal da Commissão de Redacção, declarou os motivos porque não tinha assignado este Parecer.

O Sr. Rodrigues, como Director da Commissão de Chymica, 2.ª Serie, T. III. — N.º 7.

ca, apresentou dous Pareceres: o 1.º com a analyse do estomago e intestinos do cadaver de Francisco Rodrigues Pereira, exhumado do Cemiterio de Mafra; e o 2.º com a analyse do liquido vomitado por Maria Emilia Augusta, no Hospital de S. José.

O Sr. Presidente, consultando a Sociedade, pôz em discussão estes dous pareceres, que foram approvados; e autorisada a Mesa para os reduzir a Consulta.

O mesmo Sr. Presidente consultou a Sociedade se queria que entrasse ja em discussão o Parecer da Commis-são de Redacção, apresentado hoje.

O Sr. Rodrigues fez ver que não podia ter logar a discussão, por se não achar na sala o Sr. Telles Junior, Vogal da Commisção, que impugnara o parecer.

O Sr. J. Tedeschi disse que desejava muito que esta materia fosse hoje discutida, porque via os inconvenientes que resultavam da delonga; por quanto, se a Sociedade assentisse ao pedido do nosso Delegado, so poderia ser publicado o seu artigo no Jornal de Setembro ou Outubro.

O Sr. 1.º Secretario lembrou fazer-se saber ao nosso Consocio o estado da questão.

O Sr. J. Tedeschi foi de voto que não era necessaria para este fim uma correspondencia especial, porque pela leitura da Acta da presente Sessão o nosso Consocio ficaria sufficientemente informado.

A Sociedade deliberou não entrar hoje em discussão o Parecer da Commisção de Redacção.

O Sr. 1.º Secretario consultou a Sociedade sobre o que devia responder ao nosso Consocio de Mathosinhos, o Sr. L. V. Fortuna.

O Sr. J. Tedeschi declarou que ainda não tinha sido possivel á Commisção, encarregada do Projecto d'Instrucção Pharmaceutica, ultimar os seus trabalhos, porque a maior parte de seus Membros teem tido a seu cargo trabalhos mais importantes; e que pela leitura da Acta o nosso Consocio, o Sr. Fortuna, ficaria sabedor do que a este respeito se tem passado.

Sendo 10 horas fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Manuel Vicente de Jesus,*

2.º Vice-Secretario.

---

## DIVERSIDADES.

---

Ill.<sup>mo</sup> Sr. — Tenho a honra de submitter á consideração de V. S.<sup>a</sup>, para conhecimento da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o facto seguinte:

No Concelho de Vinhaes, na distancia de duas leguas, e na circumferencia das povoações — Val de Janeiro, Cabages, Valle de Passo, e Espinhoso — tem apparecido em varios pontos uma fera, a que o povo chama lobo damnado, a qual tem ferido e morto differentes pessoas, e varios animaes. Este lobo, segundo a descripção que pude obter dos proprios feridos, é muito differente de todos os outros lobos indigenas, tanto na côr, que dizem ser d'um amarello descorado, com algumas malhas escuras, como tambem em ser felpudo em demazia, maxime nas extremidades das orelhas, e temivel pela sua horrenda figura! Não corre seguidamente; muitas vezes volta a traz para ferir a quem o persegue. Tem apparecido grupos de seis, mas ignora-se se são da mesma especie.

No dia 30 de Março ultimo, recolhendo do campo a filha de José Maria, de Valle de Janeiro, de idade de 18 annos, proximo á povoação encontrou a fera, de companhia com mais dous lobos, e foi por ella acommettida. Conhecendo o perigo, defendeu-se com a cesta que trazia pendente no braço direito, quando a fera se lhe filou fortemente ao braço, entretendo-se os outros lobos com uma cachorrinha que acompanhava a infeliz. A dita fera, ao latido da cachorra, largou a pequena, e foi em direcção aos companheiros; então a pequena, valendo-se do auxilio da Providencia, poz-se em fuga; a fera tornou outra vez a procural-a; mas como a não encon-

trasse no mesmo sitio, seguiu o rasto em direcção a um castanheiro, aonde por fortuna se achava elevada. A fera olhou, dando signal de querer subir! mas com o susurro da gente, ou por terem os outros lobos ficado a traz, evadio-se.

Vae para nove dias que estes povos estão em perfeita perplexidade e susto; tanto assim, que ninguem quer ir para o Termo sem ser acompanhado. Consta-me que o Administrador do Concelho tracta immediatamente de tomar as precisas providencias, para dar fim a tão perigoso animal; e então espero dar mais ampla descripção, e até remetter (sendo possivel) a competente pelle, em cumprimento do que se acha disposto no §. 4.º do Art.º 21.º dos nossos Estatutos.

As Auctoridades não podem deixar de prevenir qualquer invasão d'esta fera. Até ao presente so falleceu uma menina, pelo estado em que ficou. E em quanto aos feridos estão sendo tractados pelo digno Cirurgião do Partido da Camara Municipal de Vinhaes, o Sr. Francisco Manuel Martins, que espera cural-os.

E' o que me cumpre relatar a V. S.ª, para o fazer presente á Benemerita Sociedade.

Deus Guarde a V. S.ª Rebordello, em 3 d'Abril de 1852.  
= Ill.º Sr. Henrique José de Sousa Telles, 1.º Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — O Delegado, *Francisco Bernardo Pimentel*.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos ~~Farmacêuticos~~



## PEÇAS OFFICIAES.

Acta da Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1852.

Presidencia do Sr. Antonio de Carvalho.

A's 5 horas da tarde, estando a sala cheia de Socios e Espectadores, occupou a Mesa o seu respectivo lugar.

O Sr. Presidente annunciou aberta a Sessão Solemne Anniversaria, e em seguida deu a palavra ao Segundo Vice-Secretario, Manuel Vicente de Jesus, o qual leu o seguinte Relatorio dos Trabalhos do 17.º Anno da Sociedade.

SENHORES!

Hoje, pomposo dia da nossa Sessão Solemne Anniversaria, se completa o decimo setimo anno da Instituição d'esta Sociedade, sem que n'esse longo espaço, ella tenha afrouxado na intensidade de seus Trabalhos; graças á vossa dedicação pela Sciencia e ao amor pela Humanidade.

*Gloriosa nomina illorum, qui hanc Societatem  
constituerunt, recordabitur semper hic faustus  
dies.*

Não é possivel, Senhores, que n'um dia, qual o de 24 de Julho, eu esqueça os nomes d'aquelles que, desejosos do bem da Sciencia e da Classe, conceberam a feliz ideia d'arvorar o estandarte da regeneração pharmaceutica, arrostar com todas as difficuldades, e reunir em roda do throno de Minerva esta laboriosa Classe, até esse tempo tão pouco considerada. Foi, como sabeis, Senhores, com a fundação d'esta Sociedade, e com as publicas provas de capacidade, apresentadas por seus Membros, que os Pharmaceuticos começaram a ter maior importancia, que de hoje em diante saberão sustentar; suas fronteas ornadas de louros não se curvarão jamais ante os seus oppressores; seus trabalhos, de reconhecido e manifesto valor para o Paiz, alcançarão um lugar distincto nas paginas da nossa Historia.

Cumpre-me, Senhores, apresentar-vos o relatório de todos os trabalhos pertencentes ao anno findo; estou bem certo que elle, nem ao menos attinge a perfeição, mas o pouco tempo de que pude dispor para o confeccionar, será uma garantia em meu abono, a que espero attende-reis, disculpando, benevolos, todas as faltas involuntaria-mente commettidas.

DELIBERAÇÕES.

Tendo o Sr. Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho offerecido um exemplar das suas Lições de Philosophia Chymica; a Sociedade deliberou que fosse remettido ao nosso Membro Benemerito o Sr. J. M. de Oliveira Pimentel, para sobre elle apresentar um juizo critico.

O Sr. José Tedeschi propoz que a Sociedade representasse ao Governo, pedindo que, na conformidade das leis, prohibisse ao denominado Dr. homeopathico a preparação e venda de medicamentos. Por deliberação da Sociedade foi esta proposta remettida á Commissão de Direito Pharmaceutico.

O nosso Membro Benemerito o Sr. J. M. de Oliveira Pimentel offereceu á Sociedade a analyse das aguas mine- raes do Gerez, feita pelo mesmo Sr. A Sociedade delibe-rou que este importante trabalho fosse remettido á Com- missão de Chymica para dar o seu parecer.

A Sociedade deliberou que todos os pareceres sobre Analyses Chymico-Legaes fossem dados em forma de con- sulta, e que nunca se prestasse juramento, como por ve- zes tinha sido pedido.

Tendo o Sr. Dr. José Joaquim de Sousa Pereira Cal- das offerecido um exemplar da analyse, por elle feita, so- bre as aguas ferreas de S. Thiago de Frayão; a Socieda- de deliberou que este excellente trabalho fosse á Commis- são de Chymica, para dar o seu parecer.

Tendo o Sr. Antonio Maria Barbosa pedido á Socieda- de que lhe cedesse regularmente os n.ºs, que sahisses, do seu Jornal para o Gabinete de Leitura de Sciencias Medicas, que ia estabelecer-se no Banco do Hospital de

S. José; a Sociedade não so annuiu gostosa a este pedido, mas tambem, por lembrança do Sr. J. D. Corrêa, deliberou que se lhe remetterssem desde o primeiro tomo da segunda serie.

Por proposta do Sr. Telles Junior, digno Director da Commissão de Historia Natural, determinou a Sociedade que fosse litographadas umas instrucções, feitas pela mesma Commissão, para serem remettidas aos nossos Delegados, a fim de que elles enviem para o Museu alguns exemplares de productos naturaes.

Por proposta do Sr. J. D. Corrêa a Sociedade encarregou a Mesa de redigir uma Representação ao Governo, pedindo nos conceda, por um Decreto com força de Lei, o uso-fructo de parte do edificio que a Sociedade occupa. A Mesa cumpriu a missão de que foi encarregada, e o Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino deu as mais lisonjeiras esperanças, pedindo uma estatistica de todos os trabalhos da Sociedade, para sobre elles fundar as disposições do Decreto. Por em quanto não teem sido realisados os nossos desejos, e seria talvez bem proveitoso recordar a S. Ex.<sup>a</sup> a nossa pertença, pela forma que se julgasse mais conveniente.

A Sociedade deliberou que se publicassem no Jornal todos os officios dos nossos Delegados, que tractam de abusos de Policia Pharmaceutica.

O Sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira offereceu á Sociedade a analyse d'uma agua ferrea da Ilha de S. Thomé, feita pelo mesmo Sr. A Sociedade deliberou que fosse remettida á Commissão de Chymica.

Por proposta do Sr. J. D. Corrêa officiou a Sociedade a todos os nossos Consocios Correspondentes, para que apresentassem alguns Candidatos para Membros. Foram exceptuados os que ja o tinham feito.

O mesmo Sr. propoz que a Mesa ou qualquer Socio apresentasse questões scientificas para serem tractadas em Sessões especiaes. A Sociedade, em virtude d'esta proposta, discutiu alguns pontos scientificos, e continuará a occupar-se d'este assumpto, quando a occasião o permitta.

O Sr. J. J. de Sousa Telles propoz que a Sociedade verificasse por experiencias em infermos se a pomada mercurial, preparada com o mercurio oxydado, daria na pratica o mesmo resultado que a preparada pelo methodo ordinario; e pediu á Sociedade que convidasse o Sr. Corrêa para tomar conta d'esta missão, visto estar collocado nas circumstancias convenientes para bem a levar a effeito. O Sr. Corrêa, com a sua costumada promptidão, aceitou o convite, lembrando que, para mais seguro expediente, a Sociedade officiasse n'esse sentido ao Ex.<sup>mo</sup> Enfermeiro-Mór do Hospital de S. José.

O Sr. Euzebio Pimentel Tavares, do Porto, apresentou uma proposta e bases para um Tractado elementar de Pharmacia. Ouvido o parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, a Sociedade deliberou ser um trabalho aquelle quasi impossivel para uma Associação, como bem foi demonstrado por occasião de se tractar d'este objecto.

Tendo o Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino honrado com a sua visita os estabelecimentos da Sociedade, mostrando desejo de que lhe fosse apresentado um projecto sobre Instrução Pharmaceutica; o Sr. José Tedeschi propoz que fosse nomeada uma Commissão especial e pouco numerosa, para satisfazer ao desejo de S. Ex.<sup>a</sup>

Por proposta do Sr. José Tedeschi foi a Mesa comprimentar um nosso Collega que tinha sido eleito Deputado, e da mesma forma procedeu para com todos os Consocios em egualdade de circumstancias, por proposta do Sr. J. D. Corrêa.

O Sr. Antonio Baptista Alves Leitão remetteu á Sociedade, para serem publicadas no Jornal, algumas reflexões sobre a representação dirigida ao Governo pelos Alunos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. Ouvido o parecer da Commissão de Redacção, a Sociedade deliberou que se não publicassem, para não dar logar a polemicas improprias d'um Jornal Scientifico.

O Sr. Dr. Caldas, de Braga, offereceu para se publicar, sendo possivel, uma obra sobre Zoologia, escripta pelo mesmo Sr. A Sociedade deliberou se lhe respondes-

se, que uma obra de tal natureza demandava grandes despesas, incompatíveis com as forças da Sociedade.

A Sociedade deliberou que se agradecesse ao nosso Consocio o Sr. Sousa Telles, Junior, a attenção que com esta Sociedade teve apresentando-lhe a collecção de trigos, cuja composição está estudando, para que bem evidente ficasse que as especies que elle tenciona mencionar, n'uma memoria especial, são as genuinas; e as porções de gluten de cada uma d'aquellas especies extrahido.

#### TRABALHOS DE COMMISSÕES PERMANENTES.

A *Commissão de Chymica*, de que é digno Director, o nosso muito estimado e intelligente Consocio o Sr. J. A. Rodrigues, apresentou os seguintes pareceres.

1.º Sobre a analyse da agua dos Casaes da Camará, pertencente ao Sr. Antonio Theofilo d'Araujo.

2.º A'cerca do directorio para a colheita das aguas mineraes do Reino.

3.º Sobre o ensaio chymico da agua do Casal, denominado da Casa Branca, na Freguezia de Bemfica; a requerimento do Sr. Joaquim José Pereira seu proprietario.

4.º A'cerca da Memoria e Estudo chymico da Agua mineral de S. João do Deserto em Ajustrel, feita pelo nosso digno Consocio, o Sr. J. M. de Oliveira Pimentel. A Commissão, julgando este trabalho de muito merecimento, propoz que o Sr. Pimentel fosse elevado á classe de Membro Benemerito, ao que a Sociedade unanime e satisfactoriamente assentiu.

5.º Sobre o ensaio chymico feito na agua-ardente, que á Sociedade foi enviada pelo Sr. João Agostinho Ferreira Chaves, de Faro.

6.º A'cerca d'uma porção de mineral encontrado no limite da Freguezia de S. Miguel d'Acha, e remettido á Sociedade pelo Sr. Manuel Pinheiro Ramos, nosso Delegado em Idanha a Nova.

7.º Sobre a analyse chymico-legal do estomago e intestinos de Francisco Rodrigues Pereira, fallecido em Mafra, que á Sociedade foram enviados pelo Sr. Guerra Qua-

resma, Delegado na Segunda Vara. A Commissão concluiu não ter encontrado toxico algum metallico, nem bases organicas das que actualmente se podem reconhecer pelos meios chymicos.

8.º Sobre a analyse chymico-legal d'um liquido vomitado por Maria Emilia Augusta no Hospital de S. José, e remettido á Sociedade pelo mesmo Sr. Delegado. A Commissão, em resultado dos seus ensaios, concluiu existir no liquido pequena quantidade d'um sal d'antimonio, mas que, como pelo relatorio feito pelo Cirurgião da Enfermaria, se sabia que a doente havia tomado o tartaro emetico, como vomitivo, podia bem explicar-se a presença d'aquelle sal, sem se recorrer a hypothese de envenenamento.

A Sociedade discutiu e approvou estes pareceres, mandando-os passar em forma de consulta.

Além de todos estes trabalhos, que bem revelam a pericia e assiduidade dos Membros d'esta Commissão, prosegue na analyse d'um liquido que juncto com o anterior foi enviado, bem como de differentes outras materias que lhe estão confiadas, e pelos muitos affazeres não tem podido apresentar.

A *Commissão de Historia Natural*, dirigida pelo nosso estudioso Consocio o Sr. J. J. de Sousa Telles, tem incessantemente procurado todos os meios de tornar mais rico o Gabinete confiado á sua direcção. Os serviços prestados por S. S.<sup>a</sup> n'essa qualidade são merecedores d'encomios superiores ás minhas forças, e que vós melhor podeis avaliar pelas propostas apresentadas pelo mesmo Sr. em nome da Commissão.

A Commissão apresentou o seu parecer acerca das sementes e planta denominada vomitorio purgante, que o nosso Consocio o Sr. José Maria Rebocho, das Caldas, tinha enviado á Sociedade pedindo se lhe indicasse o seu nome scientifico. A Commissão, em resultado de suas observações, concluiu que a planta conhecida pelo nome de vomitorio purgante é a *Euphorbia Lathyris* de Linneo.

A mesma Commissão foi encarregada de dar o seu pa-

recer a respeito do *Catalogus Plantarum Horti Botanici, Medico Chirurgicae Scholae Olysiptonensis*, offerecido á Sociedade pelos seus dignos Auctores, os Srs. Dr. Bernardino Antonio Gomes e Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão. Esperamos que a Commissão, logo que lhe seja possivel, nos apresentará os seus trabalhos, o que não tem feito por motivos necessariamente attendiveis.

A *Commissão de Direito Pharmaceutico*, dirigida pelo nosso mui digno Presidente o Sr. A. de Carvalho, confeccionou, com a promptidão que caracteriza o zelo de seus Membros, os pareceres seguintes, que pela Sociedade foram discutidos e approvados.

1.º Sobre a proposta para Membro Honorario, feita pelo nosso Consocio o Sr. Antonio de Sousa Dias.

2.º A'cerca da proposta do Sr. J. Tedeschi, para que ao Governo se pedissem providencias, a respeito do abuso na venda de medicamentos feita por um Dr. homeopathico. Este parecer, a pedido do auctor da proposta, ficou adiado por se ter retirado de Lisboa o Medico homeopathico.

3.º Sobre a proposta do Sr. H. J. de Sousa Telles, para serem admittidos para Socios todos os individuos da Arte de Curar.

4.º A'cerca da proposta, para Membro Honorario, apresentada pelo Sr. J. J. de Sousa Telles.

5.º Sobre a proposta, do Sr. J. D. Corrêa, para o mesmo fim.

A *Commissão de Redacção*, dirigida pelo nosso assiduo e incansavel Consocio, o Sr. J. D. Corrêa, além do arduo trabalho da redacção do Jornal, a que tem satisfeito d'um modo mui regular, apresentou um parecer acerca das reflexões sobre a representação dirigida a Sua Magestade a Rainha pelos Alumnos de Pharmacia da Escola Medico-Chirurgica de Lisboa, remettidas á Sociedade pelo nosso Consocio o Sr. Antonio Baptista Alves Leitão, da Covilhã.

TRABALHOS DE COMMISSÕES ESPECIAES.

A Commissão especial, composta dos Srs. João Manuel Ogando, Drs. Benevides e Beirão, apresentou o seu parecer sobre a *Anesthesia Cirurgica* — These defendida por seu auctor o Sr. João Felix Pereira, na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e offerecida á Sociedade pelo mesmo Sr. Este parecer, que muito honra o auctor da These, foi pela Sociedade approved; deliberando que lhe fosse enviada uma copia, e que se publicasse no Jornal.

O Sr. Dr. A. F. Benevides, para satisfazer á commissão de que a Sociedade o encarregou, remetteu uma traducção feita da Gazeta Medica de Madrid, com o titulo — *Hygiene Militar*. A Sociedade deliberou que fosse archivada.

A Commissão especial, composta de M. V. de Jesus, e os Srs. José Tedeschi e Telles Senior, apresentou o projecto para a creação d'uma Eschola Especial de Pharmacia.

Em virtude d'algumas observações feitas na occasião de ser discutido, deliberou a Sociedade que fosse devolvido á Commissão, convidando o maior numero de Socios possivel, para lhe serem feitas as emendas que se julgassem convenientes.

Por proposta do Sr. J. A. Rodrigues, foi nomeada uma Commissão, composta dos Srs. J. D. Corrêa, J. J. de Sousa Telles, e o proponente, para revêr o Programma das Questões Scientificas e apresentar o seu parecer.

A mesma Commissão, por proposta do Sr. Corrêa, foi incumbida de dar o seu parecer sobre a maneira como deveria ter logar a proxima Sessão Solemne. Ambos estes pareceres foram apresentados com a brevidade possivel, e pela Sociedade approved.

A Commissão, constituida pelos Srs. Loureiro, Assumpção, e Henriques Barbosa, apresentou o seu parecer ácerca da revisão de contas, para que foi nomeada; e tendo encontrado tudo com a melhor ordem e claresa, propoz se votassem elogios aos Srs. Thesoureiro e Primei-



ro Secretario, pelo modo porque estes illustres Funcionarios desempenham os seus deveres.

**DIFFERENTES PUBLICAÇÕES FEITAS NOS JORNAES PERTENCENTES AO ANNO FINDO.**

*Pharmacia.* Artigo sobre as preparações peitoraes compostas com os frutos do nase d'Arabia, pelo Sr. J. J. de Sousa Telles.

Diversas formulas extrahidas de varios Jornaes estrangeiros, pelo Sr. Vicente Tedeschi.

Noticia ácerca das cascas de quinas recebidas no commercio inglez. Artigo escripto e enviado á Sociedade pelo Sr. Jonathan Pereira, e traduzido do inglez pelo nosso Consocio o Sr. J. J. de Sousa Telles.

Do nosso Consocio o Sr. Vicente Tedeschi — Juizo critico ácerca d'alguns artigos de diversos Jornaes.

Do nosso Consocio o Sr. H. J. de Sousa Telles um artigo sobre o novo adhesivo para a reunião e cura das feridas, pelo Dr. Mellez.

Preparação da morphina pelo methodo do Sr. Guillermon, modificado pelos Srs. Desmet, pelo nosso Consocio o Sr. F. J. R. Loureiro.

Do Sr. Dr. Beirão — Formulas do remedio contra as efflorescencias da face — Gargarejo contra as anginas — Collyrio para as manchas da cornea pelo Sr. Fronmiiller — Breve noticia ácerca do emprego do hypericão.

Continuação das falsificações de varios medicamentos e substancias alimentarias, e dos meios de reconhecel-as. Extracto de diversos Auctores, pelo Sr. J. D. Corrêa.

Do Sr. Corrêa Junior — Formulas do balsamo contra as frieiras, pelo Sr. Debierre — Linimento contra as frieiras, pelo Sr. Margel — Xarope de Tolú, pelo mesmo Auctor — Xarope purgativo de jalapa, pelo Sr. Viel. — Noticia sobre o emprego de diversos preparados d'ammoniaco, pelo Dr. Cazenave — Emprego do acido tartarico para tornar soluvel o sulphato de quinina — Algumas formulas de remedios febrifugos alemães.

Do Sr. F. J. R. Loureiro — um artigo sobre o musgo ou lichen de Ceylão — Formula das pastilhas anthelminticas de santonina.

Do Sr. Francisco Bernardo dos Santos — Memoria sobre a analyse chymica das raizes de ratanhia e tormen-tilla, esta como succedaneo d'aquella, seguida d'uma nota da preparação do xarope de base de extracto — pelo Sr. Dause Senior, Pharmaceutico em Paris.

Do mesmo Sr. — Lista dos reagentes empregados para reconhecer a falsificação do extracto de ratanhia do commercio.

Formula das pastilhas balsamicas alcalinas empregadas pelo Sr. Dr. Delieux, Medico em chefe da Marinha.

Chymica. Differentes pareceres da Commissão respectiva.

Memoria e estudo chymico da agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel, lida em Sessão de 9 d'Outubro de 1831, pelo Membro Benemerito o Sr. J. M. d'Oliveira Pimentel. Este trabalho, que honra o seu Auctor, merece especial menção, não so pelo que respeita á parte chymica, mas tambem pelo proveito que d'elle pode resultar á humanidade.

Do Sr. H. J. de Sousa Telles — Processo para reconhecer a presença do chloroformio, pelo Sr. Snow — Preparação do sulphato de ferro e do açafão de Marte, com a capa-rosa verde do commercio privada do cobre, zinco, e manganésio, que ordinariamente contém, pelo Sr. Thorel, d'Avallon.

Do Sr. J. D. Corrêa — Preparação do iodureto d'amido solúvel, pelo Sr. Dubois, Pharmaceutico em Linogés — Taboa das reacções que apresentam com differentes saes do iodureto, bromureto, e chlorureto potassicos, pelo Sr. Bésnou, Pharmaceutico da Marinha em Brest. — Analyse chymica das aguas do Poço e Aguas-Livres existentes na Quinta do Hospital de Alienados em Rilhafolles.

Do Sr. Vicente Tedeschi — Processo para descobrir a presença do iodato de potassa no iodureto de potassio, pelo Sr. Bonnewyn — Noticia sobre as proporções d'iodo

contidas no óleo de figados de bacalhau, pelos Srs. Chevallier e Goblej.

Da alcalimetria ou dos meios proprios para reconhecer o grau de riqueza em alcali puro, nas potassas, sodas, lixívias, cinzas, e em geral nas substancias alcalinas. Artigo extrahido do Auxiliador do Rio de Janeiro.

*Saúde Publica.* Do Membro Honorario o Sr. Dr. B. A. Gomes — Algumas considerações acerca do koso d'Abysinia.

Do Sr. Dr. Cunha Vianna — Reflexões sobre o emprego do sulphato de bebeerina no tractamento das febres intermitentes. Observações feitas no Hospital de S. José.

Do Sr. P. J. da Silva — Envenenamento pelo phosphoro, e meios de o combater, pelo Sr. E. Cottereau, Chymico.

*Direito Pharmaceutico.* Continuação da Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portuguesa.

*Historia Natural.* Da respectiva Commissão — Um parecer.

Do Sr. J. D. Corrêa — Tradução d'um interessante artigo sobre viagens, herborisações, e hervarios, pelo Sr. Poiret.

Noticia resumida da Historia Naturalis Palmarum de Von-Martius, lida na Sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 28 de Maio de 1851, pelo Sr. Dr. B. A. Gomes.

Do Sr. J. J. de Sousa Telles — Descripção da casca conhecida pela denominação de *monesia*, e formulas de seus preparados.

*Pharmacia Veterinaria.* Diversas formulas extrahidas do Formulario de Raspail, pelo Sr. Lourenço Antonio Corrêa.

*Physica.* Resumo das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, nos mezes de Outubro a Dezembro de 1851, e Janeiro a Junho de 1852, pelo Sr. Dr. Beirão.

*Peças Officiaes.* Um officio do Sr. Dr. Beirão, do qual pedia a publicação.

Representação dos Alumnos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, endereçada a Sua Magestade a Rainha, sobre as habilitações scientificas e prerogativas dos Pharmaceuticos.

Officio da Sociedade endereçado ao Conselho de Saúde Publica do Reino, ácerca dos abusos de Policia Medica acontecidos em Bucellas.

Um officio do Sr. J. A. Rodrigues, dirigido á Commissão de Redacção, sobre o ensaio chymico para reconhecer a falsificação do carbonato de magnesia.

Portarias do Ministerio dos Negocios do Reino, extrahidas dos Diarios do Governo n.<sup>os</sup> 57 e 58, ácerca das multas impostas por transgressão de Policia Medica, e dos emolumentos dos Peritos e Escrivães de diligencias de Policia Sanitaria.

*Abusos de Policia Pharmaceutica.* Differentes officios dos nossos assiduos Delegados, que não cessam de fazer sciente á Sociedade dos abusos practicados nas suas Comarcas.

*Diversidades.* Do Sr. J. J. de Sousa Telles — Muitos e variados artigos, colligidos debaixo da epigrafe — *Revista dos Jornaes.*

Do Sr. J. D. Corrêa — Formulas de tinta para marcar roupa branca.

Programma de Lições para o Curso de Materia Medica da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa no anno de 1851 a 1852, pelo Sr. Dr. B. A. Gomes.

Tenho, Senhores, terminado o relatorio de todos os trabalhos que tanto vos honram, cumpre-me agora fazer-vos menção do quadro da Sociedade; mas como esse trabalho está especialmente a cargo do Sr. Primeiro Secretario, poupar-vos-hei as repetições ordinariamente enfastiosas.

A Receita da Sociedade foi no anno findo de 658\$745 réis, a Despesa de 500\$140 réis, ficando, para o anno seguinte, um saldo a favor de 158\$605 réis.

Os fundos do Monte-Pio Pharmaceutico são de 1:700\$

réis em Inscripções de cinco por cento. A Receita foi de 205\$439 réis; a Despesa 181\$160 réis; fica, para o anno seguinte, um saldo a favor de 24\$279 réis.

A Sr.<sup>a</sup> D. Balbina Rosa Pereira, Viuva do nosso finado Presidente o Sr. Gregorio de Sousa Pereira, continua a receber regularmente a prestação que lhe foi destinada.

Senhores, todos os Funcionarios d'esta Sociedade, sem esquecer os nossos Delegados, teem cumprido do modo o mais louvavel os deveres inherentes aos seus cargos; o seu zelo, assiduidade, e dedicacão pela Sciencia, torna-os credores da maior consideracão e estima. Eu sou, Senhores, o primeiro a reconhecer a veracidade d'estas asserções, aproveitando este dia memoravel, para lhes tributar os mais sinceros elogios. — Disse.

Concluido este Relatorio, deu o Sr. Presidente a palavra ao Sr. Primeiro Secretario, Henrique José de Sousa Telles, que leu o — Programma das Questões Scientificas — a Lista dos Doadores e dos Objectos doados — e o Resumo do Quadro actual do Sociedade, com as alteracões occorridas no anno findo —; tudo como se segue:

#### PROGRAMMA.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do disposto no §. 8.<sup>o</sup> do Art.<sup>o</sup> 27.<sup>o</sup> dos seus Estatutos, tem a honra d'apresentar aos Amadores das Sciencias, o seguinte Programma.

PARA O ANNO DE 1852 A 1853.

#### *Primeira Questão.*

A Historia da Pharmacia Portugueza, desde a Fundacão da Monarchia até hoje.

#### *Segunda Questão.*

Uma Pharmacopèa practica, verdadeiramente Portugueza, que represente o estado actual da Sciencia.

#### *Terceira Questão.*

A enumeraçào, e classificacão zoologica dos animaes,

que habitam qualquer das nossas Provincias, que não estejam classificados.

Quarta Questão.

A analyse chymica, completa, d'uma planta indigena, que tenha uso medicinal, reconhecidamente proveitoso, acompanhada da respectiva descripção e classificação botanica, e propriedades therapeuticas.

CONDIÇÕES.

Os premios consistirão em medalhas d'ouro, tendo d'um lado, no centro d'uma corôa de louro, a seguinte inscripção — *Ao Membro Benemerito* —, e do outro o Timbre da Sociedade, e a legenda — *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

A estes premios terão direito aquelles individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a Sociedade julgar dignos da honra de *Accessit*, receberão o Diploma de Membros Honorarios.

Todas as Memorias que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se seus Auctores forem naturaes d'estes Reinos, e em francez se forem estrangeiros, e virão expeditas ao 1.º Secretario da Sociedade, por todo o mez d'Abril do anno em que houverem de ser julgadas.

Trarão o nome do Auctor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da Memoria, e que será aberta na Sessão Solemne, se a Memoria fôr premiada; e pelo contrario, a carta será queimada, sem ser aberta, se a Memoria não obtiver premio, e esta será entregue a seu Auctor, pedindo-a, com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As Memorias, que houverem de ser lidas na Sessão Solemne Anniversaria, deverão ser approvadas, para isso, pela Sociedade; outro sim serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

Além dos premios acima mencionados, o Auctor da Memoria premiada, impressa, e publicada, terá mais cem exemplares, sendo a edição de mil, e cincoenta sendo de quinhentos.

Finalmente, os premios conferidos aos Concorrentes, nem sempre serão uma prova decisiva, de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das Memorias; mas sim um testemunho auctentico, de que seus Auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade no seu Programma.

RELAÇÃO DOS DOADORES E DOS OBJECTOS DOADOS, DURANTE  
O DECIMO-SEPTIMO ANNO DA SOCIEDADE.

Da *Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro*, por intervenção do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Pereira Rego — os n.<sup>os</sup> 8 a 12 dos seus Annaes.

Da *Academia Real das Sciencias de Lisboa* — os n.<sup>os</sup> 1 a 3 dos folhetos das suas Actas, tomo 3.<sup>o</sup>

Dos *Facultativos Militares* — os n.<sup>os</sup> 1 a 12, da 2.<sup>a</sup> serie, 7.<sup>o</sup> anno do seu Scholiaste Medico.

Do *Instituto Litterario e Scientifico de Coimbra* — os n.<sup>os</sup> 1 a 7 do seu Jornal.

Do *Instituto Medico Valenciano* — os n.<sup>os</sup> 19 a 24 do tomo 5.<sup>o</sup> e os n.<sup>os</sup> 1 a 5 do tomo 6.<sup>o</sup> do seu Jornal.

Da *Sociedade Auxiliadora d'Industria do Rio de Janeiro* — os n.<sup>os</sup> de Maio a Julho de 1852 do seu Jornal.

Da *Sociedade d'Emulação Medico-Cirurgica* — os n.<sup>os</sup> de Outubro e Novembro de 1851 do seu Jornal.

Da *Sociedade Medica Geral de Soccorros Mutuos de Madrid* — os n.<sup>os</sup> 27 a 78 do 2.<sup>o</sup> tomo da 2.<sup>a</sup> epocha do seu Boletim.

Da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* — os n.<sup>os</sup> de Março a Dezembro de 1851 e Janeiro a Abril de 1852 do seu Jornal.

Da *Sociedade Promotora d'Industria Nacional de Lisboa* — os n.<sup>os</sup> 3 a 7 de Março a Setembro de 1851, do seu Jornal.

Da *Redacção do Esculapio* — os n.ºs 127 a 179 do seu Jornal.

Da *Redacção da Gazeta Medica de Madrid* — os n.ºs 235 do seu Jornal.

Da *Redacção da Gazeta Medica Porto* — os n.ºs 228 a 250 do seu Jornal.

Da *Redacção da Revista del Medio-Dia* — os n.ºs 9 a 20 da 1.ª serie e os n.ºs 1 a 5 da 2.ª serie do seu Jornal.

Da *Redacção da Revista Popular* — os n.ºs 26 a 48 do 4.º vol. e os n.ºs 1 a 26 do 5.º vol. do seu Jornal.

Da *Redacção da Revista Universal Lisbonense* — os n.ºs 44 a 48 do tomo 3.º da 2.ª serie e os n.ºs 1 a 48 do tomo 4.º da mesma serie do seu Jornal.

Da *Redacção da Semana* — os n.ºs 20 a 48 do vol. 2.º

Do Sr. *Antonio de Carvalho* — Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa, no anno de 1850 — Relação das Obras emprendidas e acabadas pela mesma no biennio de 1850 a 1851.

Do Sr. *Antonio Joaquim Rosado e Silva* — 6 garrafas de vinhos para serem analysadas pela respectiva Commissão.

Do Sr. *Antonio José Ramalho* — os 3.º e 4.º tomos da 1.ª serie do Jornal d'esta Sociedade.

Do Sr. *Antonio Vieira Lopes* — Um exemplar da Traducção das Lições recitadas na Faculdade de Medicina na Universidade de Madrid — A Homeopathia julgada no campo dos factos.

Do Sr. *Dr. Bernardino Antonio Gomes* — Noticia resumida da Historia Naturalis Palmarum, de Von-Martius.

Do Sr. *Drs. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão e Bernardino Antonio Gomes* — Catalogus Plantarum Horti-Botanicæ Medico-Cirurgicæ Scholæ Olysiptonenses.

Do Sr. *Diogo Antonio Corrêa de Sequeira Pinto*, Enfermeiro-Mór do Hospital de S. José — Relatorio do Estado e Administração do mesmo Hospital.

Do Sr. *Francisco Bernardo dos Santos* — Formulario Geral do Hospital de Santo Antonio do Porto.



Do Sr. Dr. *Guilherme José Antonio Dias Pegado* — Primeiras Noções de Physica para a geral instrução do publico.

Do Sr. *Henrique José de Sousa Telles* — Varias obras contendo diferentes materias, comprehendendo 2 vol. e 13 folhetos — Uma porção de *Gelidium Corneum* de Larmoux.

De MM. *Homolle et Quevenne* — Mémoires sur la digitale, 2 folhetos em 8.º francez.

Do Sr. *João Felix Pereira* — Febre amarella, artigo da *Cyclopedica Britanica*, traduzido do inglez — Anestesia-Cirurgica, These por elle defendida na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa — Terceiro relatorio annual sobre a efficacia therapeutica das cadéas galyano-electricas de *Goldberger*, traduzido do inglez.

Do Sr. *João José da Silva Junior* — Annaes da Sociedade Archiologica Lusitana, n.ºs 1 e 2.

Do Sr. *Joaquim Augusto Simões de Carvalho* — Lições de *Phylosophia Chymica*, 1 vol. em 8.º

Do Sr. *José Antonio Lopes* — *Hypocrates Coi Medicorum Omnium MDXXVI.*

Do Sr. *José Ferreira* — 6 exemplares da sua these = Febre traumatica.

Do Sr. Dr. *José Joaquim da Silva Pereira Caldas* — Opusculos, Memorias e varias obras contendo diferentes materias comprehendendo 20 folhetos.

Dr. Sr. Dr. *José Pereira Reis* — A Homeopathia o que é e o que vale, producção do offerente.

Do Sr. *José Silverio Rodrigues Cardoso* — os n.ºs 168, 175, 187 e 190 do Nacional, *Jornal do Porto.*

Do Sr. *José Tedeschi* — o seu *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias*, de Agosto de 1851 a Julho de 1852.

Do Sr. *Julio Maximo d'Oliveira Pimentel* — Um exemplar da sua *Analyse das Aguas Mineraes do Gerez.*

Do Sr. *Luiz Vicente Fortuna* — 3 exemplares do opusculo = Juizo critico sobre o *Regimento dos Preços dos Medicamentos.*

RESUMO DO QUADRO ACTUAL DA SOCIEDADE, COM AS ALTERA-  
ÇÕES OCCORRIDAS N'ESTE ANNO.

**PROTECTORES.**

SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA D. MARIA  
II., RAINHA DE PORTUGAL.

SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. FERNANDO II.

FORAM ADMITTIDOS PARA A CLASSE DE

*Benemeritos.*

O SENHOR :

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel . . . . . Lisboa.

*Honorarios.*

Os SENHORES :

Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas . . . . . Braga.

José Maria Latino Coelho . . . . . Lisboa.

Dr. José Pereira Reis . . . . . Porto.

*Effectivos.*

Os SENHORES :

Antonio de Carvalho Junior . . . . . Lisboa.

Antonio José Moniz Junior . . . . . Idem.

Francisco Maria de Carvalho . . . . . Idem.

José Maria d'Andrade Junior . . . . . Idem.

José Romão Corrêa Belém . . . . . Idem.

Miguel Baptista Sobrinho . . . . . Idem.

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

Antonio Carlos de Sousa . . . . . Beja.

Candido Falcão Dias . . . . . Bahia.

Claudio Falcão Dias . . . . . Idem.

Eduardo Germano da Silva e Castro . . . . . Ponta-Delgada.

Francisco Xavier Rodrigues . . . . . Torres-Novas.

João Carlos de Mattos . . . . . Funchal.

João José Pereira . . . . . Braga.

José Ferreira Gonçalves Junior . . . . . Maranhão.

Marcellino de Sousa Pinto . . . . . Benguella.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

Pedro Manuel d'Araujo, ..... Braga.  
 Raymundo Alves Torres, ..... Guimarães.

PEDIRAM A SUA DIMISSÃO.

*Effectivos.*

O SENHOR :

Bernardo d'Almeida Ferreira, ..... Lisboa.

*Correspondentes Nacionaes.*

Os SENHORES :

João Fortunato Monteiro, ..... Pombal.  
 Joaquim Gonçalves Nobre, ..... Elvas.  
 Luiz d'Almeida Arthiaga e Mello, ..... Gouvêa.  
 Silvano de Mattos Machado, ..... Abrantes.

FORAM DESPEDIDOS PELA SOCIEDADE, POR LHEM SER APPLICÁVEL O DISPOSTO NO §. 1.º DO ARTIGO 21.º DOS ESTATUTOS.

Os SENHORES :

Antonio José Cardoso, ..... Port' Alegre.  
 Francisco Barata Nogueira, ..... Villa d'Oleiros.  
 Francisco Maria Pacheco, ..... Moura.  
 Ignacio José Pereira das Neves, ..... Taipas.  
 João Maria Manassas, ..... Estremoz.  
 Joaquim Augusto da Costa Ricardino, ..... Pará.  
 Joaquim da Silva Leite, ..... Moçambique.  
 Joaquim Teixeira Aragão, ..... Feira-Nova.  
 José Francisco Ferreira Diniz Sampaio, ..... Crato.  
 José Hygino da Cunha, ..... Olhão.  
 José Maria Lobo Coelho, ..... Alvito.  
 Lourenço Pinto Moreira, ..... Rio de Janeiro.  
 Quintino Emilio Pereira de Castro, ..... Curveiros.  
 Vicente do Carmo Pimenta, ..... Leiria.

FALLECERAM.

*Effectivos.*

Os SENHORES :

Antonio Domingues Villa-Nova, ..... Lisboa.  
 Antonio José Moniz, ..... Idem.  
 José Maria Pinto, ..... Idem.

FICAM EXISTINDO.

Protectores. ....	2
Benemeritos . . . . .	12
Honorarios . . . . .	70
Effectivos . . . . .	73
Correspondentes Nacionaes. . . . .	210
— Estrangeiros. . . . .	22
<hr/>	
Total	389

MONTE-PIO PHARMACEUTICO.

FOI ADMITTIDO PARA A CLASSE DE

*Correspondentes Nacionaes.*

O SENHOR :

Manuel José Pestana de Miranda . . . . . *Cabo-Verde.*

FORAM DESPEDIDOS POR NÃO CUMPRIREM O DISPOSTO NO §. 1.º  
DO ART.º 21.º DOS ESTATUTOS.

Os SENHORES :

João Manuel Manassas . . . . . *Estremoz.*

José Hygino da Cunha. . . . . *Olhão.*

José Francisco Ferreira Dimiz Sampaio. . . . . *Crato.*

Vicente do Carmo Pimenta . . . . . *Leiria.*

FICAM EXISTINDO.

Effectivos . . . . .	27
Correspondentes Nacionaes. . . . .	46
<hr/>	
Total	73

Terminada esta leitura, o Sr. Presidente leu o seguinte Discurso.

SENHORES!

No meio das successivas alterações por que tem passado este paiz, das mudanças consecutivas dos homens e das cousas; quando nada parece estavel, antes tudo sujeito ao fluxo e relluxo de inesperadas transformações; um espectáculo digno de toda a nossa contemplação é vêr como esta

Sociedade tem caminhado porfiadamente para o fim que os seus Instituidores marcaram nos nossos Estatutos. Todos os que assistimos á sua inauguração, no dia cujo anniversario hoje celebramos, devemos regosijar-nos de lhe havermos dado alicerces tão firmes, e tão progressivo fomento, que a sua duração não tem soffrido, quando tudo em volta d'ella mais ou menos supporta as consequencias fataes de tão grandes subversões. Soltava-se o paiz de uma guerra calamitosa, em que irmãos contra irmãos apontavam no campo da batalha as espadas fraticidas; renasciam as esperanças de uma era venturosa; a liberdade promettia estender a sua sombra benéfica sobre todos os interesses da familia portugueza. O commercio antevia as suas fecundas operações, protegidas por um governo brando e paternal, estender-se, como outr'ora, até aos confins do mundo; a industria deitar suas raizes no paiz e fertilisal-o com suas abundantes producções; a sciencia, esquecida e abandonada durante o grande cataclysmo, retomar o seu esplendor, e seu antigo desinvolvimento. Todas as instituições cobraram animo com as promessas d'esse novo futuro; o empenho de trazer a esta terra uma prosperidade ignorada trasbordava de todos os corações. Mas triste cousa é contar unicamente com os desejos, se o zelo, se a vontade firme os não acompanha continuamente; se acaso hão-de afrouxar em frente das opposições. Era de vêr e precaver que não se passa repentinamente de um estado em que soffriam todos os interesses da sociedade, para um estado regular, sem profundas commoções; e o mister governativo consistia essencialmente em assentar por um lado e de uma maneira solida todas as bases da felicidade publica, em quanto por outro diminuia prudentemente os abalos inevitaveis que as novas instituições deveram fazer surgir. Tomar os animos ainda surprehendidos pelo esplendor de tão brilhantes promessas, e mettel-os na vereda das reformas exigidas pelo clamor publico, era a obrigação moral de quem então se achava encarregado de as realisar. E não havia melhor nem mais propicia occasião de aproveitar todas as forças vivas

do paiz, fazendo-as convergir em beneficio do futuro. Todos estavam dispostos aos maiores sacrificios; a dedicacão publica manifestava-se em rasgos do mais puro e acrisolado patriotismo. Tinha Portugal passado por uma durissima provaçãõ; e agora alliviado, não era muito que desejasse mais descansada vida. Se quebrara as algemas que lhe prendiam ao mesmo tempo os pulsos e as aspiraçõs, não era para se lançar n'uma ignobil inaccão, n'uma indifferença cobarde pelos seus mais caros interesses. Todo esse enthusiasmo que então se desinvolveu, essa vida, essa animaçãõ são as provas mais evidentes de quanto estava arreigado no animo de todos o desejo das profundas reformas, que pudessem dar a esta boa terra uma nova e prospera existencia.

E não era este ou aquelle ramo das instituicões que d'ellas precisava; do primeiro até ao ultimo élo da cadêa social, tudo era mister fosse refeito, e de novo modelado. Para que um povo seja feliz, e possa ter dignamente o nome de civilizado, não basta a liberdade civil, a garantia de um codigo que lhe affiance o seu pleno uso. Tomai ahi qualquer paiz acostumado desde a infancia ao regimen da oppressão, dai-lhe a liberdade, e elle não saberá o uso que deve fazer do bem que lhe concedestes. A liberdade pode servir nas mãos de quem a queira sophismar, para tão atrozes oppressões, como outro qualquer regimen: será unicamente um bem inapreciavel, quando á sombra d'ella e por seu influxo todos os ramos da publica prosperidade tiverem o seu amplo e progressivo desinvolvimento. Assim deve ser intendida, assim devera ter sido applicada.

A restauraçãõ começou debaixo d'estes auspicios. Em quanto á sua frente se achavam os homens, cuja vida se resumiu sempre n'uma completa e profunda dedicacão por este paiz; cujos actos foram sempre inspirados pelo entranhado amor que tinham a este terra, pode dizer-se que nem as esperanças nem os esforços desfalleceram. Supportou-se o tempo presente em vistas de melhor futuro: como o horizonte parecia proximo, o caminho, a apesar

de rude, enganava como se estivera somente tapetado de flores. Vieram as difficuldades dos maus tempos, e com elles as más disposições. O espirito publico, enganado em suas ardentes esperanças, decahiu e perverteu-se: e dentro em pouco a acção governativa, que deixara passar o momento das uteis applicações, viu-se repentinamente perturbada pela insurreição d'aquelles mesmos principios que ella desejava fixar.

Agora não ha mais que dizer, nem que procurar mais longe a causa d'este grande atrazo em que vemos todas as cousas. O que deve maravilhar-nos é não estarmos reduzidos ainda á condição selvagem, tão pouca tem sido a vontade de levantar este povo do seu abjecto abatimento.

Entretanto é tão poderosa e fecunda a influencia da liberdade, que apezar mesmo d'essa tristissima indifferença pelos communs interesses, alguns progressos, alguns melhoramentos, algumas reformas se teem realisado. Ahi, onde a acção governativa não fez opposição, a acção individual soube tomar a iniciativa, alcançando pelos seus esforços fazer verdadeiros milagres. Dar a razão d'isto é explicar o poder da associação, o poder das forças combinadas, a acção maravilhosa das idéas e dos interesses, convergindo mutuamente para o fim do bem commum.

Os primeiros Instituidores d'esta Sociedade ja o sabiam perfeitamente. Quando pela primeira vez se reuniram, o seu grande intuito foi promover por todos os modos a união da familia pharmaceutica, procurando assim facilitar as reformas que a nossa Arte requeria. Membros de uma Sociedade que acabava de emancipar-se, se podiamos disfructar os bens da liberdade civil, estavamos sujeitos ainda a um poder absurdo, que opprimia a nossa profissão. Com elle era impossivel a dignidade pharmaceutica, incompativel o progresso da sciencia. Foi para o derrubar que se dirigiram os nossos primeiros esforços. Os que assistiram a essa lucta sabem perfeitamente a coragem e a constancia que esta Sociedade desinvolveu. Era uma instituição antiga, que tinha fundas raizes, e largas protecções. Arcar com ella ja parecia atrevimento, se

não fôra o effeito da summa justiça que nos assistia. A Physicatura teve-se em pe, em quanto estivemos isolados; reunidos em Sociedade não poude resistir-nos, e logo desabou. Hoje admira como instituição tão anachronica poude sustentar-se por tão longo espaço, avexando a nossa Arte com as suas exigentes prescripções. Foi o primeiro e o maior beneficio que esta Sociedade podia fazer á nossa profissão. Chamados a deliberar em commum sobre os interesses da sciencia e da arte a que nos consagramos, obedecemos a um grande e nobre pensamento, que por intimos e numerosos laços vae prender-se com os maiores interesses da Humanidade.

Assim mostrámos que a Pharmacia procurava a alliança de todos os ramos da Arte de Curar, felizmente cimentada hoje por um grande acto de união e confraternidade, que consiste em confundir todas as ambições nobres e generosas no interesse geral de todos os que se dedicam ao allivio dos soffrimentos humanos.

E devemos proclamar-o; foi este tambem um dos primeiros pensamentos da nossa Sociedade. Se quizemos reunir todos os nossos esforços para assegurar a dignidade da nossa profissão e o bem estar dos que a exercem, não esquecemos nunca que pertenciamos á grande familia medica, com quem sempre havemos estado n'uma perfeita e franca harmonia. Pois é preciso confessal-o: se a Pharmacia não obteve ainda todas as garantias e todas as reformas, que tem reclamado, menos o deve a opposições acintosas que lhe venham das profissões rivaes, que de preconceitos antigos, cuja falsa auctoridade não tem sido possivel destruir completamente.

Digamos todavia, que se as nossas reclamações teem sido infructuosas, se acaso não alcançámos ainda a revisão d'essas leis cuja insufficiencia havemos demonstrado até á evidencia, devemos reconhecer, que não tem sido inteiramente baldados e estereis os trabalhos que esta Sociedade tem comprehendido desde a sua instituição.

Examinando mesmo o character das novas disposições que hoje regem a nossa Arte, chegaremos a esta notavel



consequencia, que a Pharmacia tende successivamente a elevar-se, a perder pouco a pouco as formas commerciaes, a constituir-se em profissão liberal e scientifica. Com effeito basta vêr a honrosa posição que ella ja tem adquirido perante a Universidade, e as Escolas Medico-Cirurgicas, para se demonstrar que não deve ser considerada pelo Legislador como um simples ramo de industria ou de commercio, e que o seu exercicio reclama uma legislação especial, tanto pelo menos como o caracter que a distingue.

Esta consideração é da maior gravidade, e deve ter uma influencia decisiva sobre toda a legislação pharmaceutica, sendo por assim dizer o seu principio fundamental.

Com effeito o verdadeiro caracter da Pharmacia está hoje definido; ja não é uma profissão incerta e indeterminada, que agora pertença ao commercio, logo á industria, depois á sciencia: a tendencia scientifica é superior a todas, a força das cousas e dos factos resolveram a questão. O que tem de commercial depende unicamente da necessidade de uma distribuição rapida e incessante dos medicamentos; mas este é unicamente um dos accidentes da sua existencia practica, e seria alterar a verdade querer dar a este facto um valor differente do que realmente tem.

Não fique pois a Pharmacia n'este estado precario e funesto, em que exposta á livre concorrência, que é a alma do commercio, supporta todos os damnos de semelhante posição, sem gozar da liberdade e vantagens, que de tal concorrência vem a ser a necessaria compensação. De outro modo, encerrada em seus estreitos limites, sem armas para defender os seus mais sagrados direitos, verá permanentemente invadidos os seus dominios, entrar-lhe por casa a lepra do charlatanismo, e de outras profissões, que pertendem subsistir á custa da sua propria substancia.

Este é o pensamento evidente, incontestavel, de todas as reclamações que sobre o estado actual da Pharmacia Portugueza, esta Sociedade tem dirigido aos Poderes pu-

blicos. Reforma nas leis que regulam o ensino, reforma nas que regem a nossa profissão.

Se ha com effeito objecto que deva preoccupar-nos, que em mais subido grau reclame todo o nosso interesse e solicitude, é certamente a questão do ensino pharmaceutico. O mancebo que se destinar ao exercicio da nossa Arte, estranho á Sociedade, ao mundo e aos seus usos, precisa que o dirijam, que o allumiem. Precisa que um mestre esclarecido lhe faça comprehender quanto ha de digno e de elevado na profissão que vae abraçar; professores, que desinvolvam a sua intelligencia, e lhe descubram os segredos das altas sciencias, de que elle ha mister para com honra exercer a Arte a que se dedica.

Eu tenho para mim que é d'aqui, d'este principio, que depende todo o futuro da Pharmacia. A influencia dos estudos escolares é tão proveitosa e fecunda que se estende a toda a vida; e ninguem duvidará, que ha de ser com os bons discipulos que á sociedade prepararemos optimos Pharmaceuticos.

Houve quem receiasse que exigindo aos que se destinam ao exercicio da Pharmacia estudos preparatorios, longos e rigorosos, a profissão desfallecesse, á falta de quem a ella quizesse dedicar-se. E' um facto que logo depois da reforma, se sentiu alguma perturbação, que poude fazer acreditar bem fundados aquelles receios. Hoje porém devemos julgal-os quasi ou completamente dissipados. Pode ser que em nossas officinas se não apresentem agora os discipulos em tão grande numero como n'outro tempo, que as escholas não sejam tambem tão frequentadas, como o exigiria o serviço publico. Todavia é certo que nas grandes cidades do reino ainda esta falta não tem sido experimentada. E se ovier a ser, é necessario não attribuir este facto á causa de que fallei, ao rigor dos estudos a que agora são obrigados. Busquemos onde ella evidentemente está; busquemol-a na falta de garantias em que padece a nossa profissão, nas poucas esperanças de um futuro estavel que antevem todos aquelles que a ella se consagram. Acreditemos que a severidade dos estudos

nunca arredou nenhuma capacidade de abraçar qualquer profissão scientifica; pois felizmente vivemos n'uma epocha em que o saber ja não é obstaculo para ninguem. Attendendo mesmo á consideração e dignidade de que devem estar revestidos todos os que exercerem a nossa nobre Arte, persuado-me que os estudos preparatorios que ora são exigidos, em vez de peccarem por nimiamente rigorosos, so teem o defeito de serem deficientes. Ja se vê pois, que considerando d'esta maneira os estudos escholares exigidos aos Pharmaceuticos, persisto em suppôr altamente nociva e prejudicial a sua admissão por dous methodos differentes. O claro resultado d'esta disposição da lei é a criação de duas ordens differentes de Pharmaceuticos. Insisto n'esta consideração por que me parece essencialissima. Assim admittiremos que uns podem possuir uma variada instrucção, e um saber extenso, em quanto outros ficam reduzidos unicamente á practica das officinas. Os primeiros, em que devemos suppôr uma intelligencia cultivada, um talento desinvolido pelo commercio das sciencias, serão naturalmente atrahidos para os grandes centros das populações; porque so la poderão achar consideração, dignidade e fortuna: os outros, com disposições menos felizes, serão destinados por sua inferioridade a practicar nas villas e aldêas, reduzidos a uma vida obscura, sem beneficios nem esperanças. Ora devemos convir em que um similhante estado de cousas repugna evidentemente á humanidade e ás conveniencias sociaes. Em verdade não pode conceber-se, como qualquer instituição dividida a especie humana em duas cathogorias, gozando uma d'ellas todos os beneficios da sciencia, exposta a outra a todos os danos da mediocridade. E assim é conservando na nossa legislação os dous methodos diversos de admitir os Pharmaceuticos. ¿ E por fim não será atacar directamente os interesses da sociedade, pondo nas mãos de homens, inferiores ao titulo que se lhes concede, um dos maiores interesses humanos, o allivio dos seus soffrimentos? ¿ Se um Pharmaceutico é incapaz de exercer a sua profissão em certa localidade, por que será apto para a pra-

cticar em outra? Pois devemos ter por certo que esta differença essencial, por lei estabelecida para os exames de Pharmacia, hade com os tempos vir a ter aquella perniciosa influencia.

¶ Para que são duas ordens differentes de habilitações, se a egualdade humana, onde mais se manifesta, é exactamente em seus soffrimentos phisicos? ¶ Depois a existencia do povo laborioso dos campos merecerá por acaso menor sollicitude que a existencia do povo das cidades? ¶ Não seria para desejar, pelo contrario, que nos campos o Pharmaceutico ainda fosse mais instruido? So, quasi sempre, isolado do commercio das pessoas que se dedicam ás profissões liberaes, longe do foco da educação e instrucção, não tendo o recurso das bibliothecas publicas, nem dos gabinetes de historia natural, o Pharmaceutico rural tem unicamente a confiar em si, a prover com seus proprios conhecimentos a todas as necessidades publicas e particulares. Como é o unico representante das sciencias naturaes nas pequenas localidades, está exposto a fazer d'ellas frequentes applicações. A composição de uma agua mineral, a salubridade de um estabelecimento publico, o Pharmaceutico a hade julgar e decidir. A elle se hade recorrer para indagar a pureza dos productos das Artes; o seu talento será procurado, na investigação das substancias venenosas, n'aquellas questões juridicas em que o Magistrado tem de ser guiado e esclarecido pelo Chymico e pelo Naturalista.

Ora para desempenhar tão vastas obrigações, importa que o Pharmaceutico tenha longos e solidos estudos, que seja um verdadeiro homem de sciencia. Se é absurdo exigir-lhe que saiba todas as coisas, proporcione-se-lhe ao menos o meio de as saber: pois é certo que na epocha presente, epocha, digamol-o, de uma civilização avançada, a sociedade tem direito de exigir do Pharmaceutico uma instrucção por assim dizer completa; e é quanto a mim, de clarissima evidencia, que todas estas garantias, que reclamamos, so poderão ser obtidas pela unidade do ensino.

E depois, tolerando similhante situação que porta aber-

ta não deixamos á furia do charlatanismo. O Pharmaceutico de segunda ordem, não tendo aquella primeira educação, que é a base e principio da sua probidade, desconsiderado além d'isso em presença dos seus collegas mais favorecidos pela instrucção escholár, que muito será, se acaso se lançar nas especulações mercantis, se pozer a sua pouca sciencia em publica almoeda, para melhor explorar a credulidade do povo! E querendo mesmo admitir que apesar da sua precaria posição o Pharmaceutico obedece fielmente aos sentimentos de uma consciencia honesta, o publico desconfiará sempre dos seus conhecimentos incompletos, receiando que venham a ser origem de lamentaveis erros. Aquelle porém que fôr realmente esclarecido, conservar-se-ha sempre na altura da sua profissão, temente aos seus deveres, e respeitando, como convém, a dignidade do seu character.

Como se vê por estas reflexões, veio a constituir-se legalmente a meia sciencia, a auctorisar-se legalmente a mediocridade. Ora tudo isto é tão opposto á boa razão, á justiça, á moral, e aos interesses da sociedade, que não poderá por muito tempo subsistir se esta Sociedade não afrouxar nos esforços que tem feito, para destruir tão nocivo anachronismo.

E não afrouxará, por que tal é a indole da nossa Sociedade. Tenho para mim que não será uma prophécia muito temeraria, prometter-vos que haveis de realizar todas as reformas cuja urgencia tendes reclamado. Tanto eu confio no poder da Associação. Por ella vos collocastes acima das profissões mercantis, que obedecem todas a uma concorrência desenfreada, conservando a dignidade da nossa profissão, que tem sido, com orgulho o declaro, o objecto de nossas constantes preocupações. E vêde a este respeito quão felizes resultados ella não tem produzido. Recompensar, quanto lhe é possível, todos os serviços, alliviar, dentro dos limites estreitos dos seus haveres, lamentaveis infortunios, propagar e derramar todos os novos conhecimentos, e recentes descobertas, tal tem sido a missão constante d'esta Sociedade.

E agora tambem deverei lembrar, que se a solidaridade obriga esta Associação a proteger todos os seus Membros, e defender os seus interesses, não menos, pelo mesmo principio, cada Membro d'ella deverá prestar os mesmos serviços á Sociedade, zelar a honra de seus irmãos como a sua, e a offensa que lhe for feita vingal-a como propria.

O amor proprio, tão condemnavel quando é egoista, ja é obrigação, quando é motivo do proprio aperfeiçoamento. Será virtude, se melhorar o individuo, so em vistas de honrar a profissão a que pertence. Recordemo-nos que nos devemos considerar em tudo; assim no intimo da vida privada como á luz da publicidade, como Membros, cuja honra se confunde com a honra da Sociedade.

Esta moralisação é que é, bem o sabeis, o verdadeiro cimento da nossa confraternidade. ; E em que epocha foi por ventura mais precisa? ; Em que epocha o egoismo tem assoprado ruidos mais vaidosos, maiores e mais ridiculas pertenções de rivalidade? Reunidos, o egoismo se converterá n'uma imponente dignidade, a ambição apparatusa em humildade scientifica.

E temos chegado a estes generosos resultados. A nossa Sociedade, inspirando a mutua consideração, e aquella justiça que faz estimar cada um pelo que vale e pelo que merece, foi ainda além, por que desinvolveu em todos os seus Membros aquelle alto sentimento de franca benevolencia, que não se limita a um dever de cortezão, mas antes é um verdadeiro amor fraternal, que tanta honra faz á nossa profissão.

Este amor levou-nos a crear o Monte-Pio Pharmaceutico. Não desejo n'este dia solemne mortificar-vos com a revelação triste de tudo o que se passa no estado actual da nossa profissão: é preciso respeitar as intimas necessidades de uma corporação nobre e orgulhosa, cuja dignidade é nosso mais sagrado dever conservar illeza. N'estes casos a Sociedade é chamada a servir de providencia, alliviando os soffrimentos apparentes, e acudindo a dôres mais profundas, cujos gemidos apenas são ouvidos dentro d'este recinto.

Se fora possível, esta Sociedade não devia limitar-se aos soccorros, fornecidos pelo seu Monte-Pio; procuraria occupar-se dos meios de combater uma certa concorrência, cujo escandalo desacredita a nossa Arte, assegurando ao sacerdocio pharmaceutico uma honrosa compensação. Respeitando os direitos de todos e de cada um, a sua mediação poderia prevenir mais de um naufragio, e atalhar mui lamentaveis quedas.

Agora seria o talento, o genio, que condemnado á obscuridade, por falta de recursos, acharia n'esta Sociedade os meios para fazer no seculo a sua brilhante apparição.

Depois seriam serviços publicos, uma vida inteira de abnegação e probidade, que ella teria de remunerar, vingando assim com sua generosa protecção o esquecimento ingrato do povo e dos governos.

Mas por em quanto os nossos recursos são escassos. Fazemos quanto podemos. Não esqueçais todavia, que de toda a gloria, que podeis alcançar dentro d'esta Sociedade a maior, e a que mais grata deve ser ao vosso coração, será aquella que vos trouxer sempre á lembrança, que com o obolo da vossa generosidade concorreis para alliviar numerosos soffrimentos.

Senhores e Collegas, esta grande festa confraternal, que hoje celebramos, impoem-nos imperioso dever. A Pharmacia padece os soffrimentos interiores que todos vós sabeis, está reduzida a uma profissão precaria, cuja esterilidade afasta as mais decididas vocações. O que temos feito, com ser muito, não vale o que nos resta fazer. Se temos até agora dado exemplo de constancia, bom é que o dêmos de maior coragem. Empenhemos todas as nossas vontades, todos os nossos esforços para levantar a nossa Arte do abatimento em que jaz. Os poderes publicos hão-de ouvir as nossas queixas; e façamos com que os nossos netos não tenham que lamentar a nossa desanimação. Se proseguirmos havemos de obter. A justiça, tarde ou cedo, hade ser applicada ao nosso direito. Fomos nós quem lançámos a primeira pedra do monumen-

to, e se o não pudermos acabar, fique ao menos a lembrança gloriosa, de que nem um só momento deixamos de trabalhar na sua edificação. Os mestres que vierem depois de nós recordarão com a sua gratidão os humildes operários a quem coube assentar-lhe os alicerces.

Senhores, pela terceira vez successivamente os vossos suffragios me elevaram ao cargo honroso que hoje occupo. Todos vós sabeis a minha insufficiencia. Aproveito esta occasião solemne para eu proprio o proclamar bem alto. Ao despedir-me, so vos peço que premieis com este logar o talento que eu não possuo, e o zelo que a idade me não permite ja ter. E por fim não intenda alguém que esta presidencia está adjudicada ao monopolio. Vós é que o haveis de decidir. — Disse.

Sendo 6 horas e um quarto fechou o Sr. Presidente a Sessão Solemne Anniversaria.

*Manuel Vicente de Jesus,*  
2.º Vice-Secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos



Extrato das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 444, de 29 de Julho de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

A's 8 horas da noute foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados.

M. V. Jesus apresentou uma proposta de Candidato para Socio, que declarou urgente; e procedendo-se á votação foi unanimemente approved para Membro Effectivo o Sr. João de Sousa Pereira, Pharmaceutico em Lisboa.

Prócedeu-se á eleição dos Funcionarios da Sociedade, na conformidade do Art.º 14.º dos Estatutos; e ficaram votados para Presidente, o Sr. J. Tedeschi — 1.º Vice-Presidente, o Sr. J. D. Corrêa — 2.º Vice-Presidente, o Sr. J. N. Barbosa — 1.º Secretario, o Sr. H. J. de Sousa Telles — 2.º Secretario, M. V. Jesus — 1.º Vice-Secretario, o Sr. J. M. Assumpção — 2.º Vice-Secretario, o Sr. S. A. E. Silva — Thesoureiro, o Sr. A. A. R. Oliveira — Vice-Thesoureiro, o Sr. E. R. Oliveira — Bibliothecario-Archivista, o Sr. J. F. Silva — Vice-Bibliothecario-Archivista, o Sr. J. F. Norberto — 1.º Operador, o Sr. J. A. Rodrigues — 2.º Operador, J. P. Azevedo — 3.º Operador, M. V. Jesus — e Substituto da Commissão de Chymica, o Sr. J. M. Andrade Junior.

Para as Commissões Permanentes — de Saúde Publica, os Srs. J. M. Barra, F. J. R. Loureiro, F. F. Assis, e J. C. Oliveira — de Pharmacia, os Srs. J. D. Corrêa, J. Q. Avellar, F. A. A. Azevedo, e J. R. C. Belém — de Physica, os Srs. J. P. H. Barbosa, J. T. Maciel, A. J. Pinto, e J. M. Botto — de Historia Natural, os Srs. J. J. de Sousa Telles, I. C. Azevedo, M. B. Sobrinho, e J. S. Pereira — e de Direito Pharmaceutico, os Srs. A. Carvalho, P. F. Norberto, J. N. Barbosa, e A. Carvalho Junior.

Pelas 10 horas e meia da noite fechou-se a Sessão.  
*Manuel Vicente de Jesus*,  
2.º Vice-Secretario.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Julho de 1852, feitas na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Demonstrador de Medicina, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Cactano Maria Ferreira da Silva Beirão.

Temperatura media da atmosphaera	19°,7
"    maxima    "	23
"    minima    "	19
Maxima variação diurna de temperatura	3
Pressão media da atmosphaera	758,60 <sup>mil.</sup>
"    maxima    "	761,99
"    minima    "	751,83
Ventos reinantes durante o mez	N. NO.
Somma da altura da agua no pluviometro	
Dias mais chuvosos do mez	
Grau medio d'humidade no hygrometro	5.º

Observações.

O mez de Julho correu com regularidade; todavia o thermometro chegou a 23º, o que não é muito frequente aqui em Lisboa dentro de casa, e pode dizer-se que, geralmente fallando, a atmosphaera esteve sempre mais nublada do que é costume n'este mez.

O estado de salubridade da Capital não offereceu cousa alguma notavel: algumas febres proprias da estação teem apparecido, mas sem aspecto assustador. Tive occasião d'observar mais um tetano iniciado traumatico, o doente ainda vive.

O primeiro trimestre do anno apresentou uma cifra muito maior d'obitos em Lisboa do que o segundo. O mappa, que se segue e que mostra a relação em que estiveram nos primeiros seis mezes d'este anno, o numero dos curados no Hospital de S. José para o dos fallecidos, e que pode até certo ponto representar as mesmas relações na Clinica civil de Lisboa, justifica a verdade da nossa asserção. D'este modo em Janeiro o numero dos mortos esteve para o dos curados assim como . . . . 1: 3,5  
em Fevereiro . . . . . 1: 3,2  
em Março . . . . . 1: 3,2  
em Abril . . . . . 1: 4,3  
em Maio . . . . . 1: 4,4  
em Junho . . . . . 1: 6,7

D'onde se deprehende que em quanto no primeiro trimestre morria um infermo sobre tres e tres decimos curados; no segundo trimestre morria apenas um infermo sobre cinco e um decimo curados: proporção muito mais vantajosa.

Estes trabalhos estatísticos do Hospital de S. José pode dizer-se que principiam agora. Os mappas estatísticos de todo o anno de 1851, e os do primeiro trimestre de 1852 com os seus competentes relatorios estão promptos, e brevemente apparecerão impressos para credito de seus Auctores; aquelle confeccionado pelo Sr. Branco, Cirurgião Extraordinario do Hospital, e este por uma Comissão de Facultativos da Casa nomeada por todos os Medieos e Cirurgiões Ordinarios e Extraordinarios do Hospital de S. José e annexos,

Temos visto e examinado um e outro trabalho, e posto que o systema adoptado por seus respectivos Auctores não seja o mesmo, com tudo um e outro tem vantagens decididas. Em quanto os mappas estatísticos do anno de 1851 apresentam as diversas especies de molestias, que appareceram no Hospital, e as consideram debaixo d'immensas relações, como d'idade, condição, tractamento, e sobre tudo de simplicidade ou complicação, apparecendo todas estas relações expressas em numeros; a es-

tatística do primeiro trimestre de 1852, tomando como base dos seus mappas as diversas enfermarias do Hospital, vae depois fazer suas variadas e interessantes comparações entre as molestias congeneres que se tractaram na mesma enfermaria. N'aquelle trabalho ha tantos mappas quantas as especies morbidas diversas, que se apresentaram; n'este os mappas são tantos quantas as enfermarias do Hospital.

Pelo trabalho do Sr. Branco vê-se com rapidez uma especie nosologica debaixo de todas as suas relações estatísticas; por exemplo: vejo o mappa com relação á phtisica, e logo elle me diz a lethalidade d'esta molestia, a sua relação com os sexos, com as edades, com as profissões, que molestias a complicam maior numero de vezes, quaes foram os tractamentos, que se empregaram; pelo trabalho porém da Commissão, a mesma molestia apparece nos mappas de diversas enfermarias, e posso comparar as clinicas dos diversos Facultativos da Casa; e esta comparação não é sem vantagem, e muito grande, para o estudo; e além d'isso pode trazer e excitar uma rivalidade judiciosa e scientifica entre os diversos Clinicos do Hospital, o que reverte em beneficio do doente, fim ultimo de todos estes trabalhos.

Seria possivel talvez aproveitar d'ambos estes systemas tudo quanto elles teem d'especial, e formular um plano de trabalho muito mais perfeito para o futuro, e seja quem quer que fôr, que se incumba d'elle, julgamos que terá de adoptar este nosso arbitrio. O que eu posso desde ja asseverar é que tendo visto as melhores estatísticas, que hoje se confeccionam la por fora nos estabelecimentos mais acreditados da Europa, as nossas, a que me refiro, posto que feitas com elementos bastante deficientes a alguns respeito, podem com tudo ser postas a par d'aquellas com muito credito para seus Auctores. Dentro em pouco o publico terá na sua mão a prova do que asseveramos.

Casa no Largo do Caldas, em 1 d'Agosto de 1852.

## SAÚDE PUBLICA.

### Noticia abreviada das Caldas das Taipas.

O sitio é aprasivel e . . . . .

povoado. . . . .

E' o terreno plano e fertil . . . . .

Tavares. — *Caut. Pract.*, T. 1. p. 42.

Estam estas *Aguas sulphurosas* situadas na freguezia de S. Thomé de Caldellas, no Concelho de Guimarães, e no Districto de Braga. Ficam entre aquella villa e esta cidade, e juncto da margem direita do rio Ave, a que outr'ora se dera o nome celtico de = Avo =: nome pelo qual ainda se acha este rio designado no geographo Ptolomeu. O sitio em que jorram é agradável e abrigado, e contiguo á margem esquerda da estrada publica de Braga para Guimarães, d'uma e d'outra das quaes povoações ficam estas caldas na distancia de legua e meia.

O lugar d'estas *Aguas sulphurosas* tem abundancia d'edificios, com as commodidades e os resguardos convenientes para habitação dos banhistas, a quem se alugam na estação dos banhos, desde Junho até Setembro; e tem tambem um largo espaçoso, coberto de copados arvoredos, com uma capellinha para se ouvir Missa nos dias sanctificados. Foi d'este lugar que proveio o nome muito trivial de Sancto Antonio das Taipas, pelo qual são geralmente mais conhecidas estas aguas medicinaes, ainda que o verdadeiro nome do seu local seja o de = Lugar do Canto =, a que o nosso erudito Tavares dá a designação de Lugar do Couto, por equivoco certamente.

Estas aguas, apenas conhecidas outr'ora dos povos onde jorravam, pela qualidade physica de quentes, foram pela primeira vez adaptadas aos usos medicos, em 1753, pelo laborioso carmellita de Braga, o leigo descalço Fr. Christovão dos Reis. Este incansavel administrador da botica do convento bracharensense da Senhora do Carmo, achando-se n'aquelle anno na freguezia de Caldellas; e leva-

do do que havia observado nas aguas do Gerez, prescreveu estas aguas das Taipas, a alguns enfermos que padeciam de *sarna, de frieiras, e d'escandecencias figadaes*, (como elle mesmo escreve nas suas *Reflex. Experim. Methodico-Botan.*, publicadas em 8.º, em 1779). E sabendo dos bons effeitos das suas prescripções, deu-se o pobre fradinho (em quem por certo se não podem deixar de louvar os patrioticos desejos que o animavam, e que, sem o necessario cabedal d'intelligencia, o impelliram a fazer explorações e experiencias para que na verdade não estava habilitado), deu-se o bom do fradinho, tornamos a repetir de novo, a tentar a analyse chymica d'estas *Aguas sulphurosas*. E ainda que a sua analyse, como todas as demais que elle tentara, desdigam dos conhecimentos geraes, que assim mesmo prestava a chymica n'essas epochas, julgamos todavia dever expendel-a por suas proprias palavras, como testemunho de consideração pelos seus multiplicados esforços, embora tentados com bem poucas *reflexões experimentaes!*

« Feitos os experimentos, (diz o bom fradinho leigo de a Braga), descobri nas dictas aguas *enxofre, ferro*, e uma grande porção de *terra aluminosa*, com advertencia que tem mais quantidade de *pedra-hume*, do que de *ferro* e *nitro*: e como o *enxofre* não está na terra sem a mistura de *vitriolo*, segue-se que tambem o tem com uma porção de *terra cretacea*. E esta é a meu vêr (continua o pobre carmellita descalço), o motivo porque são poucas e quentes. »

As suas qualidades physicas ou organolepticas caracterizam estas aguas de diaphanas, e limpidas, de cheiro sulphoroso, analogo ao dos ovos chocos, e de sabor nauseoso, caracteristico das aguas da sua classe, e com temperatura variavel, nos diversos tanques, desde 86º a 94º Fahr. (30º a 34,44 centigr.; 24º a 27,56 Reaum.; e 105º a 98,33 Del.). O seu sedimento é alvacento e pastaceo, e o lodo plumbaceo.

As nascentes das piscinas são um pouco abundantes, e estas sufficientes para o concurso annual dos banhistas, al-

guns dos quaes, e designadamente das povoações e dos territorios mais proximos, apenas concorrem áquellas caldas para usarem d'ellas como meio hygienico e para se recrearem. Estas aguas, todavia, são assás prestantes na maior parte das affecções do systema cutaneo; aproveitam em dores osteocopias, em dyspepsias, em affecções do figado, e ainda em catarrhos chronicos. Em rheumatismos porém, nas neuralgias, em dadas phlegmasias chronicas das mucosas (como pharingitas, corizas, cistitas, e outras analogas affecções); em certos ferimentos, contracturas de membros, myelitis chronicas, e n'aquellas affecções em geral em que as *Aguas sulphurosas* obram medicamente por sua acção sudorifica modal; em tudo isso aproveitam com tudo as caldas das Taipas, e ainda mesmo na mais quente das suas piscinas. A especificidade do principio sulphureo não é de feito o principal elemento medicatriz de semelhantes estados morbidos: a base do curativo está na poderosa acção sudorifica das aguas, n'essa modalidade da acção excitante revulsiva das *Aguas sulphurosas*. O principio mineralizador é apenas um mero coadjuvante da sua virtude medicatriz. E d'ahi vem que semelhantes affecções até se curam com aguas salinas quentes, e até com as aguas thermaes do Gerez, da cathegoria das *aguas saliciferas*, e bem pouco dotadas de principios mineralizadores. Poderiam todavia applicar-se estas aguas das Taipas em diversas affecções do quadro nosologico, se além da sua formula d'applicação em *banho* e em *bebida*, se estabelecessem modos de se poderem applicar sob as diversas formas d'administração em geral, e se se procurassem meios de as elevar a maiores temperaturas, ou conseguindo-se encontrar aguas callidas (quentes, e ferventes ou fortes), ou empregando-se ainda apparatus apropriados para se aquecerem sem o contacto do ar, d'esse mais constante inimigo da composição principal das *Aguas sulphurosas*.

Parece todavia, que so o segundo alvitre poderá apenas aproveitar-se, embora se não cheguem a conseguir com elle a *quantidade* e a *qualidade* de vantagens, que os clinicos podem conseguir das *Aguas sulphurosas* nati-

vas, como entre nós por exemplo, se conseguem annualmente nas Caldas de Visella, onde ha temperaturas gradativas (e por muito pequenas gradações), desde 76° a 142° Fahr. (24°,44 a 61°11 Centigr.; 19°,56 a 48,89 Reaum.; 113°,33 a 58°,33 Del.). E o motivo de so esse alvitre nos parecer o mais natural, é deduzido, por um lado, das tentativas até hoje infructuosas, na pesquisação d'aguas de subidas temperaturas, e, por outro lado, do exame d'umas bastante extensas ruinas romanas, que nas Taipas se acharam em 1844, e nas quaes parece que até os soberbos vencedores do mundo, essas ousadas gentes de toga, ja faziam predominar nas piscinas, umas redondas e outras quadrangulares, o systema do aquecimento d'estas aguas: systema que o povo rei mal adoptaria, por ventura, se acaso tivessem nas aguas das Taipas as gradações a que as elevavam artificialmente.

Estas ruinas de *thermas romanas*, situadas pela maior parte no Campo do Tapadinho, eram assás dignas de se conservarem expostas ao publico, depois de se explorarem com intelligencia e com verdadeiro patriotismo. Nada d'isso se fez, com tudo, e no desproeito até da propria localidade dos banhos! Alagaram-se alguns restos venerandos, ao cavar e ao desatterrar do Tapadinho, e, por cumulo de vergonha para o Senado de Guimarães, mandaram-se subterrar as proprias ruinas (ainda mesmo depois de descobertas), tão curiosas e tão singulares como eram!!! Mas é fado nosso, e do Municipio de Guimarães, principalmente, para tudo quanto são estabelecimentos publicos, e d'esta ordem mais designadamente! Pena é parecer que os Senados Vimaransenzes querem, forçosamente, que todos se recordem d'elles, na historia dos municipios consecutivos, com um tigramma de merecida execração, para quem tão mal avalia as riquezas archeologicas da sua patria: = TODOS SÃO BARBAROS!!!...

No paredão das Taipas, ao descer das escadas para o local dos banhos, ha duas inscrições lateraes, uma da direita e outra da esquerda, concebidas no mesmo detestavel estilo da inscrição das Caldas do Gerez: e no meio



d'ellas ha uma fonte para agua potavel, com a forma de duas serpentes enroscadas. Estas inscripções são as seguintes:

João, primeiro rei do reino unido,  
(Para que a morte mais tropheos não conte),  
D'inexaurivel, salutar bebida,  
Esta levanta milagrosa fonte.

¶ Eras vindouras, desejaes os nomes  
Dos varões claros, d'esta obra auctores?...

— Sousa, procurador, juiz, Estevão,  
Couto, Pinto, Ataide, Senadores.

Nada ha porém mais detestavel do que a ridicula inscripção da Camara de Guimarães, mandada collocar ao lado da veneranda legenda do penedo talhado, o qual é geralmente conhecido desde os tempos do Dr. João de Barros, pela designação de — ara de Nerva —. A inscripção da Camara está voltada para o sitio dos banhos, e a inscripção romana para os lados de Braga, estando collocado o predicto penedo no meio d'uma pequena bouça.

Esta inscripção veneranda, que os seus renovadores camaristas fizeram pintar a tinta preta, e avivar a ouro, é a seguinte (abstracção feita das letras adulteradas, e talvez ao pingo, pela sua *vastissima lapidaria*):

IMP CAES NERVAE F  
TRAIANVS AVG GER DAC  
PONT MAX TRIB POT VII  
IMP IIII COS V PP

A Camara de Guimarães mandou-lhe ajunctar esta *fidelissima* versão:

« Quer dizer: Aquella obra mandou fazer o Imperador Trajano Augusto, filho de Cesar Nerva, vencedor dos Alemães e Dacos, Pontifice Maximo, sendo Tribuno do Povo [!] a septima vez e Consul a quarta [!], e tendo o titulo de Pae da Patria. 1818.»

E n'uma outra face do mesmo penedo (e para contras-

te, sem duvida, dos vereadores vimaranenses com o Cesar Romano), é que quiz ainda o Senado *illustrado* fazer gravar uma muito modesta e muito bem concebida legenda, no gosto d'intelligencia e das obras dos municipios de Guimarães, para com os estabelecimentos thermaes, e para as reliquias archéologicas em geral :

« Para allivio da humanidade e remedio de rebeldes doencas herpeticas foram renovados e augmentados estes banhos thermaes, por ordem do Senado da Camara da Villa de Guimarães, sendo seu presidente o Dr. Juiz de Fóra, Estevão Pereira da Cruz, e Vereadores, Francisco Cardoso de Menezes Ataide, e Antonio do Couto Ribeiro, Secretario, José Leite Duarte e procurador, Manoel Luiz de Sousa : — em testemunho do seu zélo e actividade, e para emulação [!] dos vindouros, elles mesmos mandaram gravar esta inscripção que desafia [!] e venera [!] o tempo e a antiguidade [!]. Em 1818.»

E tanto mais ridiculo é tudo isto, na verdade, quanto estas obras *estupendas e venerandas*, não passaram da casinhola dos banhos, do paredão e da fonte precitados, com seus nunca esquecidos versos da transmissão dos appellidos. Parece porém que esta *ara romana* estava fadada, para ser sempre avaliada com ignorancia crassa, por auctoridades vimaranenses, ou por empregados seus. Em 1649, n'uma vedoria do prazo da terra em que está este penedo (a qual era pertença da commenda de Sande, de que era senhor o Conde de Vimioso), ja se acham as estultas palavras seguintes, fallando-se dos contheudos em geral, da ja citada bouça da *Vessada*, e memorando-se em especial esta ara, e a sua inscripção :

« E um penedo em que estão umas letras gregas [!!!]. »

Deixaremos porém de traçar mais reflexões sobre esta ara Romana (a qual fôra erigida pelos Romanos desde Outubro de 103 até Outubro de 104); e aqui terminaremos esta abreviada noticia das *Caldas das Taipas*, que são de feito as mais frequentadas do districto (entre as

*ealdas sulphurosas*), depois das muito antigas e muito nomeadas *Caldas de Visella*, situadas uma legua para o sul de Guimarães, e n'uma e n'outra margem do *Avisella* dos antigos.

*J. J. da S. Pereira Caldas.*

---

## CHYMICA.

---

**Nota sobre a natureza e preparação do Cremor de Tartaro solúvel.**

(Extracto.)

O cremor de tartaro solúvel apresenta-se em dous estados diferentes, conforme o methodo que se segue na sua preparação.

Quando, depois de ter dissolvido o acido borico, e cremor de tartaro, por meio da ebullição, em grande quantidade d'agua, se conserva a solução limpida ao calor de ebullição por tres ou quatro horas, e se conclue a operação em conformidade com as precauções indicadas pelo Sr. Soubeiran, resulta um corpo incolor, ou ligeiramente esverdeado, transparente, com aspecto vitreo, e solúvel em todas as proporções n'agua fria. Quando, porém, se evapora a solução rapidamente, obtem-se um producto opaco, pouco solúvel na agua fria, e destituído do sabor acidulo e agradável do cremor solúvel bem preparado.

O corpo que se dissolve em ambos os casos, é o tartrato borico-potassico; mas este sal é de certo modificado na evaporação rapida, para se apresentar com propriedades tão diversas das que elle manifesta quando a evaporação se faz de outro modo.

O Sr. Robiquet, em uma nota inserida no *Jornal de Pharmacia e de Chimica*, considera-a uma modificação polymorphica, analogá á que soffre o oxydo arsenioso opaco quando se transforma em acido vitreo, por uma longa ebullição na agua. E, tendo observado que o tartrato borico-potassico vitreo se obtem com mais facilidade empre-

gando o acido borico vitreo, e melhor ainda, o acido borico pastoso, conclue aquelle Pharmaceutico, que as propriedades do cremor solavel, dependem do estado em que o acido borico se acha n'aquelle composto; sendo necessario, para que o tartrato borico potassico fique vitreo e solavel, que o acido borico passe do estado crystallizado, para o estado pastoso; e como esta transformação exige uma grande accumulção de calorico latente, eis a razão porque se precisa conservar a solução ao calor da ebullição por tanta tempo, para se obter a modificação vitrea.

D'aqui deduz o Sr. Robiquet o seguinte methodo para preparar cremor solavel, com grande economia de tempo e combustivel:

Tartrato acido de potassa . . . .	4 partes
Acido borico . . . . .	1 „
Agua distillada . . . . .	12 „

Funde-se previamente, o acido borico, em uma capsula de porcellana ou de prata, e conserva-se em fusão tranquilla por um quarto d' hora; passado este tempo, o acido torna-se espesso, deixa-se então esfriar, juncta-se o cremor dissolvido, e evapora-se, primeiro a fogo nu, e por fim a b. m.

Como todos os corpos polymorphos, o cremor de tartaro solavel, altera-se quando está em po, por isso é melhor conserval-o em pequenos bocados vitreos, e pulverisal-os na mesma occasião em que tem de servir; por este modo é tambem mais facil verificar o seu estado e pureza.

Por mais de uma vez temos encontrado em Lisboa simples misturas de acido borico e cremor de tartaro em po, vendidas por acido solavel; falsificação que os vendedores encobrem com a forma pulverulenta que dão ao seu producto; adoptando a indicação do Sr. Robiquet, o pharmaceutico pode immediatamente reconhecer a qualidade do producto que lhe vendem, não so em relação a quaesquer misturas com que o pertendam enganar, mas tambem em relação á modificação polymorphica do composto.

— J. A. Rodrigues.

**Fabricação dos Carbonatos de soda e potassa.**

O Sr. Spence, de Manchester, obteve um privilegio para a fabricação dos carbonatos de soda, e de potassa, por meio dos sulphatos de soda e de potassa obtidos em diversas operações chymicas. Para transformar estes ultimos em carbonatos ajuncta-se-lhes uma solução de sulphureto de bario; precipita-se sulphato de baryta, e fica em solução sulphureto de sodio ou de potassio. So falta então fazer passar, pela solução do sulphureto alcalino, gaz acido carbonico, que desprende acido sulphydrico e forma carbonatos.

Mas para que a acção do gaz carbonico seja completa é necessario eleva-lo á temperatura de 90° cent. antes de o fazer passar pela solução do sulphureto; evapora-se depois a solução de carbonato. Quanto ao sulphato de baryta obtido, pode-se transformar de novo em sulphureto barytico calcinando-o com carvão.

*(Pharmaceutical Journal.)*

*J. A. Rodrigues.*

**Consultas da Sociedade, com as analyses chymico-legaes pedidas pelo Ministerio Publico.**

**CONSULTA PRIMEIRA.**

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, reunida em Sessão plena no dia 9 de Julho do corrente anno, discutiu o seguinte Parecer de que havia encarregado a sua Commissão de Chymica.

Senhores! — A Commissão de Chymica vem dar-vos conta dos trabalhos a que procedeu, sobre os liquidos vomitados por Maria Emilia Augusta, no dia 24 d'Agosto de 1851, em o Hospital de S. José, e que foram remettidos, e entregues á Commissão, com um Officio do Sr. Primeiro Secretario, para serem analysados, com o fim de se verificar se aquelles vomitos continham veneno.

Era um liquido branco, ligeiramente turvo, que vinha mettido em tres garrafas lacradas.

Tiramos uma porção de cada garrafa, e misturados, in-  
2.<sup>a</sup> Serie, T. III. — N.º 9.

troduzimos algum liquido immediatamente no apparelho de Marsh, que passado algum tempo apresentou sobre um pedaço de porcellana, pequenas manchas escuras, que pela sua pequenez apenas podemos tractal-as pelo acido azotico, que as fez desaparecer, e que não manifestaram cor alguma pelo azotato de prata ammoniacal, que pozemos em contacto com o liquido sobre a mesma porcellana.

Evaporamos então, moderadamente, o resto dos liquidos misturados até á consistencia de extracto, o qual foi carbonizado, e o carvão tractado pelo acido chlorhydrico, e azotico; e estes evaporados, e depois fervidos com agua distillada, obtivemos um liquido, parte do qual acidulado foi submettido a uma corrente d'acido sulphydrico, e deu um pequeno precipitado que depois de reunido era manifestamente cor de laranja, solúvel no sulphidrato d'ammoniacal; a outra parte foi introduzida no apparelho de Marsh, e deu pequenas manchas escuras, que desapareciam á chamma d'oxydação, mas lentamente; tractadas pelo acido azotico dissolveram-se, mas a dissolução não couro o nitrato de prata ammoniacal.

A Commissão concluiu que, aquelles vomitos so continham d'entre os venenos metallicos, um sal d'antimonio, mas cuja presença se pode explicar perfeitamente fora de propinação, por quanto, consta do Relatorio feito pelo Cirurgião da Enfermaria, o Sr. Antonio Maria Barbosa, que á doente fôra administrado tartaro emetico, para a fazer vomitar.

Este trabalho foi acompanhado de todas as formalidades legais, como consta do Auto feito pelo respectivo Escrivão.

Laboratorio, 9 de Julho de 1852. — José Alexandre Rodrigues. — Isidoro da Costa Azevedo. — José Tedeschi.

Pelo que, achando a Sociedade este Parecer conforme com os preceitos, e regras da sciencia, o approva e toma como seu proprio, mandando-o passar em forma de Consulta.

Em certeza do que, mandamos passar a presente, que vae assignada pela Mesa, e timbrada com o Emblema de que usamos.

Lisboa, e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 2 d'Agosto de 1852 = 18.º anno de sua Installação. = Antonio de Carvalho, Presidente. — Henrique José de Sousa Telles, 1.º Secretario. — Manuel Vicente de Jesus, 2.º Vice-Secretario.

CONSULTA SEGUNDA.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, reunida em Sessão plena no dia 9 de Julho do corrente anno, discutiu o seguinte Parecer de que havia encarregado a sua Commissão de Chymica.

Senhores! — A Commissão de Chymica foi convidada pela Mesa, para proceder a uma analyse chymico-toxicologica pedida pelo Sr. Delegado da 1.ª Vara, Guerra Quaresma, e tendo-se concluido aquelle trabalho, a Commissão vem hoje dar-vos conta das operações que se effectuaram e das conclusões que a Commissão tirou, a fim de que apreciadas devidamente, sejam por vós sancionadas.

Os trabalhos da Commissão foram feitos em presença do Sr. Juiz Eleito da Freguezia do Soccorro e seu Escrivão, do Sr. Delegado do Procurador Regio, e da Mesa da Sociedade; foram acompanhados de todas as formalidades legais, como consta dos autos lavrados pelo respectivo Escrivão.

A analyse havia de verificar-se sobre o estomago, e intestino do cadaver de Francisco Rodrigues Pereira, exhumado do cemiterio de Mafra, e que por um Officio do Dr. Francisco d'Assis de Castro, constava ser succumbido a envenenamento pelo Arsenico; conclusão que o dito Sr. Dr. Castro tirara dos signaes observados durante a vida, e depois da morte: o dito estomago e intestinos vinham immergidos em Alcool dentro d'um frasco de vidro; e conjunctamente vinha tambem um outro frasco com Alcool em que por algum tempo estiveram immergidas aquellas visceras, antes de as metterem no frasco em que foram trazidas.

Pela simples inspecção occular, não descobrimos cousa que nos fizesse suspeitar acido arsenioso em substancia.

Tomamos uma porção do estomago, e outra dos intestinos, as quaes foram carbonisadas, segundo o processo de Flandin et Danger, pelo acido sulphurico; o carvão tractado pelo acido azotico, e algumas gottas de acido chlorhydrico, e estes acidos dissipados a brando calor.

O carvão assim preparado ferveu-se com agua distillada, e o liquido filtrado, dividiu-se em duas partes.

Uma foi introduzida no aparelho de Marsh, cuja pureza havia sido verificada; a chamma não se alterou, e cortada com um pedaço de porcellana não projectou a menor mancha corada.

A outra porção depois de acidulada pelo acido chlorhydrico, foi submettida a uma corrente de sulphydrico, que não formou precipitado.

Reduzimos a extracto uma porção de cada um dos liquidos que vinham nos frascos mencionados, e os extractos depois de tractados pelo mesmo modo deram igualmente resultados negativos.

Ainda tractamos uma outra porção dos extractos alcoholicos pelo acido acetico; e depois pela agua; em a dissolução filtrada, ajuñctou-se o ammoniaco, com o fim de vêr se apparecia alguma precipitação, que nos fizesse suspeitar alcalis organicos, mas o ammoniaco nada precipitou.

A Commissão conclue que, as substancias que lhe foram remettidas, não contém Arsenico, nem outro veneno metallico, nem bases organicas das que se podem reconhecer actualmente, por meios chymicos, em taes circumstancias.

Lisboa, 9 de Julho de 1852. — José Alexandre Rodrigues. — Isidoro da Costa Azevedo. — José Tedeschi.

Pelo que, achando a Sociedade este Parecer conforme com os preceitos e regras da Sciencia, o approva, e toma como seu proprio, mandando-o passar em forma de Consulta.

Em certeza do que, mandamos passar a presente, que



vae assignada pela Mesa, e timbrada com o Emblema de que usamos.

Lisboa, e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 2 d'Agosto de 1852 = 18.º anno de sua instituição. — Antonio de Carvalho, Presidente. — Henrique José de Sousa Telles, 1.º Secretario. — Manuel de Jesus Vicente, 2.º Vice-Secretario.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Agosto de 1852, feitas na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Demonstrador de Medicina, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Belrão.

Temperatura media da atmosphera	19º,8 R.
"    maxima    "	21,5
"    minima    "	19
Maxima variação diurna de temperatura	2,5
Pressão media da atmosphera	760,86 <small>mil.</small>
"    maxima    "	764,53
"    minima    "	754,37
Ventos reinantes durante o mez	N. O.
Somma da altura da agua no pluviometro	0,7 <small>pol. linh.</small>
Dias mais chuvosos do mez	9
Grau medio d'humidade no hygrometro	4º,7

*Observações.*

As condicções da circumfusa em Lisboa no mez d'Agosto foram muito analogas ás do mez antecedente; todavia notaram-se duas circumstancias importantes, durante este

mez, nas condições atmosfericas; a 1.<sup>a</sup> foi a da pequena variação barometrica durante todo o mez; e a 2.<sup>a</sup>, ainda mais singular, consistiu na quantidade d'agua que choveu, principalmente no dia nove, o que é muito raro aqui em Lisboa! Não nos recordamos de vêr chover por este modo em Lisboa durante o mez d'Agosto, a não ser alguma chuva de trovoada, o que mesmo assim não é muito vulgar no sul do Reino. No mez passado a temperatura media foi algum tanto inferior á d'este; com tudo houveram dias mais quentes do que em Agosto, chegando em Julho a subir o thermometro a 23° R. dentro de casa, e fora da acção directa dos raios do sol, e chegando em Agosto apenas a 22°,5 nas mesmas circumstancias.

O estado de salubridade de Lisboa não foi máo; appareceram as molestias proprias da quadra, mas sem gravidade assustadoura. Tem apparecido os exantheas com frequencia, especialmente Bexigas, e Varicella; tivemos occasião d'observar esta ultima em pessoas, que haviam sido vaccinadas, mas correm muito natural e placidamente. Nas circumvisinhanças da Cidade, especialmente para o lado do norte tem apparecido com mais frequencia as febres exanthematicas.

As febres angiotemicas, ainda em pessoas nada pletoxicas, tem cedido d'um modo rapido e seguro ás sangrias geraes largas e repetidas. A comparação d'alguns casos de clinica propria e alheia me tem chegado a convencer que as febres, que durante o segundo septenario apresentaram a forma typhoide foram aquellas, que na sua origem não tinham sido sujeitas ao tractamento antiphlogistico franco e em larga escala. Terão todos observado o mesmo? As practicas individuaes dos nossos Collegas responderão á minha pergunta.

Casa no Largo do Caldas, no 1.<sup>o</sup> de Setembro de 1852.

## HISTORIA NATURAL.

### Molestia das uvas.

*Parecer da Commissão especial, nomeada pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, ácerca da molestia das uvas.*

A Commissão, encarregada por esta Sociedade de colher esclarecimentos, e dar um parecer ácerca da molestia, que de um modo geral, e verdadeiramente epidemico, tem accommettido as vinhas da Madeira, e mais limitadamente as de alguns districtos do Reino, depois de proceder ao exame d'este objecto com o cuidado, de que eram capazes os seus Membros, tem a honra de expôr qual tem sido até agora os resultados de suas diligencias e investigações.

Segundo as informações havidas da Madeira, e muito especialmente as de um dos intelligentes proprietarios d'aquella Ilha, o Sr. Severiano A. F. Ferraz, que as remetteu ao Sr. Conselheiro Lourenço José Moniz, constou á Commissão, que o mal começou a apparecer no principio de Maio d'este anno, e no fim de Junho tinha-se estendido a toda a Ilha; mas não de modo equal em todos os pontos ou districtos, havendo alguns mesmo, aonde se esperava salvar parte da producção.

As plantas, que eram atacadas em flor, não davam fructo; quando o eram em principio de fructificação, perdia-se o agrão antes que amadurecesse; e se os fructos existiam em maturescencia, esta parecia progredir, apesar da invasão do mal, e dava esperanza de completar-se, esperanza porém malograda, porque a experiencia foi mostrando, que tambem essa parte da producção era perdida por effeito do mal, que a atacara.

Teem sido accommettidas as diferentes partes da flor e fructo, as folhas, peciolos, pedunculos, e ramos; as cepas, geralmente, tem escapado, e de tal modo conservam,

pela maior parte, a sua vitalidade, que as de algumas videiras atacadas, depois de arrancadas, e de novo mettidas na terra, em breve criam novas e vigorosas raizes, segundo a observação e experiencia do mesmo Sr. Ferraz.

A Commissão verificou ser identico ao mal das vinhas da Madeira o que appareceu, e primeiro se observou pelos principios de Julho d'este anno, nas parreiras de Lisboa, e seus suburbios; bem como em Sacavem, Sancta Iria, Villa-franca, Farrobo, Bucellas, e Alemquer; em quasi todos estes pontos porém de um modo muito limitado. O mal não se manifestou com a mesma intensidade em todas as localidades, que invadio, nem atacou egualmente as diversas qualidades d'uvas. Em umas partes foram as uvas brancas muito mais acommettidas do que as tintas; em outras soffreram mais estas que as brancas; em algumas fazendas perdeu-se completamente o ferral, e foram mais poupadas as outras variedades, e mui especialmente o bastardo.

Os phenomenos ostensivos da doença são a principio umas manchas pontuadas, de côr ferruginea, que depois tomam o aspecto de um po ou curta villosidade esbranquiçada, a qual apparece principalmente á superficie dos bagos. Observada pelo microscopio esta producção anormal da uva, apresenta-se formada de feixes ou *cespites* de filamentos, marcando cada um, no micrometro de que nos servimos,  $0^m,004$  de espessura approximadamente; estes filamentos são tubos transparentes, formados de uma membrana, e no interior divididos, algumas vezes, por septos ou repartimentos egualmente membranosos. Estes filamentos nascem de outros de igual estrutura, que existem acamados á superficie do fructo; tem muitos d'elles, na sua extremidade livre, um ou mais corpusculos articulados longitudinalmente. Os corpusculos são de côr alourada; elipticos, formados, cada um, por um utriculo membranoso, transparente, e cheio de pequenas cellulas tambem transparentes. Cada articulo d'estes, medio-nos ao micrometro  $0^m,02$  de comprimento, e  $0^m,012$  de largura, e as cellulas menores alojadas no seu interior, e  $0^m,004$  ap-

proximadamente. Observam-se separados muitos d'estes articulos, e igualmente isolados os corpusculos cellulosos que n'elles se continham.

Não pode desconhecer-se por esta descripção um fungo, uma mucedínea, e mesmo uma especie do genero *Oidium*, pelos cespites de filamentos (mycellio), pelos sporidios monoliformes, e sporulos ou cellulas reproductoras do modo por que o formavam.

E' provavelmente este o mesmo *Oidium Tuckeri*, que começou a observar-se nas estufas do norte, e que depois, caminhando para o sul, tem invadido as vinhas de quasi toda a Europa.

Na propriedade do Ex.<sup>mo</sup> Conde de Villa Real, á Charneca, observaram-se algumas cepas atacadas. A cryptogamica, que marcava a doença, existia entre as escamas da epiderme, e acompanhava-a não pequeno numero de animalculos, cujos individuos, observados pelo microscopio, reconhecemos serem do genero *acarus*. Foi a primeira occasião, que os Membros da Commissão tiveram de vêr na doença associados os parasitas animaes e cryptogamicos, que depois verificámos em outras localidades. Ficou sendo, além d'isso, duvidoso para elles, que a mucedínea d'estas cepas fosse a mesma especie, que acima indicamos; effectivamente a forma dos sporidios era mais circular do que elliptica, e a sua inserção, em vez de terminal, mostrou-se sempre lateral aos filamentos que os sustentavam.

As manchas ferrugineas, que precedem, e acompanham o desinvoltimento fungoso, como foi descripto, não parecem ser um outro parasita, mas a mesma mucedínea no primeiro periodo de seu desinvoltimento; ao que auctorisa a descripção de outras especies de *Oidium*, indicadas por Elias Fries (*Systema mycologicum* Vol. 3.<sup>o</sup> pag. 430 e 431).

As cellulas do parenchyma da uva, geralmente, estavam sãs, algumas vezes, porém, pareceram as mais externas atravessadas de filamentos, correndo parallelamente á superficie, e além d'isso ramificados para o centro do fructo. Pareceu-nos ser o mycellio do fungo, que penetrou no interior, para onde tende a ramificar-se, algumas vezes pelo menos.

O fructo apresenta-se tambem, muitas vezes, fendido longitudinalmente, o que succede com mais especialidade, ao que parece, quando a uva é acommettida do mal ainda em agraço; ou porque, impedido assim mais o desinvolvimento da peripheria, do que o do centro do fructo, esta desigualdade acaba por fazer que a polpa não possa ser contida na pellicula que a reveste, causando a sua ruptura; ou porque a abundancia de liquidos na planta produza uma turgencia no parenchyma do fructo a que a pellicula não possa resistir.

Nem todas as variedades de uva são igualmente acommettidas, segundo vimos, mas o que mais tem parecido influir ainda são certas condições de localidade, e o modo da disposição das videiras.

No reino os parreiraes teem parecido acommettidos com extensão maior; as vinhas, em sitios baixos, e sobre tudo nos de regadio, teem sido tambem muito atacadas; nas encostas teem geralmente escapado. Na Ilha, como observa o Sr. Ferraz, as videiras, cujas ramificações são mais rasteiras, teem parecido menos acommettidas do que as outras.

Ainda que seja muito difficil, ou mesmo quasi sempre impossivel determinar as verdadeiras causas das doenças que, de um modo geral, reinam sobre as especies animaes, ou vegetaes, para constituirem as grandes ou pequenas epidemias, nem por isso deixa de ser conveniente apreciar todas as condições externas e individuaes, capazes de concorrer para o desinvolvimento de semelhantes doenças. E' o que a Comissão tentou ainda fazer no caso do seu exame.

Para isto valeu-se das observações meteorologicas do Sr. Conselheiro Franzini, que elle prosegue com louvavel perseverança e particular cuidado ha mais de treze annos; observações, a que se não tem dado o apreço, que ellas merecem, com justo desgosto do seu auctor, e de quantos se occupam do estudo de sciencias naturaes em Portugal, sciencias n'esta terra desde muito tempo, e ainda hoje desfavorecidas com gravissimo prejuizo do aperfeiçoamento e progresso, de que o nosso paiz muito carece. D'estas observa-

ções, benevolmente communicadas á Commissão por seu auctor, deduzimos, a respeito dos quatro mezes de Maio a Agosto d'este anno, os factos seguintes:

1.º A temperatura media de cada um dos quatro mezes foi geralmente inferior á media dos mezes correspondentes nos treze ultimos annos, sendo essa differença de 1.º; 1.º,8; e 3.º Far.

2.º As variantes de temperatura foram em geral bastante notaveis; as medias diurnas de 17º; 14º,8; 19º; 17º, 5. A maxima variante diurna, que teve logar no dia 21 de Agosto, chegou mesmo a ser de 36º; a maior, diz o Sr. Franzini, que elle tem observado.

3.º A chuva n'estes mezes, posto que pouca, foi com tudo o triplo da que corresponde á media dos mesmos mezes nos outros annos. O numero de dias nebulosos em Maio e Junho foi muito notavel. A humidade atmospherica, pois, nos quatro mezes predominou sensivelmente sobre a dos mezes correspondentes nos annos anteriores.

Tivemos, por tanto, uma primavera e verão notavelmente irregulares, e que se seguiram a um inverno, que ja o fôra, pela falta de chuvas a tempo sobre tudo.

Estes dados meteorologicos não explicam de certo todos, mas podem dar razão de uma parte dos factos observados. E' bem sabido, que o desenvolvimento regular da vegetação não é compativel com a falta de regularidade nas estações, com as grandes, rapidas, e repetidas mudanças na temperatura da atmospherica; além d'isso o desenvolvimento imperfeito dos vegetaes, que d'ahi resulta, é quasi sempre acompanhado do desenvolvimento de parasitas vegetaes e animaes, que acabam de fazer a ruina das produções do anno, e ás vezes das plantações na sua totalidade. A isto acresce a influencia conhecida da humidade quando é favorecida por certo grau de calor, para determinar o apparecimento, e rapida propagação d'esses parasitas, muito especialmente dos fungos.

Da observação do Sr. Ferraz resulta, que os dias nebulosos eram na Madeira especialmente proprios para a mais rapida propagação do fungo pelas videiras. Nas cul-

turas de estufa, ao norte da Europa, observou-se que as demasiadas regas e a maior humidade, em geral, favoreciam muito o desinvolvimento do mesmo mal. Parte do que a Comissão poude verificar e ja foi mencionado, confirma estas observações.

Parece pois á Comissão, que a irregularidade das estações do anno concorreu para o desinvolvimento do mal das videiras, como, em geral, para fazer de um anno, que se annunciou tão esperançoso, um dos mais escassos não so na producção da uva, como na da azeitona, e na da maior parte dos outros fructos: e que o apparecimento do fungo, do acarus, e mais parasitas nas videiras, é uma das manifestações d'essas grandes influencias geraes, que, para fazer escacear as producções, se exerceram e manifestaram não so d'este, mas de outros modos.

Tractando da cura do mal, temos de attender primeiro que tudo ás causas que o produziram. Essas causas, porém, ou são geraes, e sobre essas nenhuma acção tem o poder do homem; ou existem nos individuos acommettidos, e são por assim dizer predisponentes, e sobre essas algum poder exercem os esforços d'arte. E' para attenuar, ou destruir estas ultimas causas, que servem todos os cuidados da cultura, proprios para augmentar o vigor das plantas, podendo d'este modo resistir melhor ás influencias exteriores, que lhes possam ser nocivas. Desinvolvido, porém, o mal, até que ponto, e por que meios poderemos atalhar o seu progresso, e evitar a sua repetição nos annos futuros? A Comissão pouco pode dizer, por ora, de observação e experiencia propria; eis porém o que lhe parece dever lembrar a este respeito, fundando-se principalmente na observação de outros.

1.º De quanto referimos deduz-se, que a molestia das videiras ataca principalmente a uva, a folha, e mais partes verdes da planta; raras vezes a cepa é compromettida. D'isto é ja possivel e importante concluir, que a molestia affecta a producção do anno, mas que nem por isso deixam de sobreviver, pela maior parte, as cepas, e com toda a probabilidade de darem nos annos futuros producções



isemptas do mal. Perde-se pois o fructo sem que se perca com elle, de necessidade, a planta.

2.º A experiencia dos horticultores do norte tem ensinado, que é possível atalhar, e remediar o mal mesmo nos individuos atacados; os meios, porém, que para isso aconselham são, infelizmente, de uma applicação muito limitada. Consistem elles, como se tem ja publicado, em loções feitas com agua simples; agua e enxofre; solutos alcalinos; leite de cal; ou sulphureto de cal liquido muito diluido. Quem pode, porém, esperar vêr estendida a applicação de semelhantes meios, até aqui feita na cultura de estufas, a grandes tractos de vinha, como os que teem sido atacados de um mal tão devastador? Querendo, porém, os nossos cultivadores empregar este genero de meios, lembra a Comissão, que o soluto do sulphureto de cal, um dos melhores que para este fim tem sido proposto, pode ser vantajosamente substituída pelas aguas de Caldas, ou hepaticas, nos sitios, aonde estas aguas são nativas; e lembra-o, porque o nosso territorio abunda n'este genero de fontes mineraes, e porque o mineralisante d'estas aguas, como é sabido, é muito analogo em propriedades ao sulphureto de cal.

3.º A applicação dos precedentes meios, posto que impossível de fazer em grande escala, poderá com tudo servir ainda nas grandes vinhas para atalhar o mal nas primeiras videiras acommettidas evitando a propagação d'elle pela extincção dos germes de um parasita capaz de quasi infinita reproducção por meio dos seus numerosos sporulos. Mas isto suppõe que o mal apparece limitado a um pequeno numero de individuos; caso em que a destruição, pelo fogo, das partes atacadas, seria um meio ainda mais seguro.

4.º O cultivador deve sobre tudo empregar os meios para prevenir a repetição do mal nos annos futuros. Estes meios são a poda, e completa limpeza das cepas, que a precisem; a lavagem, das que foram atacadas, com o leite de cal, dissolução do sulphureto de cal, ou com agua de Caldas; a completa destruição pelo fogo, e redução

a cinzas, de todas as partes da planta, acommettidas do mal, que tiverem sido separadas das cepas; a mistura das mesmas cinzas no proprio terreno das vinhas, e sobre as raizes das cepas; junctando depois a estes cuidados todos os outros de uma boa cultura. Por este modo pensa a Commissão, que se attenuará, talvez, o mal existente, e se poderá prevenir o dos annos futuros.

Lembra finalmente a Commissão, que está provado por experiencia que o fungo das vinhas nada tem de venenoso, e que os fructos atacados do mal, mas chegados á maturescencia, podem dar, apezar da influencia do parasita, um sumo capaz de frementar, e de produzir vinho, cuja qualidade comparativa não pode com tudo ainda indicar.

A Commissão absteve-se de dar a historia do primeiro apparecimento e progresso do mal das videiras em toda a Europa, assim como de indicar mais demoradamente outros pontos relativos á etiologia, andamento, e meios curativos da doença; porque o que teria a dizer demais sobre estes objectos se acha já publicado pela nossa imprensa, e muito especialmente no relatorio redigido, em nome da Classe das Sciencias Naturaes da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pelo seu Presidente, o Sr. Conselheiro José Maria Grande. Julgou cumprir melhor a sua missão fazendo conhecer os factos, que não foram ainda publicados, e principalmente dando conta do resultado de suas proprias observações sobre o objecto, que foi confiado ao seu exame. E' o que cumprio, do modo melhor que poude, restando-lhe só o pezar, se não conseguiu *corresponder* á honrosa confiança nella depositada, e se não poude esclarecer mais uma questão de tanto interesse publico, na qual a Sociedade Pharmaceutica, com tão louvavel zelo, quiz empenhar as suas diligencias e indagações, que outros porém, mais habilitados, e competentes, hão-de certamente proseguir com mais proveito para credito e satisfação da mesma Sociedade.

Lisboa 8 de Setembro de 1852. — Dr. Bernardino Antonio Gomes. — Dr. Francisco Pereira da Costa. — Dr.

*José Joaquim da Silva Pereira Caldas. — João José de Sousa Telles.*

**Parecer da Comissão d'Historia Natural ácerca do catalogo das plantas do Horto botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisbon.**

Em uma das Sessões passadas determinou esta **Sociedade** que a **Commissão d'Historia Natural** desse o seu parecer ácerca do **Catalogus plantarum horti botanici Medico-Cirurgicae Escholae** ha pouco publicado pelos Srs. **Dr. Bernardino Antonio Gomes** e **Dr. Beirão**, Professores da mesma Eschola e nossos **Socios Honorarios**. A vossa **Commissão**, porém, para melhor fundamentar o seu parecer, julgou conveniente fallar-vos tambem do horto, a que o mesmo catalogo se refere, o qual tem na educação dos pharmaceuticos uma certa importancia, que convem não esquecer.

A **Pharmacia**, como muito bem sabeis, está toda baseada na **Historia Natural**, na **Physica** e na **Chymica**. O **Pharmaceutico**, que não é naturalista, não merece aquelle titulo; é apenas um simples manipulador, que pode, sendo exacto na practica da sua profissão, preparar menos mal os medicamentos, mas de quem jamais a sciencia e a humanidade poderão esperar grandes serviços. Sendo isto certo, como é, so poderão haver bons e illustrados cultores da **Pharmacia** quando os seus conhecimentos em **Historia Natural** forem vastos e profundos. O legislador, attendendo a esta necessidade, que todos reconhecem, ordenou que os alumnos da **Eschola de Pharmacia**, antes de cursarem as cadeiras de **Materia Medica**, **Toxicologia**, e **Pharmacia**, frequentassem as aulas de **Botanica** e **Chymica**, que devem constituir os dous primeiros annos do seu curso; e actualmente alguns Collegas nossos voluntariamente tem estudado a **Zoologia**, a **Mineralogia**, e a **Physica**, por isso que entendem, e bem, que taes sciencias são indispensaveis a qualquer sujeito, e muito mais aos que seguem a nossa profissão. E', porém, forçoso con-

fessar que o estudo de qualquer dos ramos da Historia Natural, como se faz na Eschola Polytechnica onde concorre o maximo numero d'estudantes, não satisfaz plenamente ás necessidades dos Pharmaceuticos; o que não deve admirar por serem muito pequenos aquelles cursos, e muito especial a indole da Eschola, em que elles se fazem.

E' impossivel que as sciencias naturaes, apesar do desvelo com que as ensinam os respectivos professores, se estudem bem nas nossas escholas superiores, onde não ha, como nas dos paizes mais cultos, nem Lentes aggregados, que deem cursos explicativos, nem salas de estudo, nem gabinetes onde se façam exercicios practicos repetidos, nem laboratorios, nem sufficientes livros. De tudo isto provem que ordinariamente sahe-se d'aquelles estabelecimentos apenas com um certo numero de conhecimentos theoricos, e quando muito com algum desejo de saber mais do que alli se aprendeu. Se porém nas escholas faltam os meios de bem aprender, ca por fora não abundam mais. Tudo são difficuldades, e tam grandes, que é mister vontade de ferro para as vencer; resultando d'isto, que, possuindo nós um grande numero de theoricos, pouquissimos practicos tenhamos. Applicando o que fica dito aos aspirantes de Pharmacia, vê-se bem que quando entram na Eschola Medico-Cirurgica para estudarem Materia Medica e Pharmacia, trazem sabidos apenas os leniamentos d'uma sciencia vastissima e de que tem de fazer numerosas applicações. Educados na Eschola Polytechnica, onde se dá um certo desinvolvimento á organographia e physiologia vegetaes, os conhecimentos que adquirem da taxonomia, que é uma das mais difficeis, e para elles das mais importantes partes da Botanica, são pequenissimos porque se limitam ao conhecimento theorico dos methodos e dos systemas; e annos tem havido em que nem mesmo essas pequenas noções lhes foram dadas, por falta de tempo, que não de vontade e zelo dos Professores.

A Sociedade pode bem avaliar as difficuldades com que terão a arcar os estudantes, que so entam reconhecem a grande distancia que vae da theoria á practica.

A lei da criação da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa ordena que na mesma Eschola haja um horto botânico onde os alumnos possam estudar as plantas vivas. E' esta uma determinação sabia, mas que teria ficado no papel, como muitas outras cousas boas que por ali se mandam fazer, se o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes se não tivesse dedicado a pol-a em execução armado d'uma paciencia e d'um zelo nada vulgares, n'esta terra, onde todas as empresas scientificas morrem á nascença.

Sozinho, sem ter quem o ajudasse, sem o pessoal necessario, sem receber sufficientes recursos pecuniarios, sem esperanza nos homens em quem devia achar protecção, qualquer outro teria desistido d'uma empreza que levaria annos a completar-se, admittindo-se que todas as circumstancias lhe fossem favoraveis. Porém, como a perseverança é tudo, e essa boa qualidade não falta ao Sr. Dr. Gomes, venceu todos os obstaculos, e conseguiu criar e sustentar o horto, que todos vós, por certo, tendes visitado muitas vezes, e aonde, a par das plantas indigenas, tereis encontrado muitas de nações e climas diversos.

Conseguido este desideratum, buscou o Sr. Dr. Gomes, pelo exemplo e pela persuasão, criar no animo dos seus discipulos o gosto pelo estudo pratico da Botanica, dando-lhes de seu motu proprio um curso annual de Taxonomia practica, insistindo principalmente na exposição dos caracteres das familias, e dos generos e especies mais uteis á Medicina, facilitando-lhes os seus proprios livros, e os que na Eschola estão debaixo da sua immediata jurisdicção, franqueando-lhes os instrumentos de observação, dirigindo-os na confecção d'um hervario, que todos os annos se enriquece com novas plantas, e animando-os d'um modo quasi paternal.

Este precioso complexo de circumstancias não pode deixar de ter uma grande influencia no futuro scientifico da classe pharmaceutica. Avaliadas por este modo as tendencias, que se não tinha curado de apreciar, animado o engenho, desbastadas as difficuldades que sempre se encontram na carreira scientifica, e engrandecido o talento pe-

los esforços d'um bom Mestre, por pouca que seja, sempre alguma semente ha de germinar, e recompensar com bons fructos os cuidados da cultura.

Senhores, depois de vos termos informado da influencia que sobre a nossa classe exerce o Professor Gomes, e do fim para que elle tam desveladamente tem sustentado o horto botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, podemos melhor fazer-vos conhecedores do Catalogo que submettestes ao nosso exame.

O catalogo das plantas, agradavel á vista por uma certa elegancia, e correccão, que não se deve desprezar, divide-se nas seguintes partes :

1.<sup>a</sup> Um prefacio escripto em latim correcto e elegante, em que se expõe a origem do horto; o fim para que foi creado; o fim para que se publicou o catalogo; a classificação adoptada; e os individuos, que mais cooperaram para o desvolvimento d'aquelle estabelecimento.

2.<sup>o</sup> Um index bibliographico dos auctores citados no catalogo, ou mencionados na composição dos nomes dos generos e especies, com a indicação das obras, que sobre Botanica escreveram. E' esta uma parte muito util para os que se dedicam ao estudo das plantas, por quanto alli encontram mencionadas quasi todas as obras, que lhes é mister estudar.

3.<sup>a</sup> Explicação dos symbolos mencionados no catalogo.

4.<sup>a</sup> O catalogo das mil oitocentas e tres especies do horto distribuidas em tres grupos: Dicotyledoneas; Monocotyledoneas; e Acotyledoneas vasculares; e em cento e cincoenta e seis ordens; doze sub-ordens; e cento e quarenta tribus; segundo o methodo natural, seguido por Karl Friedrich Meisner no seu *Genera plantarum vasculares*. Cada uma das especies está designada pelo seu nome scientifico mais moderno, pelos por que tem sido designada por diversos Botanicos, pelos nomes ou nome vulgar, quando os tem; e acompanhada do habitat, e do symbolo que indica a sua duração.

5.<sup>a</sup> Index dos generos e ordens.

6.<sup>a</sup> Index dos nomes vulgares.

Tal é, Senhores, o plano da obra, que faz o objecto d'este parecer. Dizer-vos agora qual a sua utilidade para os que se dedicam ao estudo no horto, a que elle se refere, o trabalho que a sua confecção exigio, o grande cabedal scientifico que demonstra em seus auctores, e o muito que vale, seria suppor-vos estranhos a uma sciencia que, como pharmaceuticos, deveis, e por certo possuis.

Uma circumstancia, porém, deve não passar desapercibida, e por isso vol-a indicamos aqui mais em especial. No catalogo a que nos referimos, encontram-se especies do nosso paiz, que o Dr. Brotero não mencionou; outras que elle deu como limeanas, e que o não são, la se acham devidamente referidas, e sobretudo importa reconhecer que as indagações a que os dous Professores procederam para determinar o habitat das plantas revelam-se em todo o catalogo, e são de bom interesse.

A Commissão d'Historia Natural folga de ter esta occasião de vos propor os Srs. Dr. Bernardino Antonio Gomes e Dr. Beirão como dignos da vossa especial gratidão, e lembra-vos, que, visto não poder esta Sociedade por outro modo mais significativo demonstrar áquelles nossos Consocios a estima em que os tem, bom seria que a Sociedade lhes escrevesse tributando-lhes os devidos louvores.

Sala da Commissão d'Historia Natural, em 1 d'Agosto de 1852. — Director, *João José de Sousa Telles*. — *José Pereira d'Azevedo*. — *Sebastião Athanzio Estanziláo da Silca*.

Centro de Documentação Farmacêutica  
REVISTA DOS JORNAES.  
da Ordem dos Pharmacêuticos  
(SETEMBRO.)

**Desastre.** — O nosso excellente amigo José Dionysio Corrêa tem estado, desde o dia 17 de Agosto, gravemente doente em consequencia da explosão d'um aparelho em que preparava o chloroformio. Projectou-se-lhe sobre a face esquerda, hombros e costas uma porção consideravel de acido sulphurico de que resultou, além d'ou-

tros incommodos, uma fortissima inflammação do olho esquerdo, que tem feito receiar a cegueira. Graças aos disvelos dos seus assistentes; temos esperança de que ficará sem defeito. Todos os Collegas se teem interessado muito pela saude de tam estimavel Pharmaceutico, e grande numero d'elles o teem ido visitar.

**Aguas sulphurosas.** — Recommendamos a leitura do opusculo que o nosso estimavel e sabio amigo o Dr. Pereira Caldas acaba de publicar com o seguinte titulo: *Noções therapeuticas sobre o uso e o abuso das aguas sulphurosas, ou principios practicos da applicação medicamentosa d'estas aguas especiaes.*

**Iodureto d'amido soluvel e xarope de iodureto d'amido.** — E' digna de ler-se a memoria que ácerca d'estes preparados publicou no Journal de Pharmacie et Chimie do mez de Maio d'este anno (1852) pag. 329, o Sr. Soubeiran. Além das considerações que faz sobre a pouca importancia d'estes medicamentos e a pouca uniformidade e perfeição das differentes formulas conhecidas para a sua preparação, apresenta uma formula sua que reune todas as vantagens possiveis.

**Novo mineral.** — O Professor Jellet descubriu na Suissa uma especie de mineral, que julgou não ser ainda conhecido. O Dr. Apjohn, professor de Mineralogia na universidade de Dublin, a quem Jellet o enviou para o estudar, reconheceu ser effectivamente nova. A *jalletita* (que assim o denominam) apresenta-se em forma de uma incrustação parcial, de côr amarella esverdeada escura, sobre a superficie d'uma pissarra talcosa, que contém granadas pardas, e algum asbesto. Tem fractura compacta, porém compõe-se realmente de numerosas prismas, cujas bases rhombas formam angulos de 60 e 120°. A sua dureza, de mais de 7, o colloca entre o quartzo e o topazio; a sua gravidade especifica é de 3.741. Aquecido á chamma interior do maçarico, adquire uma côr escura, forma escoria, e é entam fortemente attrahido pelo iman. Em po fino é atacado pelo acido chloridryco, sem se tornar gelatinoso; o acido dissolve a cal e o ferro, deixan-



do uma silice impura, de sorte que a decomposição não é completa. Uma pequena porção, que foi analysada, achou-se ser formada de: silice 7,39: peroxydo de ferro 6,53: cal 5,76. = 19,68. Lemos esta noticia no Boletin de M. C. y Pharmacia de Madrid.

**Fallecimento.** — No dia 21 do mez passado (Agosto) falleceu, d'uma apoplexia cerebral, o nosso amigo Jacintho da Costa, Cirurgião Mór da Armada Real, e auctor das seguintes obras, que correm impressas: Pharmacopea Naval e Castrense, em 2 volumes. — Tractado de feridas d'armas de fogo, em 1 volume. — Tractado de partos, em 2 volumes. — Tractado de Cirurgia e Medicina, em 4 volumes. Parece que além d'estas deixou outras obras ineditas.

Tinha setenta e nove annos de idade.

**Jornal da Associação Portuense.** — Recebemos os dous primeiros numeros d'este Jornal, e folgámos muito com a sua leitura. Revela um pensamento grandioso e presagia mui prospero futuro para as classes industriaes do Porto, e para toda a nação. Peza-nos no fundo d'alma, que em Lisboa se não imite ja tam aproveitavel exemplo. Entre outros artigos, que n'aquelle jornal se leem com aproveitamento, recommendamos especialmente os dous seguintes: Preparação e applicação da Gutta-Percha, e Metallurgia do cobre.

Fazemos votos para que uma tam util instituição progreda.

**Sulphydrometria.** — Tendo alguns jornaes francezes renovado a lembrança do uso do sulphydrometro para dozar rigorosamente o enxofre contido nas aguas minero-medicinaes sulphurosas, o Sr. Favrot lembrou que, segundo as experiencias do Sr. Vesu, a presença simultanea d'um sal de ferro e d'um carbonato alcalino em uma agua torna o instrumento *completamente infel*, porque o iode obra sobre o carbonato ferroso, expulsa o acido carbonico, decompõe uma parte da agua, cujo oxygenio peroxyda o ferro, indo o hydrogenio formar com o iode acido iodhydrico. Estes effeitos não se produzem, segundo parece, em

uma dissolução de sulphato de protoxydo de ferro na agua distillada, nem mesmo debaixo da influencia dos chloruretos de sodio ou de calcio, mas basta ajunctar a esta solução ou agua de poço ou um bicarbonato alcalino, para que logo se effectue a absorpção do iode.

**Novo reagente do iode.** — Moldenhaver propõe como meio facil de descobrir o iode, mesmo quando existe na quantidade de dous ou tres millionesimos, ajunctar á solução, em que se suppõe existir aquelle corpo, agua amidonada; acidular com acido chlorhydrico, e ajunctar *azotito de potassa*, que dá origem á coloração azul. Como consequencia d'esta reacção propõe tambem Moldenhaver o iodureto de potassio dissolvido em agua amidonada, como reagente dos azotatos e azotitos.

**Carbonato de ferro isempto de sesquioxydo do mesmo metal.** — Hellandt annuncia um facto que, se for devido á causa a que elle o attribue, e se for verdadeiro, merece mui especial attenção. Não podendo preparar o carbonato de ferro no seu laboratorio, fel-o na cava, á luz d'uma vela, e observou que conservava a côr verde e que era isempto de sesquioxydo. Segundo Hellandt a transformação do carbonato de ferro é resultado da acção da luz difusa. Verificado este facto, estam cortadas todas as difficuldades, e não teremos mais que preparal-o, bem como os medicamentos em que elle entre, e conserval-o fora daquella influencia.

**Acido arsenioso no tractamento das intermitentes.** — N'estes ultimos tempos o Sr. Dr. Lima Leitão Lente de Clinica Medica na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, tem feito e continua a fazer um estudo aturado da influencia do acido arsenioso no tractamento das intermitentes e d'outras molestias. Daremos, brevemente, n'este Jornal as formulas seguidas pelo sabio Professor, e bem assim a indicação das molestias em que tem applicado um agente tam energico.

**Effeitos toxicos da cidra de má qualidade.** — Tem-se observado ultimamente em Paris varios casos de colica, acompanhados de grande prostração, cuja causa

parece ser o uso da cidra adulterada. Conheceu-se que alguns fabricantes usam de vinho muito tinto, vindo do sul de França, para fazer a cidra, tirando-lhe primeiro a materia corante com o acetato de chumbo, fazendo-o depois fermentar por meio de maçãs podres. E' com este vinho que elles alcançam, ajunctando-lhe uma grande parte de agua, uma bebida clara, picante e espumosa, que é egualmente agradável á vista e ao paladar, e que tem a maior similhaça com a boa cidra. Como o novo composto tem sido muito procurado, todos os jornaes se teem occupado d'este envenenamento, cujos symptomas são principalmente vomitos, prisão de ventre rebeldissima, colicas, pelle d'uma côr tirante á de chumbo, movimentos convulsivos, paralytia imminente, e o azul caracteristico das gengivas. O governo mandou proceder, por meio da commissão de hygiene, ás mais miudas investigações sobre este objecto.

Esta noticia, que transcrevemos do Escoliaste medico, é digna de toda a attenção, porque actualmente vae-se generalizando em Lisboa o uso da cidra, que bem pode acontecer não seja de boa qualidade.

**Obito.** — Falleceu no dia 15 d'este mez o nosso Collega Antonio Feliciano Lopes.

*Sousa Telles, Junior.*

## PEÇAS OFFICIAES.

*Extracto das Actas das Sessões Litterarias,  
Acta n.º 445, de 12 d'Agosto de 1852.*

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Abriu-se a Sessão pelas 8 horas da noute, achando-se presentes muitos Socios e entre elles o nosso digno Conscocio Honorario o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, que, vindo a Lisboa, quiz honrar-nos com a sua presença.

Depois de lida e approvada a Acta da Sessão antecedente, o Sr. Carvalho, que occupara a Cadeira da Presidencia para dar posse aos novos funcionarios, convidou o Sr. José Tedeschi para o substituir, o que S. S.<sup>a</sup> fez, agradecendo, em seguida á Sociedade o havel-o eleito seu Presidente.

O Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario disse que sendo-lhe incommodo o desempenho das obrigações de 1.<sup>o</sup> Secretario, e havendo sido reeleito para aquelle cargo, dera em plena Sessão a sua escusa; que a Sociedade, ficando silenciosa, approvára tacitamente o enunciado pelo Sr. Oliveira (Senior) « de que não era aquella a occasião propria para se tomar conhecimento de semelhante assumpto. » Que sendo depois instado por um amigo que em seu nome e de outros lhe pedira acceitasse a nomeação, cedera ás suas instancias, por quanto costumava sempre decidir-se por uma razão, e não por um capricho. Que elle estava disposto a continuar no mesmo exercicio, porém, que o não faria sem que a Sociedade sancionasse a sua escusa ou admittisse a sua acceitação. Seguidamente desoccupou a Mesa, e foi esperar fora d'ella a deliberação da Sociedade.

O Sr. Presidente consultou a Sociedade ácerca do que acabava d'ouvir. Todos os Socios se pozeram immediatamente em pé, e para que a votação não fosse equivocada, se conservaram assim por alguns instantes, indicando tacitamente o regozijo que experimentavam por continuarem a gozar os serviços do Sr. 1.<sup>o</sup> Secretario, o qual agradeceu a deferencia, e reoccupou a sua Cadeira.

O Sr. Oliveira agradeceu a sua eleição de Thesoureiro, declarando que não obstante tomar sobre si um trabalho espinhoso, e um pouco improprio da sua idade, todavia estava prompto, como sempre, para servir a Sociedade. Disse mais, que alguém o aconselhára a não acceitar aquelle cargo por ter exercido ja o de Presidente, porém, que superior a ridiculos caprichos, intendia, que aquelle facto o não inhibia de exercer o cargo de Thesoureiro ou ainda mesmo outro qualquer mais inferior.

O Sr. Presidente agradeceu em nome da Sociedade ao

digno Socio a sua attenção, e mesmo porquê estabelecia um facto que podia servir de regra para o futuro.

O mesmo Sr. Presidente manifestou, em nome da Sociedade, o grande regosijo que a mesma experimentava por ter em seu seio o nosso digno Consocio o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Pereira Caldas, a que sua Senhoria correspondeu com expressões cheias de cordealidade e gratidão.

A Sociedade approvou a Proposta do Sr. J. D. Corrêa para que na acta se mencionasse a satisfação que a Sociedade tivera pela presença do Sr. Dr. Caldas.

O Sr. J. A. Rodrigues deu parte que se achava instalada a Commissão de Chymica, sendo elle o Director, e Vice-Director o Sr. J. P. d'Azevedo.

O Sr. Carvalho (Senior) noticiou igualmente estar constituida a Commissão de Pharmacia, sendo elle o Director, e Vice-Director o Sr. J. Q. d'Avellar.

O Sr. J. J. de Sousa Telles declarou tambem, que se achava formada a Commissão d'Historia Natural, ficando elle Director, e Vice-Director o Sr. I. da Costa Azevedo.

O Sr. Presidente apresentou uma proposta para Membro Effectivo, que declarou urgente; approvada a urgencia e dispensadas as formalidades do estylo, foi votada e approvada a proposta, ficando por conseguinte Socio Effectivo o Sr. Raymundo Antonio Caetano Barral.

O Sr. Telles (Junior) propoz, com urgencia, que fosse nomeada uma Commissão especial para estudar a doença das uvas; e para isso lembrou alguns nossos Consocios taes como os Srs. Drs. J. M. Grande, Gomes, F. A. P. da Costa, e P. Caldas, caso sua Senhoria se demorasse em Lisboa. Posta esta materia em discussão, approvou-se a urgencia, e em seguida a proposta, e que a Commissão fosse de quatro Membros nomeados pela Mesa, a qual consultando entre si, nomeou os Ill.<sup>mos</sup> Srs. Drs. B. A. Gomes, F. A. P. da Costa, e P. Caldas, sendo o Proponente, como tal, Membro nato da Commissão.

O Sr. Dr. P. Caldas disse que bastava a Proposta e a consideração com que era tractado pela Sociedade, para se demorar em Lisboa, caso o não tencionasse fazer, e que

de bom grado se offerecia para o que a Sociedade lhe determinasse.

O Sr. J. D. Corrêa, por parte do Sr. P. Caldas, pediu que a Sociedade se occupasse da analyse das Aguas de Vizella, para o que sua Senhoria se incumbia de fazer junctamente todos os ensaios precisos. Approvou-se a Proposta, e que o Sr. Caldas se intendesse com o Sr. Director da Commissão de Chymica.

O Sr. Telles (Junior) apresentou o Parecer da Commissão d'Historia Natural ácerca do Catalogo das plantas da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Ficou para segunda leitura.

Teve segunda leitura o Parecer da Commissão especial encarregada do Projecto sobre instrucção pharmaceutica, ácerca do Officio do nosso Consocio de Mathosinhos, o Sr. Luiz Vicente Fortuna. Fizeram varias observações os Srs. A. Rodrigues, Telles (Junior), Telles (Senior), e J. D. Corrêa. Deliberou-se que se lhe remetteste a copia pedida e se lhe respondesse ao mais com a devida urbanidade.

Egualmente teve segunda leitura o Parecer da Commissão de Redacção ácerca do pedido do nosso Consocio da Covilhã, o Sr. Alves Leitão, este Parecer foi approvedo com uma declaração do Sr. Telles (Junior), Membro da mesma Commissão, e vem a ser que a bem da Sociedade se havia conformado com o Parecer em vista das observações feitas pelo Sr. J. D. Corrêa, desejando com tudo que esta sua declaração se mencionasse na acta.

Sendo 10 horas fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Acta n.º 446, de 26 d'Agosto de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a Sessão pelas 8 horas da noite.

Lida e approveda a acta da Sessão antecedente deu o Sr. 1.º Secretario conta da correspondencia e dos objectos doados.

O mesmo Sr. 1.º Secretario observou que, havendo bastante tempo que se havia officiado ao Ex.º Sr. Enfermeiro Mór do Hospital Nacional de S. José ácerca dos esclarecimentos que a Sociedade desejava obter relativamente

te á Pomada mercurial, preparada com o oxydo negro de mercurio; e não tendo havido resposta alguma, desejava saber se conviria tornar a officiar áquelle Senhor.

O Sr. J. D. Corrêa deu a este respeito algumas informações; a Sociedade deliberou que se officiasse.

A' leitura da acta do Conselho Administrativo requereu o Sr. Assis, ex-Thesoureiro, que se lhe passasse o competente quite, segundo a formula legal.

O Sr. Oliveira, actual Thesoureiro, informou a Sociedade do bom estado em que tinha achado a Thesouraria; em consequencia do que, e attendendo mesmo á proposta do Sr. Telles (Junior) e do que no Parecer da Commissão de Contas se dizia acerca do Sr. Assis, a Sociedade não só mandou que se passasse o quite, mas que na acta se exarassem os devidos louvores a tão benemerito Consocio, não obstante a sua modestia recusar-se a este distincto testemunho da Sociedade.

O Sr. Telles (Junior) fez algumas observações acerca da falsificação do subnitrate de bismuto pelo arsenico, referindo varios factos acerca d'este objecto.

O Sr. A. Rodrigues produziu varias razões com que provou, que a presença do arsenico no subnitrate de bismuto não era prejudicial á saúde por se achar n'um estado que o tornava insolúvel no estomago.

O Sr. J. D. Corrêa e o Sr. J. de Sousa Pereira tambem fizeram algumas observações sobre o mesmo objecto.

Approvou-se uma Proposta de Candidato para Socio Correspondente Nacional remittida pelo Sr. Antonio Eduardo dos Reis, nosso Delegado em Angola.

Teve segunda leitura e foi approvedo o Parecer da Commissão d'Historia Natural apresentado pelo Sr. Telles Junior, acerca do Catalogo das Plantas do Horto Botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e por proposta do Sr. 1.º Secretario decidiu-se que se officiasse aos dignos auctores d'aquelle trabalho, agradecendo-lhes, em nome da Sociedade, e que o Parecer fosse remittido á Commissão de Redacção para o publicar.

O Sr. J. D. Corrêa mostrou desejos de que na proxima

Sessão se tractasse alguma cousa ácerca do Projecto de representação sobre Instrucção Pharmaceutica.

O Sr. 1.º Secretario observou, que, attendendo a algumas alterações que se lhe haviam feito na ultima Sessão tornava-se indispensavel que, depois d'examinação pela Comissão, volvesse outra vez á sancção da Sociedade.

O Sr. Telles (Junior) apresentou uma synopse dos trabalhos que estavam affectos á Comissão d'Historia Natural e outra dos trabalhos de que se havia incumbido pela Sociedade, e pediu que fossem publicados na acta.

Estado em que se acham os trabalhos affectos á Comissão d'Historia Natural. = 1.ª Consecção do Catalogo de todos os objectos da Comissão. = Está a fazer-se, e ha de demorar-se porque depende da classificação do Museu. = 2.ª Classificação do Museu. = Está em andamento, porém não pode progredir sem que sejam feitos os almarios indispensaveis. = 3.ª Determinação d'um Cardo venenoso que o Sr. João Thomaz mandou de S. Domingos de Rana. = Será presente á Sociedade em uma das proximas Sessões. = 4.ª Instrucções que devem ser enviadas aos nossos Collegas Provinciaes para segundo ellas nos remetterem productos para o Museu. = Serão presentes á Sociedade em tempo. = O Director da Comissão d'Historia Natural, *João José de Sousa Telles*.

1.º Do melhor meio de preparar a Pomada stibiada. — Darei o meu parecer na proxima Sessão. = 2.º Da alteração da limonada de Citrato de Magnesia. = Darei o meu parecer d'entro do espaço de tres Sessões. = 3.º Da coloração do Sulphato de quimina, exposto ao sol. = Darei a resposta na proxima Sessão. = 4.º Da riqueza alcoolica d'alguns vinhos da Estremadura. = Falta um Membro á Comissão pela retirada do Sr. Alves. Proponho que seja eleito hoje, e, logo que a Comissão esteja completa, dará o resultado dos seus trabalhos — *João José de Sousa Telles*.

Pelas 10 horas fechou-se a Sessão.

*Manuel Vicente de Jesus*,

2.º Secretario.



## SAÚDE PUBLICA.

**Indicação succinta das Aguas Medicinaes da Galliza, pelo Socio Honorario, e Lente de Mathematica do Lyceu de Braga, José Joaquim da Silva Pereira-Caldas.**

. . . . . eaux minérales déjà renommées, et dont la réputation grandit chaque jour. . . . .

*Album du Dauphiné, art. Allecard.*

Nada tem que invejar a Galliza a paiz algum do mundo, debaixo d'esta relação das aguas medicinaes: não so em todo aquelle territorio se acham muito distribuidas numerosas fontes d'ellas, senão tambem que é de crêr — attento o crescido numero de novos mananciaes medicinaes, descobertos pelos ultimos annos — que muitos tempos não decorrerão, sem que se hajam duplicado as suas fontes conhecidas.

Existem alli actualmente, em uso medico, as vinte e duas aguas medicinaes seguintes: Arteijo, Banhos de Limia, Brandeso, Caldas de Rei, Caldas de Cuntis, Caldas de Cotobad, Caldas do Minho, Caldellas, Carvalhinho, Carvalho, Cortegada, Frádegas, Guiteriz, Incio, Lugo, Molgas, Orense, Partovia, Quintella, Salzedo, Toja e Tarascon. E nos banhos de Arteijo, Caldas de Rei, Caldas de Cuntis, Caldellas, Carvalhinho, Cortegada e Toja, ha um inspector de nomeação do governo.

A maior parte d'estas nascentes ja foram usadas pelos romanos: e em Lugo tinham elles edificado sumptuosos edificios, adornados com todo o gosto das thermas ostentosas de Roma, como ainda se reconhece nos destroços e nas reliquias, que os tempos pouparam, d'estas obras, mas que vam desaparecendo d'um dia para o outro.

Entre todas estas aguas medicinaes, porém, são mui notaveis as que nascem quasi fervendo na cidade d'Orense. Jorram a travez do granito, e são tam puras que até servem aos habitantes para os usos domesticos: depois de frias, não se lhes percebe nenhum sabor estranho; e a

tal ponto sobe esta circumstancia, que se podem confundir estas aguas com a agua commum. Juncto d'ellas ha tambem um manancial d'aguas temperadâs, onde ha estabelecimento de banhos.

São tambem mui celebres as fontes medicinaes de *Caldas de Rei e Caldas de Cuntis*, entre Sanctiago e Pontevedra: teem varias origens, bastante copiosas, d'aguas quentes e tepidas, e com sabor alguma cousa salino: nascem no granito, e no fundo de dous valles.

Os banhos d'*Arteijo*, duas leguas a E. da Corunha, teem so tres mananciaes e bastante escassos: um quente, outro tepido, e outro frio. Jorram do granito, ao lado d'um arroio, e no fundo d'um valle.

— Os banhos do *Carvalho*, tres leguas mais ao O., teem quatro fontes temperadas, com diversas gradações, e uma fonte fria. Nascem no centro do paiz de Bergantinhos, n'um sitio baixo e humido, e a travez d'uma grossa camada humosa, assente sobre terrenos de gneisse micaceo e chloritoso.

Os banhos de *Lugo* consistem n'uma abundante nascente d'agua quente, a qual tem origem nas margens do rio Minho, sobre os limites geologicos do schisto primitivo e do granito. Juncto d'elles ha tambem um pequeno manancial d'agua ferrea fria.

As aguas de *Cortegada* nascem no profundo e frondoso valle de Desu, duas leguas ao S. de Ribadavia: as do *Carvalhinho* a quatro leguas ao O. d'Orense. Os banhos de *Caldellas* nascem a uma legua de Tui, nas margens do Minho, e são d'aguas quentes.

Das aguas ferreas frias, ha na Galliza muitos mananciaes, e particularmente dos mineralizados pelo sulphato de ferro: são porém estas fontes medicinaes pouco abundantes em geral.

As aguas ferreas de *Legos, Telle* ou *Guitiriz* são muito procuradas: e no valle de *Verin* ha uma formosa nascente sobrecarregada d'acido carbonico.

Antes d'escrever estas linhas, havemos consultado varias pessoas que são recommendaveis por seus conheci-

mentos e por seus estudos d'este genero ; relativos ao fim da Galliza ; e ainda ultimamente nos dirigimos ao digno professor de chymica , em Sanctiago , o *Dr. D. Antonio Casares*, conhecido tambem por varias producções scientificas que publicára. Este illustrado e competente cathedra-tico augmentou as nossas noticias anteriores, asseverando-nos, que — as aguas medicinaes, mais abundantes na Galliza , são as *sulphurosas*, sendo o seu principio mineralizador o sulphureto sodico. — E as aguas do *Carvalho*, *Cuntis*, *Caldellas*, *Lugo*, e outras pertencem a esta cathegoria.

Ha tambem alli aguas *salinas* mui carregadas, como as de *Toja* e *Arteijo*; e pouco carregadas como as de *Caldas* e *Mogas*.

Acham-se egualmente , na Galliza, algumas aguas ferreas carbonatadas como as de *Sucia* ; mas faltam-lhe as acedulas gazosas.

A temperatura d'estas aguas medicinaes, das diversas cathegorias, é muito variavel. As d'*Orense* são mui quentes; a sua temperatura passa de 60° centigr. (140° Fahr., 48° Reaum. e 60° Delisl.). E não havendo na Galliza nenhum terreno volcanico, o calorico d'estas aguas so se pode attribuir ao fogo central da terra, o qual sahe até á sua superficie com alguns gazes e com algumas substancias, que se lhe incorporam na passagem.

As propriedades ou virtudes medicinaes d'estas aguas variam com a sua composição chymica : as *sulphurosas* parecem-se, nos seus contentos, com as que se acham na cadêa dos Pyreneos, e que tam celebradas são entre os francezes. E a ellas pois se deym assimillar na sua acção medicatriz. Ha umas d'estas aguas muito sobrecarregadas do principio sulphureo, como são as do *Carvalho*; e outras pouco sobrecarregadas d'elle, como as do *Corralhinho* e de *Partovia*. As aguas do *Toja* são muito efficazes nas affecções da pelle; e citam-se casos d'elephantiasis curados com ellas.

Sem duvida, porém, seria muito util á humanidade, que das aguas da Galliza se fizesse um reconheci-

mento, um estudo especial, practicado nos proprios mananciaes citados.

(*Hist. de la Galic. por Martinez de Tadin, Disc. Hist., Cap. 6 Sess. 5.*)

Lisboa, Agosto de 1852.

## PHARMACIA.

**Formula da Agua hemostatica de Pagliari, Pharmaceutico em Roma, transmittida por seu auctor ao Redactor de L'Abelille medicale em Agosto de 1851.**

R. De balsamo de beijoim . . . . . 8 onças,  
Sulphato de alumina e potassa . . . 1 libra,  
Agua commum. . . . . 10 libras.

Fervam-se junctamente por espaço de seis horas, em vaso de barro envernizado, mexendo sem cessar a massa resinosa, tendo cuidado de substituir a agua evaporada por outra quente, para não retardar a fervura.

Filtra-se o liquido ainda quente, e conserva-se em frascos de vidro bem rolhados. O residuo insolavel do-beijoim, tem ja perdido todo o cheiro, e a propriedade de se inflammam. A agua hemostatica, assim obtida, é limpida, e de côr de vinho de Champanhe, de gosto ligeiramente stytico, e de cheiro suave e aromatico.

Quando se faz evaporar, deixa um residuo ou deposito transparente, que adhere fortemente ás paredes do vaso.

O Sr. Sedillot, fallando das propriedades d'este hemostatico, diz, entre outras cousas, o seguinte:

A pathologia ensina-nos, que a cessação espontanea das hemorragias, depende particularmente da coagulação do sangue. Os vasos cortados, contraem-se, diminuem de comprimento e de diametro interior; e o sangue infiltra-se entre suas tunicas, e as partes visinhas, e abi se suspende, finalizando por formar um coagulo obliterador. A agua Pagliari apresenta, pois, sem contradicção algu-

ma, a notavel propriedade de coagular completamente o sangue. Cada gotta d'este liquido, vertida n'um pequeno copo de sangue, produz um magma instantaneo de  $\frac{1}{5}$  até  $\frac{4}{5}$  do liquido, o coagulo tornar-se-ha tão tenaz e resistente, que difficilmente se poderá agitar, nem mesmo entornar, porque os dous liquidos, são convertidos em uma massa negra homogenea, tão adherente, que difficilmente se pode destacar. Concluiremos pois, recommendando a Agua hemostatica Pagliari, como um auxiliar da maior importancia nas operações chirurgicas.

F. J. R. Loureiro.

**Rainha dos prados ou Herva Ulmeira, como diuretica.**

A Rainha dos prados é a *Spiraea Ulmaria* de Linn., pertencente á ordem das Rosaceas; Tribu das Spiraceas segundo Meisner. Esta planta, cuja descripção se pode ler em Brotero e Figueiredo (1), habita nos sitios pantanosos, á borda dos rios no norte do Alemtejo. E' perenne, e floresce em Junho e Julho.

A raiz, partes verdes, e flores d'esta planta são dotadas de cheiro aromatico e de sabor amargo e ligeiramente adstringente.

Ignora-se a sua composição. Tem-se, porém, observado que o seu infuso enegrece pelo sulphato de ferro, e dá abundante precipitado pelo emetico, o que, como nota o Sr. Lepage, justifica as propriedades adstringentes que Lémery lhe attribuiu.

Um decocto bem saturado de Rainha dos prados é transparente em quanto está quente; pelo resfriamento turva-se; e se de novo se aquece torna a adquirir a primitiva transparencia. Em tudo isto este decocto se assemelha ao da quina.

O Pharmaceutico Pagenstecher obteve d'esta planta uma essencia composta de dous oleos volateis, um neutro e outro acido (2). Este ultimo a que Loewig chamara spiroi-

(1) Brotero e Figueiredo, Fl. ph. e alim. Pag. 266.

(2) Alguns chymicos dizem ser a essencia d'esta planta composta de tres oleos volateis.

lhídrico, e que actualmente se denomina *salicyloso*, assemelha-se muito ao ácido benzoico é a salicina pela sua composição, e forma saes isomericos com os benzoatos, mas differentes d'elles pelas suas propriedades (3). Tem este oleo ácido a seguinte formula  $C^{14}H^6O^4$ ; alguns chymicos dam-lhe o nome de *hydrureto de salicyla* por que se pode considerar como salicyla:  $C^{14}H^6O^4$  contendo um de hydrogenio. Piria obteve o ácido salicyloso tractando a salicina pelo bichromato de potassa, ácido sulphurico e agua. N'este caso a salicina, cuja composição se pode representar pela formula:  $C^{42}H^{20}O^{22}$ , fixa oxygenio e perde  $H^{14}O^{14}$  transformando-se em  $C^{42}H^{13}O^{12}$  egual a tres vezes  $C^{14}H^6O^4$ , ou ácido salicyloso.

O emprego da Rainha dos prados em medicina não é novo. O cura d'Obriot foi quem ha pouco tempo a tirou do esquecimento em que estava interessando no estudo das suas propriedades a Academia das Sciencias de Paris. Um jornal politico em Portugal fallou tambem nas boas qualidades d'esta planta para curar a hydropesia, e logo começou a ser muito procurada nas boticas, onde se não encontrava por que até ha pouco nenhum uso d'ella se fazia.

Diz-se que augmenta a secreção urinaria, e que aproveita nas hydropesias do thorax e abdomen, no edema das extremidades inferiores, e nas hyarthroses. Alguem considera-a ligeiramente adstringente e tonica, e o Dr. Teissier parece ter conseguido com ella diminuir algumas diarrheas, e robustecer as forças digestivas.

Segundo se lê no Relatorio, feito á Sociedade de Pharmacia de Paris pelo Sr. Garot, as opiniões não são concordes a respeito da parte ou partes da planta em que residem as propriedades diureticas. O Sr. Hannon, professor na Universidade de Bruxelles, julga que a propriedade diuretica reside so nas flores frescas, e quando muito nas flores seccas de pouco tempo, e pensa ser devida unicamente a um ácido volatil (ácido spirithídrico) que

(3) Pode vêr-se o processo para a extracção do ácido salicyloso no Anuaire therapeutique do Sr. Bouchardat para 1852; a pag. 123.

unido a um oleo essencial complexo se forma pelo contacto da agua fervendo.

O Sr. Lepage, pharmaceutico em Gisors, observou que a Rainha dos prados, seccando, diminue so metade do seu peso; que em quanto verde tem muito pouca agua de vegetação, e que, não obstante perder esta pela seccagem, não fica privada d'alguma das suas propriedades, produzindo o acido e oleo volatil quando sobre ella, n'este estado, se lança agua fervendo. O Sr. Lepage, longe de partilhar a opinião do Professor de Bruxelles, julga que se devem empregar todas as partes da planta, por quanto distillando os caules e as folhas separadamente obteve hydrolatos de cheiro analogo ao obtido com as flores, posto que menos suaves.

Teissier pensa serem as flores a parte menos activa, e o Sr. Bonnewyn de Tirlemont affirma que o extracto da planta de que tractamos é tam activo como o hydrolato, e é de opinião que não so aos principios volateis, mas tambem aos principios fixos d'este vegetal, se devem referir as suas virtudes.

Em vista de todas estas opiniões o Sr. Garot conclue, que a acção therapeutica da spiraea não é so devida ao oleo volatil; e que se não devem substituir os seus preparados pharmaceuticos pelo acido *salicyloso*, como propoz o Sr. Hannon.

Segundo nos parece o Sr. Garot prefere a todos os preparados da Rainha dos prados o infuso, que possui sabor e cheiro agradaveis e aromaticos, nada irritantes e acres, como o da *scilla* e *digitalis*; e que não é venenoso em qualquer dose que se tome. Tem-se observado que passando pouco tempo depois de se tomar este infuso o doente experimenta effeitos sedativos mais ou menos intensos, e a diurese começa logo.

As formulas que o Sr. Garot adopta como mais racionais são as seguintes:

*Hydrolato da Rainha dos prados (Lepage).*

Summidades floridas e seccas da Rainha dos prados ... 1,000

Agua..... q. b.  
Para obter 2,000 de hydrolato.

Este hydrolato cora-se em amarello esverdeado pelo ammoniaco e outros alcalis causticos e seus carbonatos. Os saes ferricos dam-lhe uma intensa cõr rubra-violacea que é devida ao acido volatil que contém.

*Xarope da Rainha dos prados (Lepage).*

Rainha dos prados, secca..... 900  
Agua..... q. b.

Macere por algumas horas até que o cheiro esteja perfeitamente desinvolvido e distille, para obter:

Hydrolato..... 1,000  
A' parte.

Evapore a B. M. o decocto que ficou no alambique até que esteja reduzido ao peso de 600 grammas; filtre o producto, ainda quente; ajunte o hydrolato, e dissolva em vaso tapado, a B. M.:

Assucar..... 2,900

Este xarope contém os principios de um sexto de seu peso d'ulmaria.

*Alcoholato da Rainha dos prados (Bonnewyn).*

Summidadas floridas da Rainha dos prados..... 1,250  
Alcohol a 31 de Cartier..... 1,500  
Hydrolato de Rainha dos prados..... 750

Macere por quatro dias em vaso bem tapado e depois distille a B. M., para tirar:

Alcoholato..... 1,500

*Extracto da Rainha dos prados (Bonnewyn).*

Evapore a B. M., até á consistencia devida, o residuo que ficou no alambique, na preparação do precedente alcoholato.

Centro de Abastecimento Farmacéutico da Associação Farmacéutica



*Preparação do acido salicyloso, e salicylito de potassa e soda.*

No mesmo relatorio do Sr. Garot, a que acima nos referimos encontram-se algumas considerações acerca dos preparados d'acido salicyloso, que ja vimos obter-se tractando a salicina pelo bichromato de potassa, acido sulphurico, e agua, as quaes muito desejamos ver devidamente avaliadas pelos medicos portuguezes. Diz o Sr. Garot que, segundo o Sr. Hannon, estes preparados teem uma acção sedativa *muito preciosa*, e que a sua acção sobre a economia começa quando a da digitalis se torna nociva. A digitalis (continua o relator) é infallivel quando ha hypertrophia das cavidades do coração, dilatação, ou contracção das mesmas cavidades, e quando as contracções são violentas; mas é nociva, e até perigosa quando as paredes do coração estam adelgaçadas, e flaccidas ao mesmo tempo que as cavidades estam desinvolvidas.

E' justamente, n'estes ultimos casos, quando as extremidades esfriam, e as faces e nariz se coram de violete, que o acido salicyloso e os salicylitos se empregam com vantagem.

De todas as formulas que o Sr. Hannon propoz, so vemos recommendada, como officinal, a seguinte:

*Tinctura d'acido salicyloso (Hannon).*

Acido salicyloso..... 4

Alcohol a 21°.....30

Misture e agite até completa dissolução.

Dá-se na dose de 20 a 30 gottas em uma poção.

Não obstante serem os outros preparados d'acido salicyloso de difficil conservação e talvez inferiores ao precedente aqui os damos para commodo dos nossos Collegas, que não tenham o *annuaire* que citámos na nota terceira.

*Poção salicylica.*

Tinctura salicylica..... 20 gottas.

Xarope de hortelãa pimenta..... 30 gram.

Hydrolato de hysopo . . . . . 180 gram.  
Tome d' hora a hora uma colher de sopa.

*Xarope salicylico.*

Pode preparar-se de dous modos :

- 1.º Acido salicyloso . . . . . 5 gottas.  
Assucar em po . . . . . 15 gram.  
Agua distillada . . . . . 15 „

Ajunta-se pouco e pouco o assucar ao acido triturando sempre e ajuntando a agua até que toda ella e o assucar estejam empregados.

- 2.º Tinctura salicylica . . . . . 45 gottas.  
Xarope simples . . . . . 30 gram.  
Misture e agite até perfeita incorporação.

*Poção com o xarope salicylico.*

- Xarope salicylico . . . . . 30 gram.  
Hydrolato d' hysopo . . . . . 150 „  
Misture.

Uma colher de sopa d' hora a hora nas hydropesias.

*Salicylitos de potassa e soda.* Estes dous saes, em eguaes doses, produzem efeitos muito mais certos e energicos que aquelles que se obtem com o acido, e por isso deverão preferir-se quando o acido fôr insufficiente ou quando se quizerem obter, com doses mais pequenas, efeitos eguaes

*Pastilhas de salicylito de potassa ou soda.*

- Salicylito de potassa ou soda . . . . . 2 gram.  
Assucar e gomma alcatira . . . . . q. s.

Faça 240 pastilhas. Dose, de 4 a 10 pastilhas por dia.

Devem guardar-se, em vaso bem tapado, n'um lugar secco para que não se decomponham.

*Pilulas de salicylito de potassa ou soda.*

- Salicylito de potassa ou soda . . . . . 2 gram.  
Extracto de gramma . . . . . q. s.  
Faça 120 pilulas. Dose, 2 a 5 por dia.

Guardem-se com as mesmas precauções que as pastilhas.

*Po de salicylito de potassa ou soda.*

Salicylito de potassa ou soda bem secco. . . 2 gram.

Assucar de leite em po. . . . . 15 „

Misture e divida por 60 papeis.

Dose, 2 a 4 papeis por dia.

*Xarope de salicylito de potassa.*

Salicylito de potassa. . . 25 centigr.

Xarope simples . . . . . 30 gram.

Dissolva.

*Poção com o xarope de salicylito de potassa.*

Xarope de salicylito de potassa . . . . . 30 gram.

Hydrolato de flores de laranja . . . . 150 „

Misture.

Dose, uma colher de sopa de duas em duas horas.

*João Quintino d'Avellar.*

**Emprego do acido arsenioso ou arsenico branco no tractamento das intermittentes.**

N'estes ultimos tempos o Sr. Dr. Lima Leitão, Lente de Clinica Medica na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, tem feito um estudo aturado da acção do acido arsenioso no tractamento das intermittentes e de outras doencas, e tem procurado, por meio de convites, reflexões, e estatisticas, publicadas em alguns jornaes, que os seus Collegas, seguindo o seu exemplo, estudem este assumpto e generalisem o uso do acido arsenioso, a fim de banirem da practica o sulphato de quinina, do que resultaria grande economia para a nação.

Com quanto respeitemos muito as opiniões do Sr. Dr. Lima Leitão julgamos inconveniente (á parte considerações medicas) que se procure vulgarisar o emprego da medicação arsenical principalmente no tractamento das intermittentes. Sendo estas febres frequentes, e até endemi-

cas, em algumas localidades do nosso paiz; e sendo, d'ordinario, as classes menos abastadas e mais ignorantes as que d'ellas mais soffrem recorrendo por isso a infinitos meios racionaes, e irracionaes para se curarem, é evidente que sabendo a virtude do acido arsenioso, e podendo havel-o com extrema facilidade e quasi de graça, não deixarão de o empregar d'um modo empyrico, em doses excessivas, e, por certo, muitissimas vezes toxicas, resultando de tal abuso fatalissimas consequencias. Ainda mesmo nos casos em que o medico possa regular a applicação d'um agente tam energico, nem sempre lhe será possível prevenir um descuido, ou evitar uma imprudencia, da parte dos enfermos ou de quem os tractar, e desarreigar o habito, que muita gente tem, de fazer uso dos remedios que o Medico applicou para certa doença, quando por alguns symptomas, se lhe affigura repetição d'ella, ainda que todas as outras circumstancias tenham variado.

O Sr. Andral, que estudou esta materia com a prudencia que todos lhe conhecem exprime-se nos seguintes termos, a respeito da conveniencia de substituir o sulphato de quinina pelo acido arsenioso;

— Perguntar-me-hão se o acido arsenioso corta as febres intermittentes melhor que o sulphato de quinina? Não o penso; porque jamais observei que o sulphato falhasse. ¿ E cort'as melhor que os outros succedaneos da quina? Respondo que sim, porque todos os outros são muito infieis, e nunca vi que outro produzisse tantas vezes bons resultados como o acido arsenioso; o que me decide a collocar este agente therapeutico immediatamente depois da quina. ¿ E devemos nós (continua o Sr. Andral), attendendo á exiguidade do seu preço, empregar-o sempre, e não recorrer á quina senão nos casos rebeldes? Respondo immediatamente que não: 1.º, porque o acido arsenioso produz quasi constantemente vomitos; e pode mesmo produzir accidentes graves; 2.º, porque poderia causar no mundo grandes desgraças, facilitando envenenamentos que se poderiam attribuir ao Medico, tendo sido o crime prepestrado por outrem. Em resumo: devemos empregar sem-

pre o sulphato de quinina e recorrer ao acido arsenioso so nos casos em que aquelle seja inefficaz.

Fizemos estas reflexões para responder a diversos Collegas das provincias que nos tem dirigido algumas perguntas ácerca d'esta medicação. Em quanto ás formulas, que nos pedem, podem lel-as no n.º 7 d'este jornal pag. 95 do tom. 3.º, 2.ª serie, no artigo do Sr. Dr. Beirão. Por ultimo recommendamos aos nossos Collegas, que generalisando-se este tractamento todas as cautelas serão poucas, e que é este um dos casos em que será conveniente registrar as receitas, e mencionar as repetições.

*Sousa Telles, Junior.*



CHYMICA.

**Carta do Sr. Eugene Marchand á Sociedade Pharmaceutica.**

*Fecamp, 7 de Setembro de 1852.*

Eugene Marchand, Pharmaceutico, Membro correspondente das Sociedades de Pharmacia de Paris, de Alemanha do Norte, d'Anvers, e de Lisboa; da Academia das Sciencias, Bellas letras e Artes de Rouen; da Sociedade Academica de Bayeux; da Sociedade de Chymica Medica de Paris, da Sociedade Linneanna da Normandia, da Sociedade Central d'Agricultura do departamento do Seine Inferior, da Sociedade Havraise de estudos diversos, &c. &c.

Ao Ill.º Sr. Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Ill.º Sr. — A pesquisa do iode nas aguas doces, adquirio n'estes ultimos annos uma grande importancia pelos trabalhos do Sr. Chatin, e pelos meus, que precederam os d'aquelle Chymico. Com effeito, em uma nota depositada na Academia das Sciencias de Paris, em 21 de Julho de 1850, estabeleci eu os seguintes principios:

Que todas as aguas naturaes, salvas as circumstancias que indiquei, contém iode e bromio.

Que os vegetaes terrestres, e particularmente as arvores das nossas florestas, bem como as plantas aquaticas contém igualmente estes dous elementos.

Que as que banham numerosos vegetaes ou sejam as aguas correntes, em que existem as plantas aquaticas, ou as aguas pluviaes, infiltrando-se atravez dos espongiolos entrelaçados, de muitos vegetaes lenhosos, nos paizes que abundam em florestas, podem ser desprovidas completamente do iode e do bromio que continham, porque n'esse caso, estes principios passam, debaixo da influencia das forças vitaes, ao numero dos principios mineraes fixados pelas plantas.

Que o desinvolvimento endemico da Papeira e do Critinismo não é devido, como se tem querido estabelecer, á presença da Magnesia nas aguas de que os doentes d'aquellas enfermidades se servem para os seus usos alimentares, mas que deve ser attribuido á não ioduração d'estas aguas, que nos paizes em que estas tristes degenerações se observam, estão sempre em contacto, quando se infiltram no solo, com terrenos cobertos de espessas florestas.

Estas considerações me levam, Sr. Presidente, a transmittir-vos o methodo que eu imaginei para pesquisar e tornar palpavel o iode das aguas, o que peço communiqueis á vossa sabia Sociedade.

Espero que esta comunicação, que ainda não publichei em França, posto que n'este momento esteja submettida ao juizo da Academia das Sciencias, interessará a vossa Sociedade e lhe provará o meu agradecimento pela remessa que me faz do seu util jornal.

Eu redigi uma extensa Memoria sobre as aguas potaveis consideradas na sua constituição physica e chymica, e nas suas relações com a Physica do Globo — a Geologia, — a Physiologia geral — e a Hygiene publica, bem como nas suas applicações á Industria e á Agricultura. Esta Memoria manuscripta, e brochada, forma um volume *in folio* de 156 paginas com duas cartas. Desejo

muito offerecel-a á vossa Sociedade, porém não sei o como vol-a possa enviar, por isso que a Posta se não encarrega do transporte d'obras d'esta natureza. Querendo vos indicar-me a maneira de a fazer chegar ás vossas mãos aproveital-a-hei immediatamente. Talvez o melhor meio fosse envial-a á vossa Sociedade pelo Sr. Embaixador de Portugal em Paris: = tende a bondade de esclarecer-me a este respeito.

Recebei, Sr. Presidente, como prova da minha grande consideração, a expressão dos meus sentimentos os mais distinctos e da minha saudação

*Eugene Marchand.*

*Methodo d'analyse para contestar a presença do iode e do bromio nas aguas naturaes, pelo Sr. Eugene Marchand.*

Tractam-se vinte a quarenta litros da agua que se quer analysar por um ligeiro excesso de nitrato de prata que precipita ao mesmo tempo todo o Chloro, Iode e Bromio. — Logo que a precipitação dos saes haloides, contidos na agua, é muito fraca e que o precipitado se demora a depositar-se, ajuncta-se ordinariamente á agua uma pequena quantidade de chlorureto de sodio puro, mas sufficiente para que a separação do precipitado argenticco se opere facil e promptamente.

Em todos os casos o liquido, depois da separação do precipitado, deve ter um ligeiro excesso de nitrato de prata.

Separa-se o precipitado por meio do filtro, e dissolve-se no hypo-sulphito de soda ( $\text{Na O, S}^2\text{O}^2$ ) primeiramente ensaiado para reconhecer a sua pureza; submete-se o soluto a uma corrente de gaz sulphydrico, lavado no sulphidrato de potassa liquido, depois misturado de bicarbonato de potassa chymicamente puro.

Deposita-se sulphureto de prata, que se separa pela filtração, evapora-se o liquido claro até á seccura, e tracta-se o residuo pelo alcohol de 86° centecimaes. Evapora-se este soluto alcoholico quasi á seccura, dissolve-se o residuo na menor quantidade possivel d'agua distillada, e intro-

duz-se este novo liquido em um pequeno frasco com ro-lha de vidro. Ajuncta-se-lhe um volume egual de acido chlorhydrico puro, uma pequena quantidade de amido cru e uma ou algumas parcellas de chlorato de potassa. Agi-ta-se a mistura por alguns instantes, e depois deixa-se em repouso; o amido precipita-se corado muito manifesta-mente em côr de rosa ou azul, quando existe um iodure-to, na agua experimentada.

Este amido descora-se quando se lança no liquido uma grande quantidade de chlorato de potassa; e tambem se descora pela acção do calorico, mas n'este ultimo caso toma de novo a côr pelo resfriamento.

Quando se ajuncta ether ao liquido, no seio do qual o amido se corou, e se agita com força por alguns instan-tes, o ether separa-se corado de amarello, e é suscep-tivel entam, se, depois de o ter decantado, se aban-dona a si mesmo em um vidro de relógio, ao ar livre, de se desprender em vapores, que para o fim são amarellós alaranjados, e exhala o cheiro *sui generis* do bromio, quan-do este principio existe tambem, na agua examinada.

Uma precaução é indispensavel para que este processo d'analyse produza resultado; é de evaporar completamen-te e até á secco, evitando sempre a applicação d'uma temperatura superior a 75° centecimaes, os liquidos cujos residuos devem ser tractados pelo alcohol, porque d'uma parte, se a massa salina não é bem secco, uma pequena porção do hypo-sulphito de soda pode entrar em dissolu-ção nos liquidos alcoholicos; a presença d'este sal entre os elementos que alli estão depositados pode ter por consequen-cia dissimular a existencia dos ioduretos, impedindo a co-loração do amido. D'outra parte a applicação de uma tem-peratura superior a 75° centecimaes sobre uma massa con-tendo hypo-sulphito de soda e iodureto de potassio, pode tambem ter por effeito volatilisar uma parte ou a totali-dade do iode, no estado de combinação hydrica; e por isso é conveniente estar prevenido contra estas causas de insuccesso.

Entretanto para procurar o iode nas aguas que abun-



dam muito em chlorureto de sodio, nas aguas do mar, por exemplo, eis aqui como eu modifiquei este processo. Nunca operei sobre menos de dous a tres litros d'estas aguas.

Depois de ter precipitado metade da magnesia, que ellas conteem, ajunctando-lhes ammoniaco caustico até terminar a precipitação, lanço no liquido filtrado uma pequena quantidade de soluto saturado de chlorureto de prata no ammoniaco caustico. Produz-se um precipitado branco, pulverulento, que se deposita lentamente, e que é formado de Chlorureto — Iodureto — e Bromureto de prata. Quando elle está todo reunido no fundo do vaso, separa-se pelo filtro &c. e dissolve-se no hypo-sulphito de soda para o submetter a toda a serie de ensaios que indiquei nos paragraphos antecedentes; pode-se facilmente ainda contestar alli a presença do iode e do bromio.

Este methodo d'analyse é extremamente simples; e como é muito sensivelmente exacto, permite precipitar a totalidade do iode e do bromio contido nas aguas do Oceano. Foi por meio d'elle que eu consegui isolar o iode, e determinar a sua proporção, que não tinha sido ainda dosada, n'estas aguas, sem as evaporar primeiro. Contém ellas, em Fecamp, 92 millionessimos do seu peso d'este principio.

**Meto de reconhecer a presença do alcohol nos oleos essenciaes.**

Bernouille recommenda o emprego do acetato de potassa para descobrir a presença do alcohol nos oleos essenciaes. Quando estes ultimos conteem alcohol, o acetato de potassa dissolve-se n'este liquido e a essencia separa-se da solução; se a essencia está isempta d'alcohol, o sal não se extingue.

Wittstein, que dá grande apreço a este processo, diz que se deve proceder do modo seguinte:

Introduzem-se 5 decigrammas, pouco mais ou menos, de acetato de potassa, secco e em po, em um tubo bem secco e que tenha uma pollegada de diametro sobre cinco a seis de cumprimento, depois enche-se até aos dous terços com o oleo essencial; agita-se, e depois deixa-se

repousar; entam o soluto de acetato de potassa no alcohol se acha por baixo da camada do oleo essencial, quando este contém alcohol. Os traços de agua, que algumas essencias naturalmente teem, tornam apenas o acetato de potassa ligeiramente humido, mas não prejudicam o processo.

Com tudo o melhor meio de reconhecer a presença do alcohol nos oleos essenciaes é distillal-os a banho maria. Os oleos, por isso que tem um ponto de ebulição mais alto que o alcohol, ficam na retorta, e passa o alcohol para o recipiente com tão pequena quantidade d'essencia que não impede que a natureza do alcohol se possa reconhecer.

Para não ficar duvida alguma sobre a presença do alcohol n'uma essencia, pode-se aquecer esta em um tubo d'ensaio com o acetato de potassa e uma pequena quantidade de acido sulphurico concentrado; immediatamente se desinvolverá o cheiro do ether acetico, se a essencia contiver alcohol.

*Silva.*

PHYSICA.

**Synopse das observações meteorologicas do mez de Setembro de 1852, feitas na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Demonstrador de Medicina, e Membro Benemerito, o Sr. Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.**

Temperatura media da atmospherá	18°,7
„ maxima „	22
„ minima „	18
Maxima variação diurna de temperatura	1,5 <small>mil.</small>
Pressão media da atmospherá	758,78
„ maxima „	761,99
„ minima „	756,91
Ventos mais constantes do mez	N.
Somma da altura da agua no Pluvinetro	0,6 <small>pol. linh.</small>
Dia mais chuvoso do mez (19)	0,3
Grau medio d'humidade no Hygrometro	4°,7

*Observações.*

O mez de Setembro de 1852 foi muito pouco variavel nas suas condicções atmosfericas mais notaveis, e por isso tambem o estado de salubridade da Capital foi, geralmente fallando, satisfatorio. Nem se deram os grandes calores d'alguns annos anteriores, nem tambem as copiosas chuvas que ás vezes, cahindo de repente depois de um estio longo e abrasador, tam damnosas são á cultura, e á saúde. A atmosphera esteve ordinariamente limpa, o ceo não nublado, a pressão atmosferica regular, os ventos nortes, a humidade sem demasia; tudo concorreu para que as mais graves e perigosas molestias se não déssem: effectivamente o factó veio em abono da doutrina.

As margens do Tejo principiam a ser habitadas pelos doentes e gente mais ou menos valetudinaria, que busca nos banhos do mar alivio e remedio a seus variados achaques. Os Facultativos da Capital encontram-se em longa procissão todas as tardes desde a Junqueira até Oeiras. Tem-se notado, ha annos a esta parte, que os banhos do mar são um objecto de moda, que os toma muito maior numero de pessoas do que aquelle que d'elles carece, e finalmente appresenta-se esse prodigioso numero de pessoas a tomar banhos como um epigramma á Medicina da Capital! Tudo isto assim pode ser, e em tudo isto é natural que haja alguma cousa de verdade, com tudo a medicina esclarecida não pode deixar de confiar muito ou quasi tudo, nos meios hygienicos no tractamento especialmente das molestias chronicas; nós que temos a ventura de possuir ainda as apreciaveis margens d'este soberbo Tejo, porque se não podem hypothecar; nós que finalmente sabemos que o modo porque vive a maior parte dos habitantes de Lisboa não é o mais propicio á saúde; não ficaremos por todas estas razões bem justificados por ordenarmos que vá, ao menos dous mezes no anno, passar no campo e respirar um ar livre, quem dez mezes vive no centro d'uma atmosphera viciada e corrupta qual a das grandes povoações? Creio que sim. E note-se que

é da somma de todos esses meios hygienicos, de que se goza nas praias, e nos campos que os Médicos esperam, e bastantes vezes obtem a cura, e o alivio de seus infermos. Pedrouços, Paços d'Arcos, e Oeiras são as nossas grandes reuniões analogas ás de Baden, e Wis-Baden dos habitantes d'outros paizes. Nem venha o rigor d'uma medicina impertinente annullar os beneficios, que dos meios moraes e affectivos pode resultar para o tractamento das molestias. Algumas vezes, a proposito d'este assumpto, tenho ouvido rediculisar conselhos e prescripções do finado Barão d'Almeida; coitados! não conheciam que o velho Medico Portuguez sabia avaliar devidamente a influencia d'esses meios e seu alcance no tractamento das molestias da alta sociedade de uma Capital, como Lisboa!

Passando agora a outro assumpto, que posto diverso d'este, é com tudo d'egual ou maior alcance, diremos que d'envolta com esses doentes verdadeiros ou presumidos, que actualmente habitam as praias, nós temos visto infermos vindos do Brazil n'um estado desgraçado e miseravel, e que so veem augmentar o numero dos obitos de nossa estatisticas! Sem lhes irrogar censura, seria para desejar que os nossos Collegas d'aquelle Imperio nos remetterssem os seus doentes um pouco antes d'aquelle desgraçado periodo, em que elles costumam emprehender as viagens: hoje as communicações com a America são tão facéis que nos parecia tambem facil de remediar este abuso. Em verdade nada ha tão desagradavel e tão penoso para um Medico, do que ser chamado para acompanhar e dirigir não um enfermo, mas sim um espectro, uma mumia, um moribundo! que tal é o estado, em que aqui temos visto bastantes infermos vindos do Brazil! Em proveito nosso, e sobre tudo em proveito dos pobres infermos ache o meu clamor echo no espirito esclarecido e philantropico de nossos Collegas do Novo-Mundo! Assim ousamos esperal-o.

Casa no Largo do Caldas no 1.º de Outubro de 1852.

## HISTORIA NATURAL.

### Resina d'Angico.

Ninguém deveria, primeiro do que nós, ter conhecimento das drogas e productos do Brasil, e divulgá-lo pela Europa, attentas as nossas relações commerciaes com aquelle Imperio, e a quasi fraternidade que nos devia ligar aos habitantes d'aquelle vasto territorio; com tudo bem pelo contrario as cousas se passam, principalmente com respeito aos productos dos reinos naturaes; por um lado e atrazo, em que nós temos permanecido ha longo tempo, relativamente aos conhecimentos practicos das sciencias naturaes, e por outro o pouco ou nenhum fomento que os nossos governos teem dado a taes estudos, são inegavelmente as causas mais poderosas d'este criminoso desleixo, e d'esta incuria, que até affecta nossos proprios interesses; por quanto estou firmemente convencido, que, mesmo como objecto industrial, valia muito a pena o estudar os diversos productos naturaes do Brasil, e vêr até que ponto cada um d'elles poderia fornecer objecto e materia ás fabricas, e á industria da Europa. Sem a gratidão da Condessa de Chinchon para com a planta que lhe tinha restituído a saúde no Perú em 1638, e sobretudo sem o prudente arbitrio, e rasoavel deliberação dos Padres Jesuitas em 1640, a Europa não conheceria tão cedo um dos medicamentos mais poderosos para a medicina, e uma das drogas mais uteis para a industria; qual a casca das quimas! E sem irmos buscar exemplos a estranhos, quando os temos tantos, e tão famosos na nossa terra, direi que sem os trabalhos do nosso illustre compatriota, o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes (pai), ácerca da callicocua ipecacuanha (Gom. e Brot.) de nada valeria o preço porque Luiz 14.<sup>o</sup> havia comprado o segredo em 1680 da *beconquilha* ou *mina d'oiro*; por quanto so depois que se conheceu a verdadeira origem botanica

da ipecacuanha é que se pode fazer a importante selecção das ipecacuanhas verdadeiras das falsas.

Por todas estas razões tenho deliberado a não olhar de leve para qualquer producto natural vindo do Brasil, e a examinar attentamente todos aquelles, sobre os quaes poder fazer algum estudo: e como tambem poucas pessoas se acham actualmente collocadas em tão opportunas circumstancias para estes exames, pela minha posição de demonstrador de Medicina na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e Inspector de Pharmacia do Hospital de S. José; por isso tambem maior responsabilidade me cabe, se acaso não fizer da minha parte tudo quanto tem a esperar de mim os meus collegas, e o Paiz que me paga.

Tendo pois obtido uma pequena amostra d'um producto vindo de Pernambuco debaixo do nome de resina d'angico, e do qual fizera uso, mastigando-o, uma senhora doente com uma enterorrhagia, e da qual se curou so pelo seu uso; e além de tudo isto constando-me que o uso da dita substancia lhe fora aconselhado pelo Dr. Sarmiento, durante o tempo que residira aqui em Lisboa, o qual é um dos Medicos de maior nome de Pernambuco; tudo isto me moveu a dar uma breve descripção do dito producto, que pode vir a ser mais um meio, que a Medicina portugueza possa empregar nos casos opportunos, e cujo methodo d'administração pode variar-se como mais util pareça.

A chamada resina d'angico é um producto vegetal muito semelhante á denominada gomma do paiz; impropriamente lhe chamam resina, pois que é uma verdadeira gomma, como logo teremos occasião de demonstrar. E' translucida, insipida, inodora, de cor alaranjada em bocados do tamanho de avelãs, solúvel dentro da bocca, algum tanto pegajosa, pode mesmo usar-se tomando bocados d'ella na bocca, e indo desfazendo-os, como se usa com os rebuçados, e foi d'este modo que o Dr. Sarmiento a prescreveu á doente, que d'ella me deu noticia.

Observada ao microscopio parece formada da aglomeração de pequenas lagrimas, que foram gotejando da su-

perficie do tronco vegetal, que a fornece, e que pela acção do ar se foram solidificando; descobrindo-se ainda n'alguns pedaços da gomma d'angico fragmentos da cortiça da arvore, que a fornece. A sua fractura é plana e vitrea, o seu po tem uma côr amarellada desvanecida.

Dissolve-se completamente na agua distillada, e na agua commum, tomando a dissolução uma côr alaranjada pouco intensa.

E' muito pouco solúvel no alcohol, e completamente insolúvel no ether: caracteres das gommás.

A sua completa solubilidade na agua, não se tume-facendo, dá a intender que a gomma d'angico é formada so, e exclusivamente de arabina, e que não tem caforina alguma, o que a colloca a par da melhor gomma arabica. Quando logo indicarmos o vegetal que a fornece, não nos admirará esta identidade entre a gomma d'angico e a verdadeira gomma arabica, pois são vegetaes congeneres, que fornecem estes dous productos.

A dissolução aquosa da gomma d'angico apresenta uma ligeira reacção acida.

A arvore que fornece a gomma d'angico acha-se descripta em muitos livros; comtudo o producto que ella fornece, e de que nos occupamos, não o achamos descripto nem na Pharmacia de Soubeiran, nem na Historia Natural das drogas de Guibourt, nem no Dictionario de Materia Medica de Merat, nem n'outros livros que podemos consultar.

Todos os auctores de data mais recente, enumerando as cascas adstringentes do Brasil, referem as quatro seguintes: 1.<sup>a</sup> o Barbatimão ou Inga ou Mimosa cochliocarpos Gom., ou Pithecollobium evarotema de Mart; 2.<sup>a</sup> Strypnodendron Barbatimão Mart, Acacia astringens Reize; 3.<sup>a</sup> Acacia jurema Mart; e 4.<sup>a</sup> Acacia angico de Mart. O Dr. Aberrem usou d'estas cascas na ganorrhœa, e o Jornal de Chymica Medica de 1830 refere a tinctura d'estas cascas; mas da gomma d'angico não vejo que auctor algum tracte.

Esta gomma é pois fornecida pela Acacia angico, arvore do Brasil, que alli tem o nome d'angico, do qual ti-

ra o da especie. Não podemos asseverar até que ponto ella é vulgar na America, e que quantidade de gomma poderá fornecer para poder ser objecto d'industria d'aquelle paiz; entretanto pelo que respeita ás suas qualidades e pureza parece-nos poder competir com as melhores especies commerciaes da verdadeira gomma arabica.

A madeira da arvore, denominada angico, é muito estimada na marceneiria, attento o bello polimento de que é susceptível; vê-se por tudo isto quanto este vegetal pode ser interessante ás artes, e á Medicina.

A gomma d'angico quando se expõe á chamma d'uma vela intumesce antes de se carbonisar, o que tambem acontece com a verdadeira gomma arabica.

Por todas estas razões me parece que a gomma d'angico pode figurar entre as especies commerciaes da gomma arabica, logo depois da gomma turica, e da gomma de Senegal.

A pequena quantidade de gomma d'angico, que pude obter me não permite offerecer a esta Sociedade uma boa amostra d'este producto para ensaios mais completos acerca da sua natureza, e sobre tudo acerca da sua acção sobre a economia (\*); contudo esta Sociedade pelos seus membros correspondentes do Imperio do Brasil poderá occorrer a esta falta, e prestar um valioso serviço á industria d'aquelle paiz, e á medicina da Europa, fornecendo-lhe mais uma draga tão pouco conhecida entre nós.

Sala das Sessões da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, em 17 d'Abril de 1852.

O Socio Honorario

*C. M. F. da Silva Beirão.*

*(J. da S. das Sciencias Medicas de Lx. T. X. Junho.)*

---

(\*) No Museu de productos d'Historia Natural do paiz, que estamos criando na Sociedade Pharmaceutica, e onde além dos productos indigenas, vamos reunindo uma collecção typica de drogas exoticas, temos um bom exemplar de gomma d'angico. Os nossos Collegas, querendo, poderão alli estudal-a.

*Sousa Telles, Junior.*



## REVISTA DOS JORNAES.

(OUTUBRO.)

**Concurso para o logar d'ajudante da Real Botica de Madrid.** — A Rainha d'Espanã determinou que o logar de terceiro ajudante da Real Botica de Madrid fosse provido por concurso. Os oppositores devem no espaço de trinta dias, contados desde aquelle em que se publicou o programma, provar que sempre tiveram boa conducta moral; que são doctores ou licenciados em Pharmacia; que não teem mais de trinta annos de idade; e que obtiveram nas suas carreiras litterarias as melhores notas d'applicação e aproveitamento.

No dia destinado para o concurso subjeitar-se-hão, no local da Real Bôtica, ás seguintes provas:

1.<sup>a</sup> Devem compor e escrever em castelhano, no espaço de dez horas, um discurso sobre o ponto que lhes sahir por sorte; valendo-se para isso dos livros, que quizerem, mas sem intervenção de pessoa alguma. Estes discursos, assignados e guardados pelo Secretario, serão opportunamente entregues a seus auctores para os lerem perante o jury e os mais concurrentes.

2.<sup>a</sup> Cada um dos concurrentes descreverá e determinará tres productos d'Historia Natural usados em Pharmacia, que tenham sabido por sorte, dando-se-lhe duas horas para se preparar.

3.<sup>a</sup> Obterão, seguindo-se egual formalidade, dous ou mais productos pharmaceuticos, explicando depois os processos que seguiram.

4.<sup>a</sup> Reconhecerão varios objectos de Materia Pharmaceutica, que se lhes apresentarem, patenteando a respeito de cada um d'elles os conhecimentos scientificos que tiverem, e ultimamente occupar-se-hão por algumas horas, em aviar receitas; respondendo em cada um dos referidos exercicios ás perguntas que o jury julgar conveniente fa-

zer-lhes. O agraciado não poderá ter botica por sua conta ou de sociedade, nem desempenhar encargos que se opponham á continua e indispensavel assistencia na Real Botica.

Transcrevemos este programma para que se saiba como no reino visinho se attende para as cousas de sciencia. Bom seria que em Portugal certos logares de Pharmaceuticos se provessem assim. Seria estimulo para os concorrentes e garantia para os estabelecimentos.

**Medicos e Cirurgiões em Espanã.** — Segundo o Dr. Mendez Alvaro ha em Espanã mais de 13:000 Medicos e Cirurgiões.

**Envenenamentos.** — No dia 5 do corrente mez appareceu envenenada toda uma familia em Miranda de Corvo; descobrio-se que na comida existia arsenico. Felizmente ninguem morreu, e capturou-se o individuo que se suspeita ter propinado o veneno.

No dia 13 foi envenenada a familia de um moleiro da villa de Soure chamado Joaquim dos Santos Mattos; morreu uma criança de nove annos. Prendeu-se o propinador.

**Ruibarbo falsificado.** — Lê-se no Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias do Sr. José Tedeschi o seguinte. Prevenimos os nossos Collegas que se acautelem contra uma grande porção de ruibarbo deteriorado, que actualmente existe no commercio de drogas em Lisboa. O seu aspecto exterior não é de todo máo; porém cortado ou quebrado acha-se por dentro cheio de caruncho, e sem ter nem o cheiro nem o sabor que é proprio de tal droga!

**Associação industrial Portuense.** — Recebemos o numero quatro do Jornal d'esta associação. Agrada-nos o modo por que está escripto. Bom será que a redacção continue a dar logar so a artigos elementares, e que não admitta escriptos pomposos que não são os de que o nosso publico mais necessita. Os sabios tem livros; os pouco instruidos gostam e precisam de jornaes d'estes. A nota ao artigo Maillehort foi uma boa ideia. A redacção comprehendeu bem que ha muita gente que ignora certas cousas, mas

que tem pejo de as perguntar; um jornal como o da Associação industrial leva-lhe a instrução pela porta dentro, e poupa-lhe darem o braço a torcer ou ficarem sempre em duvidas. O artigo Hygiene pareceu-nos bem; ligeiro e substancial. Lembramos ao seu auctor que mais portuguez e intelligivel seria dizer = ar livre = do que *grande ar*.

**Gazeta Medica do Porto.** — Este importantissimo jornal, redigido pelo sabio cirurgião João Ferreira, Demonstrador das Cadeiras de Cirurgia na Eschola Medico-Cirurgica do Porto, deixou de publicar-se nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro; porém continuará a aparcer todos os mezes. Temos presente o primeiro numero do 7.º volume. E' um jornal digno de se ler.

**Venda de nitrato de prata.** — O Sr. José Mendes Pinto d'Azevedo, em um artigo que publicou na Gazeta Medica do Porto, lastima a facilidade com que os Pharmaceuticos e os Facultativos dispensam aos infermeiros o nitrato de prata fundido para cauterisação de callos, verrugas, ulceras &c. e cita, como prova dos gravissimos danos que muitas vezes resultam de tal abuso, dous casos por elle observados em que, para remediar os males produzidos pela imprudente applicação da pedra infernal, lhe foi necessario recorrer a operações cirurgicas; tendo, no primeiro, de amputar um dedo do pe; e no segundo dous tumores do labio. Não ha muito tempo um charlatão, que cura, aqui em Lisboa, receitou a uma senhora do nosso conhecimento, para destruir um callo que tinha no dedo minimo do pe esquerdo, o seguinte: agua forte 20 réis; dizendo-lhe, depois de feita a receita, que fosse comprar aquella *aguazinha* a algum drogista, e que molhasse com ella o callo muitas vezes por dia. A senhora assim o fez, porém teve de recorrer a um cirurgião para remediar os effeitos do *remedio*, e esteve bastante doente. Bom é ser cauteloso na venda de medicamentos energicos; porém custa sobremaneira vêr a sobrançeria com que o povo ameaça os Pharmaceuticos, que se recusam a vender certas substancias, e ouvir-lhe estas palavras, desgraçadamente verdadeiras: « ah!

não quer vender; pois vou ao droguista que me vende tudo o que eu quero » e quando Deus é servido invocam a practica de estabelecimentos, superiores a drogarias.

**Iode e bromio nas aguas (processo para a sua separação, e para a determinação das misturas dos dous corpos).** — Encontramos, com este titulo, um artigo no J. de Ch. Med. Ph. e Tox. que publicamos a fim de que os nossos Collegas o possam comparar com o que nos enviou o Sr. Eugene Marchand, e que se publica n'este folheto, pag. 317. = Processo do Sr. Henry. = Tomam-se 25 a 30 litros d'agua ou d'um liquido aquoso no qual se suspeita existirem bromio e iode, lança-se-lhe directamente um pequeno excesso de soluto, muito acido, de nitrato de prata. Depois de feita esta operação deixa-se o liquido em repouso, até que se deposite todo o precipitado, que se separa pelo filtro, e lava cuidadosamente.

Introduz-se este precipitado em uma proveta com uma certa quantidade d'agua distillada, ajuncta-se-lhe limalha de zinco e acido sulphurico puro (é necessario que o zinco seja em excesso). Logo que estas substancias estam em contacto a agua decompõe-se e o hydrogenio evolve-se. Quando cessa o desinvolvimento d'este, filtra-se por meio d'uma mecha de algodão e obtem-se um liquido claro, que pode conter sulphato, chlorureto, iodureto, e bromureto de zinco. Introduz-se este liquido em um tubo, e ajuncta-se-lhe: 1.º uma solução d'amido preparada pouco tempo antes; 2.º ether sulphurico; e depois agita-se o liquido. Quando a mistura está feita lança-se-lhe gotta a gotta agua saturada de chloro, ou um composto resultante da acção a quente do acido chlorhydrico puro sobre o chlorato de potassa, composto que contém chloro e acido hypochloroso.

Em resultado d'esta mistura e da agitação, se existir iode no liquido examinado formar-se-ha *iodureto de amido*, de *côr azul* que se reunirá no fundo do tubo. Se o liquido contiver bromio, o ether appresentará uma *côr amarella* ou *côr de açafão alaranjada*. Pode-se por meio d'uma pipeta separar o soluto ethereo do bromio, do io-

doreto de amido; e a prata pode servir e preparar de novo o azotato do mesmo metal.

Sousa Telles, Junior.

## PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 447, de 9 de Setembro de 1852.

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a Sessão pelas 7 horas da noute. Lida e approvada a acta da Sessão anterior.

O Sr. 1. Secretario deu conta da correspondencia, e dos objectos doados.

O Sr. Presidente appresentou uma proposta para Membro effectivo, que declarou urgente. Approvada a urgencia procedeu-se á votação, e ficou admittido Membro Effectivo o Sr. Joaquim José Alves, 2.º Pharmaceutico da Armada Nacional, com exercicio no Hospital da Marinha.

O Sr. J. J. de Sousa Telles appresentou, por parte do Sr. Dr. Pereira Caldas, uma proposta, assignada por varios Socios, de Candidato para Membro Honorario. Approvada a proposta, a Sociedade deliberou, que fosse remettida á Commissão de Direito Pharmaceutico.

O Sr. J. J. de Sousa Telles propoz, que se pedissem ao Ex.º Sr. Conselheiro Franzini as observações meteorologicas, que S. Ex.ª conserva ineditas, para se publicarem todos os mezes no nosso Jornal; bem como as que S. Ex.ª fôr fazendo no futuro. Foi approvada esta proposta com a restricção indicada pelo Sr. J. A. Rodrigues, a qual é, o combinar com a Commissão de redacção o modo de satisfazer este pedido, a fim de que as observações sejam mais resumidas.

O mesmo Sr. Sousa Telles, Junior, appresentou, por parte da Commissão especial, o parecer ácerca da molestia das uvas,

e considerado urgente entrou em discussão; depois de varias observações feitas pelos Srs. Telles Junior, A. Carvalho, A. Rodrigues, e Telles Senior, approvou-se que o parecer fosse remettido á Redacção do Diario do Governo, como indicou o Sr. A. Rodrigues, em substituição ao pedido por parte da Commissão, para que fosse remettido a todos os Jornaes politicos.

O Sr. Presidente observou que a Illustre Commissão, cujo parecer acabava de ser approvado, se tinha tornado benemerita da Sociedade, satisfazendo tão cavalheiramente ao seu pedido, propoz que na acta se lhe consignasse um voto de louvor. Esta indicação foi pela Sociedade approvada.

Sendo nove horas e meia fechou o Sr. Presidente a Sessão.

*Acta n.º 448, de 30 de Setembro de 1852.*

Presidencia do Sr. José Tedeschi.

Foi aberta a Sessão pelas 7 horas da noute. Lida e approvada a acta da ultima Sessão.

O Sr. 1.º Secretario participou á Sociedade ter fallecido o nosso Consocio o Sr. Antonio Feliciano Lopes, bem como ter continuado a saber dos Srs. J. D. Corrêa, J. de S. Pereira, e C. das Dores Lourenço.

Passando á correspondência, mencionou, entre outros, um officio do Sr. Antonio Candido Pereira da Cunha, em nome do Ex.<sup>mo</sup> Enfermeiro Mór do Hospital de S. José, acompanhando as observações feitas, pelo Sr. J. P. Barbal n'alguns doentes da Enfermaria de S. Francisco, com a pommada mercurial preparada com o oxydo negro de mercurio.

Foram lidas estas observações, e o Sr. Presidente propoz que se imprimissem.

O Sr. J. A. Rodrigues fez vêr, que sendo pouco concludentes, segundo se deduzia do enunciado d'ellas, julgava que se não deveriam imprimir, sem que observações mais conscienciosas esclarecessem melhor a questão.

O Sr. Telles, Senior, foi da mesma opinião, e pondo-

se á votação a proposta do Sr. A. Rodrigues foi approvada pela Sociedade; deliberando, com tudo, que se agradecesse a S. Ex.<sup>a</sup> o ter-se prestado ao pedido da Sociedade.

O Sr J. A. Rodrigues participou, que estava coordenando e fazendo algumas experiencias com a gomma d'anguico, da qual o Sr. Dr. Beirão tractara n'um artigo publicado no Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas.

Teve logar a leitura d'um artigo, do Sr. J. A. Rodrigues sobre materias scientificas, o qual a Sociedade deliberou que fosse remettido á Commissão de Redacção.

Encerrou-se á Sessão pelas oito horas e meia.

*Manuel Vicente de Jesus,*  
2.º Secretario.

Estadística da Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, do seu 17.º Anno Litterario, findo em 23 de Julho de 1852.

Representações dirigidas ao Governo de Sua Magestade.....	3
Portarias, Officios, e Cartas recebidas de.....	
} diferentes Auc-	
} toridades....	95
} Corpos Collectivos, e Mem-	
} bros da Sociedade, &c....	
Officios, e Circulares expedidas a.....	170
Diplomas passados a diversos Membros.....	21
Titulos passados aos Funcionarios da Sociedade..	30
"    "    " Delegados, 1.ºs e 2.ºs Sub-Delegados.....	123
Consultas da Sociedade.....	4
Actas das Sessões da Sociedade.....	21
Folhetos do 2.º T.º da 2.ª Serie (n.ºs 8 a 12)...	5
"    "    " 3.º T.º da 2.ª Serie (n.ºs 1 a 7)....	7

Lisboa e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 29 de Julho de 1852.

*Henrique José de Sousa Telles,*  
1.º Secretario.

---

## DIVERSIDADES.

---

*Melhoras.* — Felizmente o nosso amigo e Collega o Sr. José Dionysio Corrêa vae melhor do gravissimo padecimento que noticiámos em o numero passado d'este Jornal. Até hoje (24 de Outubro) ainda se não tem achado em estado de sahir. Esperamos brevemente annunciar o seu restabelecimento.

*Viagem pharmaceutica á Exposição universal de Londres.* — Recebemos este importante escripto do Sr. Dorvault, que os nossos Collegas folgarão de ler. Como para se completar o presente volume d'este Jornal so faltam dous numeros, e a *Viagem pharmaceutica* se não poderia, convenientemente publicar n'elles, tencionamos, começar a imprimil-a no folheto de Janeiro do proximo futuro anno.

Pedimos com todo o empenho aos nossos Collegas de todo o Reino e do Ultramar, o especial obsequio de nos enviarem quaesquer exemplares que tenham de drogas raras no nosso commercio, ou menos bem conhecidas, para o Museum que estamos fundando na Sociedade. Concorrendo todos poderemos conseguir um resultado a que difficilmente chega um so. Pela minha parte communicarei, sem reserva, aos meus Collegas quaesquer resultados uteis que obtenha d'este estudo practico a que desejo dedicar-me.

*Sousa Telles, Junior.*

---

*Errata.* — Pag. 247 — do N.º 8 do tom. 3.º — linhas 20 — em lugar de José Antonio Lopes — *deve ler-se* — José Maria Rebocho.



## PHARMACIA.

### Cigarros medicamentosos.

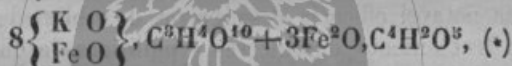
O stramonio, a cicuta, a camphora, o sublimado corrosivo, pela facilidade com que se volatilizam, são muitas vezes empregados debaixo da forma de cigarros, umas vezes isoladamente, outras vezes, servindo como de excipiente do tabaco, privado da nicotina; porém não se tinha ainda tido a ideia de generalisar a maior numero de medicamentos esta forma de administração, que sem duvida pode applicar-se a todas as substancias organicas ou inorganicas facéis de volatilisar. O Sr. Dr. Landerer, impressionado da notavel efficacia dos cigarros de sublimado corrosivo no tractamento das úlceras syphiliticas da garganta tentou algumas experiencias com um certo numero de medicamentos, que applicou debaixo desta forma. Assim empregou cigarros preparados com tabaco, privado de nicotina, e impregnado de tinctura de iodo, d'uma solução de iodureto de mercurio no ether sulphurico, ou d'uma solução de iodureto de potassio, de que tem tirado vantagens em casos de ulceras syphiliticas da garganta e nariz. Tem egualmente conseguido calmar, sem que se tenha dado o narcotismo, muitas tosses convulsas rebeldes, fazendo fumar a seus doentes cigarros preparados com tabaco, privado de nicotina, e impregnado d'uma solução etherea de meimendo. Egualmente tem empregado com vantagem, contra as ulcerações escorbúticas das gengives, o fumo do tabaco, privado de nicotina, e humedecido com um soluto de creosota no ether e alcohol. Tosses hystericas e spasmodicas tem sido modificadas com a tinctura de almiscar empregada da mesma maneira: fazendo fumar o tabaco, privado tambem da nicotina, e embebido d'um soluto alcoholico de acetato de morphina, tem elle tirado quasi de repente as mais fortes dôres de dentes, e curado accessos hystericos dos mais graves. Tem egualmente empregado da

2.<sup>a</sup> Serie, T. III. — N.º 11.

mesma maneira o liquor de Fowler. O que se pode concluir das experiencias do Sr. Landerer é que se pode administrar um grande numero de substancias d'esta maneira, bem como que em certos casos se pode substituir este ao methodo da medicação ordinaria. (J. de Ph.)

**Preparação do tartrato duplo de potassa e de ferro (holas de Nancy); pelo Sr. Wittstein.**

Segundo o Sr. Wittstein, é impossivel obter este sal com uma composição constante empregando o ferro metallico. A preparação contém n'este caso uma notavel quantidade d'um composto insolvel. Para preparar o tartrato duplo de potassa e de ferro solvel, do qual a composição se representa pela formula



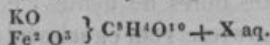
O Sr. Wittstein dissolve 3 partes de ferro em 8 partes de acido sulphurico diluido em 32 partes d'agua: o soluto filtrado é tractado pelo acido azotico de 1,2 de densidade ( $3\frac{1}{2}$  partes pouco mais ou menos) até que o protoxydo de ferro seja transformado em sesquioxido.

Precipita-se este oxydo por um excesso d'ammoniacco, e depois de ter lavado o precipitado por decantação, introduz-se no estado de pasta branda n'um balão, e juntam-se 16 partes de cremor de tartaro em po, e 2 partes de carbonato de potassa. Faz-se digerir esta mistura em banho d'area até que tudo esteja dissolvido: o soluto é depois evaporado até á seccoira n'uma capsula de porcellana.

Quando se quer dar á preparação a forma de holas, reduz-se a po e bate-se n'um gral com uma pouca d'agua.

(J. de Ph.)

(\*) Esta formula de certo que não está exacta. Operando, como diz o Sr. Wittstein, o sal não deve conter senão sesquioxido de ferro, e sua composição deve ser representada pela seguinte formula



**Xarope de capillaria.**

A falta d'uniformidade nos caracteres d'alguns preparados, induz muitas vezes os consumidores, e os mesmos practicos a duvidas, e suspeitas quasi sempre prejudiciaes ao credito do pharmaceutico, ou manipulador.

E' verdade que certos accidentes, não constituem a bondade, e excellencia dos preparados, e o nosso Dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, que bastante escreveu, anathematisava sempre, os que prestavam a estas trivialidades, demasiada attenção. Com tudo esta doutrina tem, como quasi todas, suas conveniencias, e desconveniencias, e casos ha em que a cõr d'um preparado influe bastante para a sua apreciação, ainda que esta circumstancia não tenha relação alguma com as suas propriedades medicinaes.

Ha algum tempo que apparece, em alguns estabelecimentos, um xarope a que dão o nome de — *xarope de capillaria* — ; é perfeitamente incolor; tem a densidade ordinaria do xarope simples, e como elle é inodoro, excepto quando o aromatisam com agua de flor de lorangeira, ou com essencia de cidra. Não apresenta, por conseguinte, vestigio algum caracteristico da *capillaria*. Aconteceu mesmo que, mandando-se buscar a uma pharmacia, algumas onças de xarope d'avenca, deram o que naturalmente deviam dar, isto é, um xarope ligeiramente corado em razão do infuso da planta com que se costuma fazer. Mandando-se repetir a receita, o portador foi a outra parte, e trouxe o xarope branco, como acima o descrevemos. Este facto deu logar a serias altercações de parte a parte, ficando sempre a razão duvidosa, como o credito do manipulador.

Com effeito, nós tivemos occasião, de verificar, que o xarope incolor, não era outra cousa mais do que um xarope simples feito com assucar de lasca, e aromatisado convenientemente, circumstancia que pouco influe, talvez, no character do preparado, attendendo á sua simplicidade, e aos fins para que se destina. Ainda assim, quizemos experimentar, se poderiamos conseguir um xaro-

pe incolor, em que entrasse todavia a capillaria. Preparamos o xarope d'avenca, pela formula ordinaria, e o passamos depois de frio atravez do carvão animal purificado, fizemos o mesmo a uma porção do infuso, tambem frio. Este depois de filtrado, ficou ainda com bastante côr, e o mesmo succedeu ao xarope, do qual o carvão reteve embebida, quasi a terça parte; operámos com quatro onças de xarope, sobre duas de carvão.

Fizemos nova tentativa, não so para obter o xarope d'avenca branco, mas para evitar que elle fosse, em grande parte, embebido pelo carvão. Preparado o infuso misturamos em oito onças ainda quente, uma e meia de carvão, e filtrámos; a differença da filtração a quente, foi notavel; o infuso, logo á primeira vez, ficou totalmente incolor; esta circumstancia facilitou-nos o poder preparar o xarope, sem o submeter á acção do carvão, evitando assim o desperdicio da parte d'elle, que o carvão retinha. Pesámos 8 onças d'infuso descorado; dissolvemos n'ella, a favor d'um brandissimo calor 16 onças d'asucar de 100 réis o arratel da Fabrica da Junqueira, e o filtrámos ainda quente.

Este methodo, é facil, e economico; não se perde nada, como fica dito, por isso que se não dá a circumstancia d'empregar o carvão, se não para descorar o infuso, e sendo o xarope assim filtrado, dispensa a clarificação, ao mesmo tempo que *justifica* o titulo que se lhe dá de — *xarope de capillaria*.

Não é da nossa intenção, fazendo estas observações, approuvar, ou contrariar a practica da descoloração dos xaropes; tambem não faremos questão d'esta practica, para mostrar se ella é ou não racional; se ao preparado se augmentam ou diminuem as suas virtudes medicamentosas; isso pertence aos Clinicos, porém não podemos deixar de ponderar a possibilidade de graves modificações, mui principalmente em certas substancias ao passarem pelo carvão, mórmente se este não foi bem, e devidamente purificado, ao mesmo tempo que a descoloração parece não offerecer outra vantagem mais, que a privação da